



Università  
Ca' Foscari  
Venezia

Corso di Laurea  
Magistrale  
in Scienze del  
Linguaggio  
(LM-39)

Tesi di Laurea

**Memória, trauma e ancestralidade  
em *Ponciá Vicêncio*:  
uma proposta de tradução**

**Relatrice**

Ch.ma Prof.ssa Vanessa Castagna

**Correlatrice**

Ch.ma Prof.ssa Mônica Muniz de Souza Simas

**Laureanda**

Jessica Chirco

Matricola 860186

**Anno Accademico**

2021 / 2022



## **ABSTRACT (IT)**

La presente tesi ha come obiettivo quello di presentare una proposta di traduzione di *Ponciá Vicêncio* (2003), un romanzo della autrice afrobrasileiana contemporanea Conceição Evaristo. L'opera tratta la memoria traumatica associata al passato schiavista del Brasile e il recupero dell'ascendenza africana come “cura” del trauma della schiavitù e come strumento di resistenza all'oppressione e di formazione dell'identità nera perduta e distorta. Dopo una breve analisi e contestualizzazione dell'opera e della nostra proposta di traduzione, verrà presentato un commento sulle nostre scelte traduttive dei realia e delle parole o espressioni che rimandano a una visione stereotipata e discriminatoria degli afro-discendenti. Poiché il romanzo ha una dimensione politica di denuncia dell'oppressione e della marginalizzazione della popolazione nera, la traduzione dell'opera che proponiamo in questa tesi è fondata su un atteggiamento militante e antirazzista al fine di problematizzare e decolonizzare la lingua e sensibilizzare il pubblico di riferimento italiano rispetto a tali questioni.

**PAROLE CHIAVE:** Conceição Evaristo, Ponciá Vicêncio, Memoria traumatica, ascendenza, traduzione

## **RESUMO (PT-BR)**

A presente pesquisa visa apresentar uma proposta de tradução de *Ponciá Vicêncio* (2003), romance da autora afro-brasileira contemporânea Conceição Evaristo. Esta obra aborda a memória traumática associada ao passado escravocrata do Brasil e a recuperação da ancestralidade africana como “cura” do trauma da escravidão e como instrumento de resistência à opressão e de formação da identidade negra perdida e deturpada. Depois de uma breve análise e contextualização da obra e da nossa proposta de tradução, será apresentado um comentário sobre as nossas escolhas de tradução dos *realia* e de palavras ou frases que remetem para uma visão estereotipada e discriminatória dos afrodescendentes. Como o romance tem uma dimensão política de denúncia da opressão e marginalização do sujeito negro, a tradução da obra que propomos neste trabalho assenta numa atitude militante e antirracista, a fim de problematizar e descolonizar a linguagem e sensibilizar o público-alvo italiano com respeito a estes assuntos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Conceição Evaristo, Ponciá Vicêncio, Memória traumática, Ancestralidade, Tradução

## **ABSTRACT (EN)**

This thesis aims to present our proposed translation of *Ponciá Vicêncio* (2003), a novel by the contemporary Afro-Brazilian author Conceição Evaristo. This novel addresses the traumatic memory associated with Brazil's legacy of slavery and the reclaiming of the African ancestry as a form of healing, resistance to oppression and formation of the lost and misrepresented black identity. After a brief analysis and contextualization of the novel and our proposed translation, we will comment on our translation choices of the *realia* and words or expressions that suggest a stereotypical and discriminatory vision of afro-descendants. As the novel has a political dimension of denouncing the oppression and marginalization of black people, the translation of the novel we propose in this thesis

is based on a militant and antiracist approach, in order to problematize and decolonize the language and raise the Italian target public's awareness about these issues.

**KEY WORDS:** Conceição Evaristo, Ponciá Vicêncio, Traumatic Memory, Ancestry, Translation

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	6
CAPÍTULO I	
ATOS DE RESISTÊNCIA NA TRAJETÓRIA E NA ESCRITA DE CONCEIÇÃO	
EVARISTO .....	10
I.1 Vida e obra da escritora afro-brasileira .....	10
I.2 Algumas reflexões sobre o conceito de literatura afro-brasileira .....	18
I.3 Memória, trauma e ancestralidade em <i>Ponciá Vicêncio</i> .....	26
CAPÍTULO II	
<i>PONCIÁ VICÊNCIO</i> : UMA PROPOSTA DE TRADUÇÃO .....	35
CAPÍTULO III	
DESAFIOS NA TRADUÇÃO DE <i>PONCIÁ VICÊNCIO</i> .....	104
III.1 O caminho editorial de <i>Ponciá Vicêncio</i> e a recepção da obra evaristiana .....	104
III.2 Desafios da tradução de <i>Ponciá Vicêncio</i> .....	107
III.2.1 Desafios lexicais: itens culturais específicos e termos-chave .....	108
III.2.2 Assimetrias sintáticas .....	120
III.2.3 Algumas escolhas tradutórias para uma tradução militante .....	121
CONCLUSÕES .....	128

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....132

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho visa apresentar uma proposta de tradução de *Ponciá Vicêncio*, romance de Conceição Evaristo, uma das escritoras, pesquisadoras e ativistas afro-brasileiras contemporâneas mais influentes. Toda a sua produção literária é marcada pela sua condição de mulher, negra e de origem favelada e configura-se como um poderoso instrumento de resiliência e resistência contra o silenciamento imposto aos autores e autoras afro-brasileiros, que ainda hoje lutam para saírem do lugar marginal que lhes foi injustamente reservado ao longo dos séculos.

Vencedora do Prémio Jabuti em 2019 como Personalidade Literária do ano, aclamada pela crítica e estudada em muitos trabalhos académicos tanto no Brasil como no estrangeiro, Conceição Evaristo é hoje um dos nomes mais importantes da literatura (afro)brasileira, tendo também muitas das suas obras traduzidas para outras línguas e com uma receção altamente positiva. A sua narrativa é caracterizada pelo “brutalismo poético” (DUARTE, 2006, p. 2), pela oralidade e pela presença de elementos da história e da cultura afro-brasileira. O romance do qual apresentaremos uma proposta de tradução foi escrito na década de 90 e publicado só em 2003, devido às dificuldades que as mulheres brasileiras, especialmente as de ascendência africana e oriundas de ambientes desfavorecidos, têm de enfrentar. Apesar dos desafios ligados às questões de género, etnia e classe, o romance ganhou mais duas edições e foi traduzido para a língua inglesa e francesa, o que demonstra a recente ampliação, mesmo que gradual e dificultada, da visibilidade da literatura afro-brasileira e da sua legitimação no cenário literário e editorial, tanto nacional como internacional.

*Ponciá Vicêncio* é um relato que retoma, através da memória da personagem principal epónimo, não só a história da escravização dos africanos e dos seus descendentes no Brasil, mas também as condições em que Ponciá e todos os africanos escravizados vivem no pós-abolição, as consequências da ordem escravocrata que perduraram durante longos anos e que perduram até hoje. Ambientado no início do século XX, o romance narra a história de uma mulher afro-brasileira, Ponciá Vicêncio, que mora numa aldeia do interior do Brasil e que aos dezanove anos, cansada da exploração do trabalho negro nas plantações, da miséria e da resignação reinantes no espaço rural, decide partir para a cidade, que no texto permanece inominada e representa um espaço urbano qualquer

(OHMER, 2012, p. 67). A sua chegada à cidade coincide com o colapso dos seus sonhos, das suas esperanças e expectativas sobre a possibilidade de melhorar as suas condições de vida, uma vez que a sua nova vida na periferia da cidade revela a manutenção da desigualdade étnico-racial na sociedade brasileira contemporânea. Forçada a viver num barraco da favela e a trabalhar como doméstica para mulheres brancas ricas, Ponciá mergulha lentamente num vazio existencial, que nada mais é do que a “herança” deixada pelo seu avô e pelos seus antepassados, isto é, o trauma do passado escravocrata, que ela tentará dolorosamente reelaborar e superar, através da reconstrução da memória, individual e coletiva. O reencontro com a sua família, a sua terra e a ancestralidade africana, baluartes de resistência contra a opressão, será a cura para o trauma herdado e o meio pelo qual Ponciá redescobrirá e reparará a sua identidade lesada e perdida. Como se desenvolve através da memória da protagonista, a narrativa não é linear, mas caracterizada por *flashbacks*, digressões, fluxos de pensamentos e lembranças, criando uma viagem entre diferentes dimensões espaciais e temporais, já que a memória é um articulado processo de ida e volta no tempo.

Considerando a literatura como parte complementar da história, Conceição Evaristo, através do texto ficcional e dos relatos e das emoções das personagens, visa tanto informar como sensibilizar o leitor, para que este possa compreender melhor a realidade brasileira, refletir sobre a condição dos brasileiros de ascendência africana e sobre o importante papel do povo afro-brasileiro na construção histórica e cultural da nação. Tendo em conta os propósitos da autora ao escrever e publicar *Ponciá Vicêncio*, escolhemos traduzir esta obra com a intenção de contribuir idealmente para uma maior visibilidade da literatura produzida por sujeitos historicamente oprimidos, silenciados e deixados à margem, tanto na sociedade como no meio literário e editorial.

No primeiro capítulo introduziremos a autora e o seu romance. Em primeiro lugar, ilustraremos a trajetória da autora, mostrando como as suas vicissitudes e as dificuldades ligadas à discriminação étnica, de género e de classe marcaram profundamente a sua pessoa e a sua produção literária. Em seguida, apresentaremos algumas considerações, com bases nas reflexões de Eduardo de Assis Duarte (2014) e outros, sobre a literatura afro-brasileira, na qual a obra evaristiana se insere, a fim de destacar o seu lugar e papel dentro e fora do cânone literário brasileiro e a sua importância tanto na luta contra o saber hegemónico como na valorização, graças à autorrepresentação, dos sujeitos que durante



séculos foram silenciados ou estereotipados. Por fim, analisaremos alguns temas selecionados da obra traduzida, nomeadamente a memória, o trauma da escravatura e a recuperação da ancestralidade africana como meio de reconstrução identitária e de resistência.

No segundo capítulo, apresentaremos a nossa proposta de tradução do romance, e no terceiro e último capítulo, comentaremos os desafios enfrentados no processo tradutório. Sendo uma obra afro-brasileira e, portanto, rica em referências históricas e culturais, que constituem um desafio na hora de traduzir, discutiremos as dificuldades encontradas e justificaremos as escolhas tradutórias relativamente aos *realia* ou itens culturais específicos, a certos aspetos semânticos e, por fim, aos termos que são hoje rejeitados pela comunidade afrodescendente e pelo movimento negro, tais como “escravo/a” e “mulato/a”, com base nos trabalhos de Louise von Flotow (1991), Elizabeth Harkot de la Taille e Adriano Rodrigues Santos (2012) e outros, devido à sua carga racista, que torna necessárias a problematização e reformulação destes termos, inclusivamente como ato de resistência.



# CAPÍTULO I

## ATOS DE RESISTÊNCIA NA TRAJETÓRIA E NA ESCRITA DE CONCEIÇÃO EVARISTO

### **I.1 Vida e obra da escritora afro-brasileira**

Maria da Conceição Evaristo de Brito é uma poetisa, romancista, contista e ensaísta brasileira afrodescendente. Nasceu em Belo Horizonte, Minas Gerais, em 29 de novembro de 1946, e passou os primeiros anos da sua infância na extinta favela do Pindura Saia. Evaristo é a segunda de nove filhos, cinco dos quais nasceram da união da mãe, Joana Josefina Evaristo, lavadeira, com o seu padrasto, Aníbal Vitorino, pedreiro. O vazio deixado pela ausência do pai foi colmatado pela presença do padrasto e da tia materna, que foi para ela uma segunda mãe (EVARISTO, 2009).

Criada num ambiente marginalizado como o da favela, caracterizado pela precariedade e profundamente marcado por desigualdades raciais e de classe, Evaristo teve de enfrentar desde tenra idade a sua condição de mulher negra e pobre. Ela recorda a perplexidade que experimentou quando era ainda criança ao ler a sua certidão de nascimento, na qual foi identificada como “um bebê do sexo feminino e de cor parda”, afirmando: “impressionava-me desde pequena essa cor parda. Como seria essa tonalidade que me pertencia? Eu não atinava qual seria. Sabia sim, sempre soube que sou negra” (EVARISTO, 2009).

Apesar das suas origens humildes e das prementes necessidades de sustentamento, a sua família sempre apoiou a importância da escolarização das crianças, o que provaria ser um forte meio de resgate social para Evaristo. Em comparação com os seus outros irmãos e irmãs, Evaristo foi facilitada pela decisão da mãe de a mandar viver na casa da sua irmã mais velha, Tia Lia, e do marido desta, Tio Totó. Embora também os dois fizessem trabalhos menores, sendo a tia lavadeira e o tio pedreiro, tal como os pais de Evaristo, eles não tinham filhos e, portanto, enfrentavam menos dificuldades financeiras

(EVARISTO, 2009); o casal poderia certamente garantir a educação daquela criança com apenas sete anos e já aplicada nos estudos.

Desde cedo, a fim de contribuir economicamente para a subsistência da família, Evaristo começou a trabalhar como ama para as crianças da favela e como empregada doméstica nas casas de professores e professoras, muitas vezes em troca de aulas particulares e material didático para si e para os seus irmãos e irmãs (EVARISTO, 2009). Já na sua infância se delineou a sua vocação para o ensino, fruto das exortações da sua família para proporcionar aos seus filhos e filhas uma educação digna, e ao mesmo tempo da crescente consciência de Evaristo sobre a importância da educação para quebrar o silêncio imposto às classes subalternizadas. Por esta razão, na época em que começou a cuidar dos seus irmãos e irmãs e, mais tarde, das outras crianças da favela, Evaristo improvisou uma espécie de escola ao ar livre no quintal da sua casa, onde transmitia os seus conhecimentos às crianças e podia assim ganhar o seu primeiro pequeno salário (EVARISTO, 2020a, p. 52).

Como a mãe de Evaristo desejava que os seus filhos e filhas recebessem uma educação decente e de qualidade, decidiu matriculá-los numa das escolas públicas da capital mineira, geralmente frequentadas pela classe média alta. Esta escolha foi também motivada pelo facto de as escolas das áreas mais pobres oferecerem um ensino inadequado. Para Evaristo, a escola foi uma experiência profundamente traumática e uma precoce tomada de consciência da condição de segregação social, baseada na desigualdade racial e de classe, na qual a população afro-brasileira se encontrava. No curso primário Evaristo experimentou um “apartheid” escolar (EVARISTO, 2009). Tratava-se dum edifício de dois andares, visivelmente distinguíveis até aos olhos de uma criança: no andar superior havia os alunos brancos, todos oriundos da classe média alta, encorajados ao estudo e à participação em concursos que recompensavam os seus esforços; no andar inferior havia os alunos parecidos com ela e os seus familiares e vizinhos de casa, pobres e de pele escura, para os quais estava reservado um tipo de ensino reduzido ao essencial e desprovido de estímulos. A clara separação dos estudantes dentro da escola, baseada na etnia e na classe social, tinha as suas raízes no passado escravocrata do Brasil, cujos vestígios eram e continuam a ser evidentes nas estruturas sociais contemporâneas. Evaristo associa as pessoas escravizadas amontoadas nos navios com as crianças negras e pobres “amontoadas” no andar da escola que lhes era destinado:

“minhas irmãs, irmãos, todos os alunos pobres e eu sempre ficávamos alocados nas classes do porão do prédio. Porões da escola, porões dos navios” (EVARISTO, 2009).

Contudo, Evaristo destacou-se desde o início como uma estudante inquieta, inteligentemente barulhenta, uma daquelas que questiona adultos e professores *ad nauseam*, atraindo tanto os gostos de alguns como as aversões de outros. A este respeito, Evaristo afirma: “[os professores] esperavam certa passividade de uma menina negra e pobre, assim como da sua família. E não éramos. Tínhamos uma consciência, mesmo que difusa, de nossa condição de pessoas negras, pobres e faveladas” (EVARISTO, 2009). Ela até se apresentava nos eventos escolares sem ser convidada, com a revolucionária determinação de alcançar o andar, também num sentido metafórico, dos privilegiados. E assim foi: graças aos seus excelentes resultados escolares, na passagem à quarta série conseguiu ser transferida para uma turma do andar superior, apesar da discordância de alguns professores. Em 1958, no final do curso primário, a sua perseverança foi recompensada com um prêmio estudantil por ter ganho um concurso de redação intitulado *Por que me orgulho de ser brasileira* (EVARISTO, 2009).

Embora a compreensão do mundo em idade infantil seja limitada, Evaristo já tinha compreendido em criança as precárias condições de vida em que ela e a sua gente eram forçadas a viver, como acima mencionado, e na redação de textos escolares deleitava-se em inventar histórias, fugindo assim aos limites espaciais da favela e à miséria do cotidiano. Já tinha percebido, também graças às mulheres que a criaram, conscientes da importância da leitura para a compreensão do mundo, que ler não era suficiente porque se reduzia a uma ação, embora relevante, que era passiva: daí a sua necessidade impelente de escrever, que graças ao dinamismo deste ato, lhe permite não só sonhar e fugir da realidade, mas também e sobretudo inserir-se nela e modificá-la. A tomada de consciência desta dupla possibilidade de ação necessária ligada à escrita é descrita por Evaristo desta forma: “[...] aos poucos fui ganhando uma consciência. Consciência que compromete a minha escrita como um lugar de auto-afirmação de minhas particularidades, de minhas especificidades como sujeito-mulher-negra” (EVARISTO, 2020a, p. 53).

Quando Evaristo tinha cerca de dez ou onze anos, Osvaldo Catarino Evaristo, um tio materno que tinha combatido em Itália durante a Segunda Guerra Mundial, mudou-se para a sua casa. Tendo obtido um emprego como servente na Secretaria de Educação, o tio aproveitou o seu regresso para estudar e desenvolver os seus talentos literários e

artísticos, tornando-se um ponto de referência para Evaristo, pois através das suas discussões e reflexões sobre a situação dos afrodescendentes na sociedade brasileira, ofereceu à sobrinha as suas “primeiras lições de negritude” (EVARISTO, 2009).

Outro acontecimento que constituiu um grande impulso para Evaristo em direção à leitura e conseqüentemente, mais tarde, à escrita, foi o acesso à Biblioteca Pública de Belo Horizonte, na qual uma das suas tias se tinha tornado servente, quando ela tinha onze anos. Evaristo fez desta biblioteca, que ela chama de “casa-tesouro” (EVARISTO, 2020a, p. 53), a sua segunda morada, o lugar onde encontrava as respostas às suas perguntas.

Após terminar o Curso Primário, Evaristo começou um Curso Ginásial, apesar de ter interrompido os seus estudos várias vezes, e aos dezassete anos envolveu-se ativamente no movimento juvenil JOC (Juventude Operária Católica), um grupo católico que abria e encorajava o debate sobre as barreiras da sociedade brasileira com base nos preceitos do catolicismo. Todavia, a questão racial era excluída do debate do movimento, que dava ênfase apenas à questão social (*apud* MACHADO, 2014, p. 250).

Em 1971, depois de anos e anos a conciliar os estudos e o trabalho como empregada doméstica, aos 25 anos Evaristo terminou o Curso Normal no Instituto de Educação de Minas Gerais, a fim de alcançar o seu objetivo de se tornar uma professora, um grande sonho que ela tinha acalentado desde a infância. No entanto, o período entre o final dos anos 60 e o início dos anos 70 foi particularmente conturbado para a sua família e os residentes da favela, já que naquela época foi iniciado em Belo Horizonte um processo de *desfavelamento*<sup>1</sup>. Este acontecimento só veio agravar as condições socioeconómicas da sua família, forçada como todas as outras a mudar-se para a periferia da capital mineira. Além disso, nessa altura, para iniciar uma carreira no ensino era necessária uma indicação por alguém socialmente mais privilegiado, e a condição de Evaristo e da sua família em Belo Horizonte era infelizmente marcada pela subalternidade às classes médias altas (EVARISTO, 2009). As famílias abastadas para quem Evaristo trabalhava ou tinha trabalhado quando criança nunca a apadrinhariam; opunham-se ao seu desejo de prosseguir os estudos e a carreira, por medo de perder alguém que pudesse continuar a trabalhar para eles: “não imaginavam e não queriam para mim um outro lugar

---

<sup>1</sup> “O final da década de 60 e início da década de 70 foi um período marcado por intenso trabalho de terraplenagem, demolições e construções naquela região, configurando-a como um grande canteiro de obras” (MELO, 2012, p. 37).

a não ser aquele que ‘naturalmente’ haviam me reservado. Houve mesmo uma patroa de minha tia [...] que fez a seguinte observação: ‘Maria, não sei porquê você esforça-se tanto para a Preta estudar!’” (*apud* DUARTE, 2006, p. 305).

Assim, impossibilitada de exercer a profissão a que aspirava na sua cidade, em 1973 candidatou-se e venceu um concurso para se tornar professora primária no Rio de Janeiro e, no mesmo ano, ajudada por alguns amigos, mudou-se para esta nova cidade para iniciar o seu primeiro emprego oficial. Foi no Rio de Janeiro que Evaristo se dedicou mais intensamente ao aprofundamento das questões raciais, que se tornaram o foco dos seus estudos e reflexões. Na década de 1970, o Rio de Janeiro estava impregnado por um Movimento Negro que travava batalhas cada vez mais intensas, estimuladas pelo Movimento Negro dos EUA, que reivindicava os direitos civis dos afro-americanos, e pelos movimentos de libertação do jugo colonial em África (MACHADO, 2014, p. 243-244).

A chegada de Evaristo ao Rio de Janeiro marca o início da sua verdadeira militância política, entendida como luta coletiva antirracista (MACHADO, 2014, p. 250-251). Ela própria afirma que 1973 é o ano em que descobriu os “valores negros como cultura, como possibilidade política” (*apud* MACHADO, 2014, p. 252). Enquanto os movimentos sociais das décadas de 1950 e 1960 visavam exclusivamente a assimilação e a recriação dos afrodescendentes no período pós-abolição, a partir da década de 1970 foram abraçados conceitos mais amplos da questão negra: a construção de uma identidade negra que deixava de se manter dentro das fronteiras nacionais e abraçava uma dimensão diaspórica, abrangendo os africanos das antigas colónias e os afrodescendentes da América do Norte e do Sul (MACHADO, 2014, p. 252). O momento histórico com que a trajetória de Evaristo se cruza e no qual ela própria está imersa, influencia profundamente o seu desenvolvimento pessoal, académico e profissional e a sua produção literária. A afirmação cada vez mais institucionalizada do Movimento Negro na sociedade brasileira vai de par e passo com a afirmação crescente de autoras e autores brasileiros de ascendência africana que produzem um *corpus* específico que se situa ao mesmo tempo dentro e ao lado da literatura nacional canónica, nomeadamente a literatura afro-brasileira.

Em 1976, trabalhando já desde o ano anterior como professora do Supletivo na Cidade de Niterói, Evaristo começou a licenciatura em Letras na Universidade Federal

do Rio de Janeiro (UFRJ), que terminou em 1989, depois de ter interrompido os estudos em 1980 para dar à luz e criar a sua filha Ainá, afetada por uma síndrome psicomotora genética (MACHADO, 2014, p. 252). O começo deste percurso de estudo constituiu a concretização da sua grande paixão pela literatura, que cultivava desde a sua adolescência, passada a folhear as páginas de Jorge Amado, José Lins, Carolina Maria de Jesus, Graciliano, Rosa, Drummond, Bandeira, Solano Trindade, Abdias do Nascimento, Adão Ventura e muitos outros (DUARTE, 2006, p. 305). Em particular, foi a leitura de Maria Carolina de Jesus que teve uma enorme influência no pensamento e na ficção de Evaristo; a percepção da importância da representação e da autorrepresentação levadas a cabo na obra de Carolina serviu de inspiração literária para as suas futuras obras. No final dos anos 60, *Quarto de despejo*, o diário de Carolina publicado em 1960, começou a ganhar cada vez mais notoriedade, penetrando quer nos ambientes mais abastados quer nos mais marginalizados, dos quais eram oriundas ambas as autoras, mulheres negras, pobres e faveladas que se consagraram à literatura. Evaristo conta que, lendo essas páginas, pela primeira vez ela e os seus familiares conseguiam identificar-se com as personagens de uma obra contemporânea; as dificuldades diárias, a fome, as mazelas e a discriminação étnica, de género e de classe enfrentadas pela população afrodescendente eram as mesmas tanto na periferia de São Paulo como na de Belo Horizonte (EVARISTO, 2009). A leitura do diário de Carolina foi tão impactante que levou a mãe de Evaristo a escrever também o seu próprio diário, que ela guarda como testemunho do carácter revolucionário da redação e publicação da obra caroliniana: “[...] a favelada do Canindé criou uma tradição literária. Outra favelada de Belo Horizonte seguiu o caminho de uma escrita inaugurada por Carolina e escreveu também sob a forma de diário, a miséria do cotidiano enfrentada por ela” (EVARISTO, 2009).

A importância da conquista do espaço literário e editorial por Carolina nos anos 60 surge em virtude das consideráveis dificuldades, tanto na escrita como na publicação dos seus escritos, com as quais as mulheres, especialmente as negras de origem humilde, tinham e ainda têm de lidar. Nestas dificuldades está envolvida uma tripla problemática, ligada às questões de etnia, género e classe social, que estigmatiza precisamente as mulheres afrodescendentes e pobres. Questões que no caso de Carolina, de Evaristo, e de muitas outras mulheres como elas, se intersejam; basta pensarmos na atitude hostil das famílias ricas, para quem Evaristo trabalhou, em prol da sua ambição de estudar, já



referida anteriormente. Esta aversão e as dificuldades das mulheres negras em se inserirem no ambiente literário e editorial têm a mesma matriz, ou seja, o caráter elitista deste último:

Quando mulheres do povo como Carolina, como minha mãe, como eu também, nos dispomos a escrever, eu acho que a gente está rompendo com o lugar que normalmente nos é reservado. A mulher negra, ela pode cantar, ela pode dançar, ela pode cozinhar, ela pode se prostituir, mas escrever, não, escrever é alguma coisa... é um exercício que a elite julga que só ela tem esse direito. Escrever e ser reconhecido como um escritor ou como escritora, aí é um privilégio da elite. (*apud* MACHADO, 2014, p. 249)

Neste aspeto, a rutura que a obra de Carolina marcou foi sem dúvida um ponto decisivo não só para a produção literária de Evaristo, mas também para toda a literatura (afro)brasileira toda.

Nos anos 80, Evaristo fez parte do grupo Negrícia: Poesia e Arte de Crioulo, centrado na difusão da arte literária negra em vários ambientes, tais como bibliotecas, favelas, presídios (MACHADO, 2014, p. 244). Embora o grupo tenha cessado as suas atividades no final dos anos 80 e as obras não tenham sido publicadas, foi um terreno muito fértil para a criação literária, que se prestava a ser militante: “era interessante porque [...] era uma poesia que trazia também uma marca desse discurso nosso, desse discurso negro, desse discurso de...emancipação” (*apud* MACHADO, 2014, p. 253).

As obras de Evaristo começaram a ser publicadas nos anos 90: 1990 foi o ano da sua estreia na literatura, já que alguns dos seus poemas foram publicados no volume 13 dos *Cadernos Negros*, uma série lançada em 1978 pelo coletivo cultural e editora Quilombhoje. A série já ultrapassou quarenta anos de publicação ininterrupta, fazendo com que Quilombhoje e os *Cadernos Negros* já façam parte “não apenas da história cultural do negro no Brasil, mas da própria história da literatura brasileira” (DUARTE, 2018, p. 3). A própria Evaristo afirma que “o dia que os críticos de literatura brasileira estiverem mais atentos pra escrever a história da literatura brasileira, querendo ou não eles vão incorporar a história do grupo Quilombhoje” (*apud* MACHADO, 2014, p. 257). Considerada a grande importância que Evaristo atribui ao coletivo, igualmente relevante é para ela a sua estreia literária nos *Cadernos Negros*, o que a coloca não só na história da literatura afro-brasileira, mas também na nacional.

A década de 90 marca não só o seu ingresso definitivo no ambiente literário e no mercado editorial, mas também a sua inserção cada vez mais ativa na vida acadêmica, bem como a continuação dos seus estudos. Em 1993, Evaristo iniciou o seu mestrado em literatura brasileira na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), que terminou em 1996 com uma dissertação intitulada *Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade*. Evaristo afirma que “desde a graduação já ficava observando a maneira da representação do negro na literatura brasileira” (*apud* MACHADO, 2014, p. 254) e quis amadurecer este processo de investigação sobre a produção literária afro-brasileira. Durante o seu mestrado apercebeu-se também do caráter militante do ambiente acadêmico, que não é neutro: “[os intelectuais e os professores] estão ali militando de alguma forma. Ou a favor do *status quo* ou contra, ou [ainda] por omissão” (*apud* MACHADO, 2014, p. 254). Evaristo descobriu que militar nos movimentos sociais é importante, mas é na academia que o conhecimento adquirido em torno da questão racial pode ganhar legitimidade e difusão (*apud* MACHADO, 2014, p. 255). Diante da representação estereotipada do negro na literatura brasileira, ela percebeu a importância da sua presença e do seu papel dentro da academia, como mulher negra de origem humilde, para a problematização do saber literário hegemônico e para a luta antirracista: “eu acho que as pessoas oriundas das classes populares, elas têm que estar dentro da academia. Você tem que levar um outro discurso, um outro posicionamento, formas de saberes diferenciados, porque senão [...] os produtores de saber serão sempre das classes privilegiadas” (*apud* MACHADO, 2014, p. 256). A partir daí, Evaristo passou não só a ser escritora, mas também pesquisadora acadêmica no âmbito da literatura afro-brasileira.

Em 2003, foi publicado o seu primeiro romance, *Ponciá Vicêncio*, que é também o objeto do presente trabalho e que discutiremos de forma mais detalhada nos capítulos a seguir. É considerada a *magnum opus* de Evaristo, a sua obra mais conhecida, difundida, aclamada e tratada em numerosas pesquisas acadêmicas, quer nacionais quer internacionais. O romance ganhou três edições, inclusive uma versão de bolso, e foi traduzido para outras línguas, nomeadamente inglês e francês.

O sucesso alcançado por *Ponciá Vicêncio* levou à publicação, em 2006, do seu segundo romance, *Becos da memória*, também pela editora Mazza. Embora tenha sido publicado posteriormente a *Ponciá*, na verdade foi o primeiro romance escrito por Evaristo, precisamente entre 1987 e 1988, ano do centenário da abolição da escravatura

(MACHADO, 2014, p. 260). A obra ganhou uma nova edição, pela Editora Mulheres, em 2013.

Em 2008, foi publicada a sua primeira coletânea de poesia, intitulada *Poemas de recordação e outros movimentos*, pela editora Nandyala. A obra consiste em 44 poemas, 31 dos quais já tinham sido publicados nos *Cadernos Negros* e que ganharam assim mais visibilidade. No mesmo ano começou o seu doutoramento em literatura comparada pela Universidade Federal Fluminense (UFF), que terminou em 2011 com uma dissertação intitulada *Poemas malungos: cânticos irmãos*, na qual elabora uma análise comparativa da literatura afro-brasileira com a literatura luso-africana. 2011 é também o ano em que foi publicada a sua primeira coletânea de contos, intitulada *Insubmissas lágrimas de mulheres*, também pela editora Nandyala.

Em 2014, foi publicada a sua segunda coletânea de contos, intitulada *Olhos D'água*, obra finalista do Prêmio Jabuti de 2015 na categoria “Contos e Crônicas”. Em 2016, lançou mais um volume de ficção, *Histórias de leves enganos e parecenças*.

Em 2018, foi contemplada com o Prêmio de Literatura do Governo de Minas Gerais pelo conjunto de sua obra, que institucionaliza o reconhecimento de Evaristo como uma das autoras brasileiras contemporâneas mais relevantes. Ainda no mesmo ano foi publicada a sua obra mais recente, um romance intitulado *Canção para ninar menino grande*.

Em 2019, foi homenageada pelo Prêmio Jabuti como Personalidade Literária do ano. Pela primeira vez desde a criação desta homenagem em 1959, foram dados espaço e reconhecimento a uma autora negra e de origem periférica, marcando assim a importância, dentro da literatura brasileira, da representatividade e da oposição ao silenciamento imposto a certos segmentos sociais (RODRIGUES; CABRERA, 2019).

## **I.2 Algumas reflexões sobre o conceito de literatura afro-brasileira**

Como ficou mencionado anteriormente, toda a produção literária de Evaristo é permeada pelo seu “comprometimento etnográfico afrodescendente” (LIMA, 2009, p. 62). O seu posicionamento ideológico, que transparece nas suas obras e se encarna nos seus esforços de reconstrução da identidade negra, em particular da afro-feminina

brasileira, faz dela uma das maiores contribuidoras da literatura afro-brasileira. À medida que, ao longo dos anos, se reforçava a sua consciência da condição dos afro-brasileiros, especialmente das mulheres, sentia de forma cada vez mais impelente a urgência de passar “da representação [para a] auto-apresentação da mulher negra na literatura brasileira” (EVARISTO, 2005, p. 52). Para uma melhor compreensão do significado desta passagem, é importante trazer algumas breves reflexões sobre o conceito de literatura afro-brasileira, os requisitos que uma obra deve satisfazer para ser considerada como pertencente a esta vertente e a importância da legitimação da existência deste *corpus* específico dentro do cânone literário nacional.

Os primeiros traços salientes que, segundo a maioria dos acadêmicos da área, caracterizam a literatura afro-brasileira e a distinguem da literatura canônica, dizem respeito ao ponto de vista interno do sujeito enunciador e à difusão de imagens e sentimentos positivos em relação à sua origem étnica. Mais especificamente, o que confirma a pertença de uma determinada obra à vertente da literatura afro-brasileira é a presença de alguns fatores, nomeadamente temática, autoria, ponto de vista, linguagem e público (DUARTE, 2014, p. 277). No entanto, é importante salientar que não é a mera presença destes elementos isolados, tomados singularmente, que decreta a referida inserção numa obra na literatura afro-brasileira, mas sim a sua copresença, a consideração destes fatores como um conjunto, o diálogo e a interação entre eles.

Um dos primeiros fatores que, como já mencionámos, contribui para qualificar uma obra como parte da literatura afro-brasileira, bem como o elemento mais evidente, é a temática. Para ser tal, a obra deve abordar o sujeito afro-brasileiro não apenas como indivíduo, mas como sujeito inserido na coletividade, considerado como “universo humano, social, cultural e artístico de que se nutre essa literatura” (IANNI, 1988, p. 209). Os temas mais recorrentes e marcantes são os seguintes: a denúncia da opressão escravista e as suas consequências ao longo dos séculos até à contemporaneidade, abordada por Maria Firmina dos Reis, José do Patrocínio, Cruz e Sousa, Machado de Assis; a celebração de figuras heroicas afro-brasileiras que lutaram pela libertação do jugo da escravatura, presente nas obras de Solano Trindade e Domício Proença Filho; o desejo de escrever e reescrever a memória e a experiência diaspórica dos povos africanos sem a lente deformadora dos detentores do poder euro-descendentes, fulcro das obras de Oliveira Silveira e Joel Rufino dos Santos (DUARTE, 2014, p. 267). Estes autores lutam

contra os porta-vozes de um discurso colonial que só serve para silenciar, distorcer ou até apagar a história, a cultura e os costumes dos povos dominados. A propósito de cultura e costumes, os outros aspectos abordados no tema afro-brasileiro envolvem os mitos, as religiões, os rituais e as lendas de descendência africana transmitidos através da diáspora e da oralidade. Estes aspectos são o foco da trama de muitas obras, como as de Mestre Didi, Mãe Beata de Yemonjá, Paulo Lins, Edimilson de Almeida Pereira, Ricardo Aleixo e Abdias Nascimento. A relevância destes textos está situada na finalidade da adoção destes aspectos temáticos, uma vez que a recuperação da memória ancestral e a celebração dos vínculos com a mesma são uns dos “fundamentos do processo de identificação do personagem negro” (DUARTE, 2014, p. 267). A temática afro-brasileira é tratada não apenas num sentido memorialístico, de denúncia do passado, mas abrange o período entre o fim da escravatura, salientando a sua natureza problemática e as consequências da opressão colonial, e os tempos modernos. Surgem assim obras que procuram realçar e denunciar a hipocrisia e os limites do mito da democracia racial, a discriminação étnica e de género, as condições socioeconómicas nas favelas, a miséria, a exclusão, a violência e a injustiça sofridas pela população afrodescendente na sociedade brasileira atual. É o caso dos escritores da série *Cadernos Negros* e de outros como Lima Barreto, Nascimento Moraes, Carolina Maria de Jesus, de Lino Guedes, Adão Ventura, Oswaldo de Camargo, Eduardo de Oliveira e a nossa Conceição Evaristo (DUARTE, 2014, p. 268).

Como a temática afro-brasileira pode ser adotada também por autores brancos, outros elementos devem ser avaliados para que um texto possa ser considerado como pertencente à literatura afro-brasileira, nomeadamente a autoria e o ponto de vista.

Duarte (2014, p. 269) afirma que “é preciso compreender a autoria não como um dado ‘exterior’, mas como uma constante discursiva integrada à materialidade da construção literária”. A autoria não está necessariamente ligada à origem étnica e social do escritor ou à abordagem de questões raciais, seja porque há escritores afro-brasileiros que não fazem da sua ascendência africana a base da sua produção literária, seja porque, como mencionado anteriormente, há escritores brancos que abordam questões relativas aos negros. A instância da autoria e a sua importância como requisito de pertencimento à literatura afro-brasileira estão intimamente relacionadas com a “interação entre *escritura* e *experiência*, que inúmeros autores fazem questão de destacar, seja enquanto compromisso identitário e comunitário, seja no tocante à sua própria formação de artistas

da palavra” (DUARTE, 2014, p. 269 grifos do autor). Muitos autores afrodescendentes escrevem como depositários desta memória ancestral, na esteira dos *griots*<sup>2</sup> africanos, que transmitiam costumes e tradições através da oralidade, enquanto eles, *griots* modernos, o fazem através da escrita; estes autores querem ser os porta-vozes da comunidade negra brasileira, assim como os *griots* eram para o seu grupo, e a sua produção literária assume uma atitude e uma função militantes (DUARTE, 2014, p. 269).

Além disso, no caso de autores afrodescendentes, é difícil a escrita ser desvinculada da experiência, que se torna uma fonte de inspiração literária. Porém, não é apenas uma força motriz da criação literária, mas uma necessidade de contar, de unir ficção e vivência com o objetivo de testemunhar a própria condição através do texto. A veia autobiográfica e memorialística entrelaçada com a ficção pode ser encontrada nos textos de Cruz e Sousa, Lima Barreto, Carolina Maria de Jesus e Geni Guimarães (DUARTE, 2014, p. 270).

Segundo Duarte (2014, p. 270), uma autora contemporânea proeminente neste sentido é a própria Conceição Evaristo, que nas suas obras combina escrita e experiência através da *escrevivência*, que é a característica da construção literária na qual se baseia e que marca a sua produção textual: “na origem da minha escrita, ouço os gritos, os chamados das vizinhas debruçadas sobre as janelas, ou nos vãos das portas, contando em voz alta umas para as outras as suas mazelas, assim como suas alegrias” (EVARISTO, 2020a, p. 52). A autora afirma que a sua escrita tem origem na acumulação de todas as coisas que viu e ouviu durante a sua infância passada na favela, que despertaram a sua imaginação e a sua necessidade de contar histórias que encapsulassem a sua experiência e a dos outros:

Creio que a gênese da minha escrita está no acúmulo de tudo o que ouvi desde a infância. [...] Eu fechava os olhos fingindo dormir e acordava todos os meus sentidos. O meu corpo por inteiro recebia palavras, sons, murmúrios, vozes entrecortadas de gozo ou dor dependendo do enredo das histórias. De olhos cerrados, eu construía as faces de minhas personagens reais e falantes. Era um jogo de escrever no escuro. No corpo da noite. (EVARISTO, 2020a, p. 52)

---

<sup>2</sup> “Os profissionais da tradição mais reconhecidos na África tradicional e contemporânea são os Griots [...]. O Griot é um nome de origem Bambará, para personagens africanos denominados contadores de histórias, que eles sabem de memória e acumulam, reunindo séculos e mais séculos de crenças, costumes, lendas, contos, lições de sabedoria [...]” (CONCEIÇÃO; SIQUEIRA, 2001, p. 25).

Quanto ao propósito da sua *escrevivência*, a autora conclui dizendo: “A nossa *escrevivência* não pode ser lida como histórias para ‘ninar os da casa grande’ e sim para incomodá-los em seus sonos injustos” (EVARISTO, 2020a, p. 54, grifo da autora).

Como mencionado no início, o ponto de vista é o elemento mais importante de todos, pois a literatura afro-brasileira assenta na “emergência de um eu enunciador” e na “construção da epopéia negra” (BERND, 1988, p. 77, p. 80). A adoção do ponto de vista afrodescendente dentro da obra tem a ver com o que Fanon argumenta sobre a distorção, o silenciamento e o apagamento histórico-cultural de povos de ascendência africana por parte dos detentores do poder de ascendência europeia (DUARTE, 2014, p. 267). Não basta abordar assuntos relacionados com o negro ou ser negro para se constituir como produtor de literatura afro-brasileira; em primeiro lugar, é necessário que o autor se identifique como afrodescendente e aja como tal no texto.

A utilização de uma perspectiva etnicamente identificada permite subverter o discurso colonial de modo a erradicar as visões estereotipadas que têm afligido os afrodescendentes ao longo dos séculos, tanto na literatura como na sociedade. Emblemático neste sentido é o romance *Ursula*, publicado em 1859, de Maria Firmina dos Reis, considerada a primeira romancista abolicionista afro-brasileira, que cumpre um ato revolucionário não só pelo facto de ser uma mulher negra e descendente de africanos escravizados que escreve um romance, mas especialmente porque adota uma “perspetiva afro-identificada” (DUARTE, 2014, p. 271). Numa altura em que o negro era privado da sua dignidade e humanidade, escrever e denunciar este processo de desumanização, de brutalidade colonial, foi uma verdadeira revolução no contexto literário e social brasileiro. Para além da denúncia do sistema escravocrata e das condições dos afro-brasileiros, outra forma de explicitar o ponto de vista afrodescendente é através da parodização do discurso colonial e estereotipado (DUARTE, 2014, p. 273) e da “carnavalização das elites” brancas, tal como fizeram autores como Luiz Gama, Machado de Assis e Lino Guedes, cujo lugar de fala, de enunciação, “é o dos oprimidos” (DUARTE, 2014, p. 271).

Duarte (2014, p. 273) salienta que o ponto de vista afrodescendente atinge a sua máxima implementação na série *Cadernos Negros*, mediante a qual a própria Evaristo fez a sua estreia na década de 1990, e cuja publicação do primeiro número constitui o manifesto ideológico em que a série se baseia:

Estamos no limiar de um novo tempo. Tempo de África, vida nova, mais justa e mais livre e, inspirados por ela, renascemos arrancando as máscaras brancas, pondo fim à imitação. Descobrimos a lavagem cerebral que nos poluía e estamos assumindo nossa negrura bela e forte. Estamos limpando nosso espírito das idéias que nos enfraquecem e que só servem aos que querem nos dominar e explorar. (CADERNOS NEGROS 1, 1978, p. 2)

A inauguração desta nova era literária promovida pela série é acompanhada pela assunção deste necessário ponto de vista interno por escritores afro-brasileiros, que assim deixam de submeter-se aos padrões europeus aceites pelo cânone nacional e abrem novos cenários que só a adoção deste “*discurso da diferença*” (DUARTE, 2014, p. 273, grifo do autor) pode permitir.

A literatura afro-brasileira assenta, pela sua própria natureza, em pressupostos de militância sociopolítica, razão pela qual a linguagem utilizada pelos autores de origem africana não tem apenas uma função puramente estética, mas é acima de tudo um dos instrumentos de afirmação da sua própria identidade e de luta contra o poder. A rutura com os cânones linguísticos impostos pela hegemonia branca a fim de manter uma certa ordem social e política arbitrariamente pré-estabelecida pode ser alcançada de várias maneiras. Pode manifestar-se através da utilização de palavras, entonações ou ritmos derivados da oralidade afro-brasileira ou através da apropriação e ressemantização de termos geralmente utilizados com um significado negativo e preconceituoso, tais como *negro/a* e *mulato/a*, “signos que funcionam como poderosos elementos de manutenção da desigualdade” (DUARTE, 2014, p. 273-274). Este último processo é um poderoso ato político de resistência levado a cabo pelos povos dominados para esvaziar uma determinada palavra do seu significado discriminatório e se reapropriarem dela; por outras palavras, trata-se de combater o preconceito através do próprio preconceito, pois “não há linguagem inocente, nem signo sem ideologia”, como afirma Duarte (2014, p. 273-274). Dado que é a linguagem que veicula significados e legitima ou não uma dada narrativa, a literatura afro-brasileira tem como objetivo romper com os “contratos de fala e de escritura ditados pelo mundo branco” e estabelecer “uma nova ordem simbólica” dentro da qual expressar a “reversão de valores” (BERND, 1988, p. 22, p. 89, p. 85). A dimensão política que assume esta atitude de rejeição das normas linguísticas pré-estabelecidas da elite branca pode ser ainda explicada pelas palavras de Evaristo:



E, em se tratando de um ato empreendido por mulheres negras, que historicamente transitam por espaços culturais diferenciados dos lugares ocupados pela cultura das elites, escrever adquire um sentido de insubordinação. Insubordinação que se pode evidenciar, muitas vezes, desde uma escrita que fere as “normas cultas” da língua, caso exemplar o de Carolina Maria de Jesus, como também pela escolha da matéria narrada. (EVARISTO, 2020a, p. 53-54)

O último fator, mas não menos importante, que contribui para a inclusão de um dado texto na literatura afro-brasileira é o seu público-alvo. No caso do público a que se destinam as obras de autores afrodescendentes, o que importa não é tanto o destinatário do texto em si, mas a intencionalidade em que se baseia a própria escrita e o objetivo do autor de veicular a sua mensagem da forma mais incisiva possível, como porta-voz de um segmento da população que tem sido silenciado e marginalizado ao longo dos séculos. Emblemático neste sentido é, mais uma vez, o desejo de romper com o discurso colonial sob o ponto de vista linguístico e de lutar contra os preconceitos veiculados pela língua. O autor negro que pretende produzir literatura afro-brasileira quer e faz questão de que o seu papel como agente de mudança na construção e afirmação identitária seja evidente e marque uma verdadeira diferença no seio da comunidade negra e não negra. A este respeito, Eduardo de Assis Duarte traz as reflexões de Ezequiel Teodoro da Silva (1997) sobre a chamada “crise de leitura” no Brasil, um fenómeno já observado nos anos 80: uma grande parte da população, especialmente as pessoas oriundas de ambientes pobres e marginais, como é o caso de tantos afrodescendentes na sociedade brasileira, não se aproximam da leitura porque não dispõem dos instrumentos necessários para aceder a ela (SILVA, 1997 *apud* DUARTE, 2014, p. 276). Segundo Silva, a razão desta dificuldade reside no desejo da classe dominante de impedir que certos segmentos da população tenham acesso à leitura, dado que a informação gera pensamento crítico e este, por sua vez, gera o despertar, a resistência e a luta dos oprimidos; daí a intenção da elite de manter a ordem social existente através da exclusão dos oprimidos da cultura (SILVA, 1997 *apud* DUARTE, 2014, p. 276). Já abordámos esta situação, mencionando as dificuldades que a própria Conceição Evaristo encontrou para entrar no meio académico e editorial e refletindo sobre a necessidade de incluir o maior número possível de intelectuais afrodescendentes na universidade, na indústria editorial e no meio literário em geral. Tendo isto em conta, Duarte (2014, p. 276) afirma que para atingir uma verdadeira

mudança sociocultural na sociedade brasileira, em primeiro lugar é necessário apresentar ao público a literatura afro-brasileira, estimulando assim uma maior consciência identitária no leitor negro e descolonizando o pensamento estereotipado do leitor branco; depois, é necessário ampliar as formas de fruição da leitura, como o grupo Quilombhoje está atualmente a fazer, quer difundindo os textos em eventos e ambientes diferentes dos editoriais tradicionais, quer disponibilizando-os em várias plataformas online. Desta forma, não só se responde às dificuldades económicas do potencial leitor, mas também às necessidades da sociedade moderna, que se encaminha para uma digitalização cada vez mais profunda, na qual os jovens estão imersos.

Tendo ilustrado os fatores identificados por Eduardo de Assis Duarte que, em conjunto, contribuem para incluir uma obra na vertente da literatura afro-brasileira, podemos resumir as principais características de um texto deste género da seguinte forma: é um texto que aborda assuntos atinentes aos afrodescendentes no Brasil; é escrito por um(a) autor(a) brasileiro(a) de ascendência africana; é um texto a partir do qual emerge o *ponto de vista*, o *lugar de enunciação* do sujeito negro, que adota uma linguagem que rompe com o etnocentrismo linguístico e que se dirige a um vasto público com o objetivo de combater os estereótipos e preconceitos amplamente difundidos na sociedade e de promover a autoconsciência, a autoestima e a resiliência no seio da comunidade negra, através duma reconstrução identitária positiva (DUARTE, 2014, p. 266, grifos do autor).

Perante estas considerações, o conceito de literatura afro-brasileira que nos parece mais incisivo e condensa a essência das questões já discutidas é o expresso por Lobo:

Poderíamos definir literatura afro-brasileira como a produção literária de afrodescendentes que se assumem ideologicamente como tal, utilizando um sujeito de enunciação próprio. Portanto, ela se distinguiria, de imediato, da produção literária de autores brancos a respeito do negro, seja enquanto objeto, seja enquanto tema ou personagem estereotipado (folclore, exotismo, regionalismo). (LOBO, 2007, p. 315)

Portanto, declarar a existência da literatura afro-brasileira significa marcar uma clara diferença entre a “literatura do negro”, que aborda “o negro como sujeito, numa atitude compromissada”, e a “literatura sobre o negro”, que aborda “a condição negra como objeto, numa visão distanciada” (PROENÇA FILHO, 1997, p. 159).

Duarte refere-se à literatura afro-brasileira como “um conceito em construção”, como “processo, devir” (DUARTE, 2014, p. 266, p. 277), que está contemporaneamente

“dentro e fora” da literatura brasileira (IANNI, 1988, p. 208): está dentro porque utiliza a mesma língua e as mesmas formas e processos de expressão, e ao mesmo tempo fora porque livre de qualquer espírito nacionalista de derivação romântica. Como Duarte (2014, p. 277) argumenta ainda, é por esta razão, ou seja, pela sua oposição ao etnocentrismo vigente e pelo seu questionamento da linearidade da história literária brasileira, que a produção afro-brasileira continua a ser relegada a um estado de marginalidade. Portanto, o seu maior desafio atual, bem como um dos seus maiores objetivos, é o de emergir da sua condição marginalizada e constituir-se como um projeto literário que se integra ao da literatura canônica brasileira, de modo a dar iguais oportunidades e restaurar a mesma dignidade literária, além da humana, aos autores e autoras afro-brasileiros.

### **I.3 Memória, trauma e ancestralidade em *Ponciá Vicêncio***

Conceição Evaristo é hoje um dos nomes mais destacados da literatura afro-brasileira contemporânea. Utilizando um ponto de vista interno, na sua produção literária retrata cenários de aflição e empoderamento de mulheres afro-brasileiras; a sua é uma narrativa imbuída de crítica social, que visa impedir a representação deturpada e a invisibilização do sujeito negro, especialmente feminino. A escrita evaristiana pretende resgatar os afro-brasileiros do seu passado marginalizado e coloca as histórias dos subalternizados no centro, unindo memória e experiência individuais e coletivas e rejeitando a narração distorcida da história oficial.

O romance *Ponciá Vicêncio*, cuja primeira edição foi publicada em 2003, a segunda em 2006 e a terceira e última em 2017, é a história da viagem da epônima jovem mulher afro-brasileira da terra dos seus antepassados escravizados, Vila Vicêncio, para “a cidade”, que no texto permanece sem nome e representa um espaço urbano qualquer no Brasil (OHMER, 2012, p. 67). Cansada de viver uma vida resignada e desprovida de estímulos e perspectivas, depois da morte do pai Ponciá decide deixar a sua terra natal. Atingida a maioridade, quando “ela acreditava que poderia traçar outros caminhos, inventar uma vida nova” (EVARISTO, 2017, p. 22), muda-se para a cidade, onde, apesar do seu otimismo inicial, experimentará o desencanto, a desolação da vida urbana e a

tangível persistência da ordem escravagista na sociedade contemporânea sob a forma de segregação e desigualdade. Na solidão da cidade inóspita, o passado assombra a mente de Ponciá, que mais tarde descobrirá ser herdeira dum misterioso legado do seu avô, Vô Vicêncio. Gradualmente Ponciá cai num vazio emocional e numa solidão sem precedentes, dos quais só conseguirá sair graças ao legado do seu avô, que a assombra ao longo de toda a história.

O romance é construído em torno de memórias de sofrimento e trauma experimentados pelos africanos escravizados e pelos seus descendentes e ligados à história de opressão e à marginalidade social em que eles se encontram. É composto por pequenos capítulos narrados em terceira pessoa, dando origem a uma estrutura narrativa sinuosa e cronologicamente não linear, uma vez que a idade infantil e a adulta se alternam constantemente, entrelaçando-se com as memórias da protagonista (SANTOS, 2019, p. 42-43). Com as suas idas e vindas entre o passado na plantação e o presente na favela, o texto apresenta-se como uma viagem pelas memórias da protagonista, que “gastava todo o tempo com o pensar, com o recordar. Relembra a vida passada, pensava no presente, mas não sonhava e nem inventava nada para o futuro. O amanhã de Ponciá era feito de esquecimento” (EVARISTO, 2017, p. 12).

Evaristo utiliza a estrutura narrativa do *flashback* e a voz do narrador onisciente funde-se com as vozes das várias personagens: Ponciá, o irmão Luandi, e a mãe Maria e outros. O romance começa com *flashbacks* da infância da protagonista numa plantação do interior do Brasil, onde realizava e vendia esculturas de barro com a sua mãe, enquanto o pai e o irmão trabalhavam no campo durante semanas. Mais tarde, Ponciá muda-se para a cidade, onde encontra trabalho como empregada doméstica e vai viver com o seu companheiro num barraco na favela. Luandi segue as pisadas da irmã e parte também para a cidade, onde arranja trabalho como empregado numa delegacia e sonha em tornar-se um soldado, enquanto a mãe Maria vai desesperadamente à procura dos filhos. Ponciá regressa à sua terra, com a esperança de lá encontrar a mãe, mas acaba por encontrar uma casa vazia e uma estatueta de barro, o “homem-barro”, que representava o seu avô e que tinha realizado quando era criança. Ela volta para a cidade e, assombrada pelo espírito do avô, entra cada vez mais num estado de alienação. Após várias vicissitudes, Maria e Luandi encontram Ponciá num estado de confusão na estação central de comboios da cidade e finalmente os três reúnem-se. O romance conclui-se com o regresso de Ponciá

às águas do rio onde costumava buscar o barro quando criança, num regresso simbólico à ancestralidade, às suas origens.

Unindo as vozes de três personagens, o romance inclui as suas memórias traumáticas acerca de Vô Vicêncio, um homem escravizado que tinha matado a sua esposa num ato de frustração, desespero e resistência, e as suas tentativas isoladas de melhorar a própria posição económica e social no espaço urbano. Trata-se de sujeitos marginalizados, que carregam o fardo do passado violento dos colonizados e vivenciam *flashbacks* desencadeados pela presença do espírito de Vô Vicêncio, que é uma manifestação das experiências traumáticas da escravidão (OHMER, 2012, p. 73). Ponciá encarna o seu espírito, o que leva todas as personagens a elaborar uma memória traumática herdada (OHMER, 2012, p. 34). O trauma da escravidão, portanto, materializa-se no romance sob a forma de um espírito que atormenta a protagonista, provocando nela pensamentos intrusivos; este espírito simboliza o “fantasma” do passado escravocrata que ainda hoje “assombra” toda a comunidade negra e afrodescendente, sendo que, apesar de a escravidão ter sido abolida, os seus resquícios permanecem na sociedade e nos espaços onde residem os descendentes da diáspora africana, na formação contraditória da chamada modernidade do Novo Mundo e na narrativa histórica hegemónica (GORDON, 1997, p. 139).

Como ressalta Ohmer (2012, p. 129), as lacunas na memória histórica e as marcas da opressão são transmitidas por via transgeracional e definem as identidades pós-coloniais dos afrodescendentes, gerando identidades fragmentadas. A memória traumática condiciona, portanto, a formação da identidade de Ponciá. O apelido da protagonista, Vicêncio, revela esta fragmentação identitária (OHMER, 2012, p. 13). No início do romance, Ponciá reconhece “na assinatura dela a reminiscência do poderio do senhor, um tal coronel Vicêncio”, um nome que deixou “a marca daqueles que se fizeram donos das terras e dos homens” (EVARISTO, 2017, p. 19). Ela confronta-se com a conotação colonial do seu nome, cuja grafia carrega uma marca da ordem escravocrata, reiterando e renovando o poder do dono da plantação e evocando dor e alienação:

Quando aprendeu a ler e a escrever, foi pior ainda, ao descobrir o acento agudo de Ponciá. Às vezes, num exercício de **autoflagelo** ficava a copiar o nome e a repeti-lo, na tentativa de se achar, de encontrar o seu eco. Era tão **doloroso** quando grafava o acento. Era como se estivesse

lançando sobre si mesma uma **lâmina afiada** a **torturar-lhe** o corpo. (EVARISTO, 2017, p. 19, grifos nossos)

Ohmer (2012, p. 145) observa que as palavras como “autoflagelo”, “doloroso”, “lâmina afiada”, “torturar-lhe” referem-se a atos de violência que fazem parte da experiência escravocrata; a “autoflagelação” é uma alusão ao estalo do chicote e a imagem de “uma lâmina afiada a torturar-lhe o corpo” poderia ser associada à marcação a ferro das pessoas escravizadas. Este trecho revela uma relação complexa entre Ponciá e o seu nome, que a liga a uma figura opressiva que ela dificilmente consegue dissociar da sua identidade. Desde a infância, escrever ou pronunciar o seu nome provocava nela repúdio e distância afetiva:

Menina, tinha o hábito de ir para a beira do rio e lá, se mirando nas águas, gritava o seu próprio nome. Ponciá Vicêncio! Ponciá Vicêncio! Sentia-se como se estivesse chamando outra pessoa. Não ouvia seu nome responder dentro de si. [...] A cabeça rodava no vazio, ela vazia se sentia sem nome. Sentia-se ninguém. Tinha então vontade de choros e risos. (EVARISTO, 2017, p. 12)

O vazio decorrente de se sentir anônima relaciona-se com a identidade e o sofrimento de Vô Vicêncio, pois a vontade de rir e chorar implica a loucura do seu avô, um espírito que rejeita firmemente a ordem escravocrata e o Coronel que o enlouqueceu. A reprovação do seu nome simboliza a rejeição do seu avô de qualquer ligação pessoal à violência, dor e alienação da escravatura. Como salienta Ohmer (2012, p. 149), o confronto de Ponciá com o seu nome representa uma luta simbólica contra o poder colonial que oprimiu os africanos deportados e escravizados e os seus descendentes, aos quais foram impostos nomes que os desconectaram da herança ancestral. Enquanto Ponciá questiona e rejeita o nome que lhe foi imposto, ela encarna as memórias do passado traumático da sua família, necessárias para a recuperação da sua identidade lesada e perdida. Com efeito, a protagonista vai e vem entre passado e presente, num complexo e sofrido processo de busca, construção, descoberta, (re)conhecimento e reconstrução da sua identidade ancestral, herdada pelo seu avô Vicêncio, que através das memórias e dos pensamentos intrusivos a puxa constantemente para as suas raízes africanas, com as quais se reencontra no final da sua trajetória (CRUZ; JESUS NETO, 2020, p. 183).

O romance menciona consistentemente um vazio no qual Ponciá progressivamente mergulha e que a faz dissociar do mundo externo. Como salienta Ohmer (2012, p. 29), a imagem do vazio simboliza a perda de memórias e de histórias de civilizações afrodescendentes, silenciadas pela história oficial, e a perda de membros da família e da comunidade, ou seja, os antepassados escravizados. A dissociação mental experimentada pela protagonista é, aliás, um dos efeitos do trauma na memória e na formação da identidade. Baldo (2017, p. 91) aponta que a loucura, tal como o suicídio, foi uma forma de resistência utilizada por muitas pessoas escravizadas na época colonial. É o que acontece a Vô Vicêncio, que, exasperado pela venda de alguns dos seus filhos nascidos após a promulgação da Lei do Ventre Livre, mata a sua esposa e tenta suicidar-se. Porém, a sua tentativa desesperada falha e ele acaba por amputar a sua mão; daí o início da sua loucura, que poderia ser vista como uma forma de resistência. Ponciá carrega este trauma juntamente com a memória do avô e lida com ele ao longo de todo o romance; tal como o seu avô, ela experimenta uma forma de loucura: perde progressivamente as energias, deixa de trabalhar e de comer e fica sentada durante longas horas a olhar para fora da sua janela, imersa nos pensamentos e nas lembranças. Estes são todos sintomas da herança deixada por Vô Vicêncio, que ao longo do romance ela tenta compreender, acabando por descobrir que se trata da assombração do seu avô. As primeiras manifestações da encarnação do espírito e do legado do avô aparecem já na infância, quando Ponciá dá os seus primeiros passos, caminhando com um braço escondido atrás das costas e a mão fechada, como se fosse amputada, e quando realiza o “homem-barro”, a pequena estátua de barro que retrata o avô. Ela encarna o espírito perturbado de Vô Vicêncio, o desespero dos seus familiares e a dor sofrida pelos seus antepassados escravizados, e manifesta-o imitando inconscientemente a mutilação do seu avô e eternizando este último no barro.

Apesar de Vô Vicêncio ter morrido quando Ponciá era ainda uma criança, ela lembra-se perfeitamente do seu braço amputado:

Ela era menina, de colo ainda, quando ele morreu, mas se lembrava nitidamente de um detalhe. Vô Vicêncio faltava uma das mãos e vivia escondendo o braço mutilado pra trás. [...] O pouco tempo em que conviveu com o avô, bastou para que ela guardasse as marcas dele. Ela reteve na memória os choros misturados aos risos, o bracinho cotoco e as palavras não inteligíveis de Vô Vicêncio. (EVARISTO, 2017, p. 10)

Este *flashback* para a sua infância menciona repetidamente o “detalhe” de que ela se lembrava “nitidamente”. Como salienta Ohmer (2012, p. 96), as frases breves ecoam o doloroso corte do braço e da vida de Vô Vicêncio, evocando o aspecto repetitivo da memória traumática, que se reflete em Ponciá, sendo ela “o gesto repetitivo do avô no tempo” (EVARISTO, 2017, p. 39). O “bracinho cotoco” realça uma amputação simbólica, pois Vô Vicêncio perdeu a sua identidade, sanidade e vida durante a morte social da escravidão (OHMER, 2012, p. 96).

A voz narrativa entra e sai da mente de Ponciá, em sintonia com a sua confusão sobre a sua “herança”. Ponciá não encontra conforto até ao momento em que compreende o significado do legado. Ao regressar a Vila Vicêncio, ela consulta Nêngua Kainda, que lhe comunica que “para qualquer lugar que ela fosse, da herança deixada por Vô Vicêncio ela não fugiria. Mais cedo ou mais tarde, o fato se daria, a lei se cumpriria” (EVARISTO, 2017, p. 37). Nêngua Kainda já sabia que não se tratava de uma herança material, de terras, dado que as terras que tinham sido inicialmente concedidas aos negros, na altura da promulgação da Lei Áurea, pouco depois voltaram à posse do Coronel Vicêncio. Para entender esta herança, Ponciá recolhe na sua terra natal testemunhos e histórias que a ajudam a reconstruir a identidade perdida pelo avô: “Bebia os detalhes remendando cuidadosamente o tecido roto de um passado, como alguém que precisasse recuperar a primeira veste, para nunca mais se sentir desamparadamente nua” (EVARISTO, 2017, p. 39). O legado do avô revela-se a Ponciá um dia quando, ao ouvir os choros, risos e sussurros de Vô Vicêncio, ela se dá conta de não ter perdido o contato com os seus ancestrais; esta ligação dá-lhe esperança na vida, reconhecendo que o passado quebrado a ajuda a planear o futuro (OHMER, 2012, p. 98). Durante o reencontro final entre Ponciá e a mãe, também esta última percebe o significado da herança: “outras faces, não só a de Vô Vicêncio, visitaram o rosto de Ponciá. A mãe reconheceu todas, mesmo aquelas que chegavam de um outro tempo-espço. Lá estava a sua menina única e múltipla” (EVARISTO, 2017, p. 78).

Ponciá elabora o vazio, a memória herdada e o trauma e toma consciência da história da sua comunidade (OHMER, 2012, p. 97). A experiência narrada em *Ponciá Vicêncio* exemplifica o conceito de W.E.B. Du Bois (1940) de “long memory” em relação aos povos africanos e afrodescendentes, ou seja, um tipo de luto transgeracional, que persiste como a memória de um passado que uma pessoa nunca viveu. Os negros e os



seus antepassados têm uma história em comum e uma única “memória longa” e esta ligação com os ancestrais está relacionada com a herança social da escravidão que eles sofreram (DU BOIS, 1940, p. 59).

Conceição Evaristo narra a reconexão de três familiares, que permite a Ponciá recuperar a sua sanidade através do seu retorno ao “afrocentrismo”, um conceito popularizado por Molefi Kete Asante e que assenta na importância e na necessidade das pessoas de ascendência africana, que foram afastadas das suas raízes a nível filosófico, físico, económico, social, religioso e político, de valorizar as experiências históricas, as tradições e os valores africanos, para se tornarem sujeitos da sua própria história e saírem da periferia da história europeia (DAVIES, 2008, p. 59). De facto, na introdução à sua tradução do romance para o inglês, Martinez-Cruz concorda que Evaristo apresenta ao leitor uma perspetiva afrocêntrica, sublinhando a presença no romance de “black, feminine ways of knowing” e de antigas crenças africanas que moldam a cultura da comunidade afro-brasileira (MARTINEZ-CRUZ, 2007, p. V, p. III) e que fornecem parte da cura do trauma herdado em *Ponciá Vicêncio*, como as sugestões da curandeira Nêngua Kainda e a arte de trabalhar o barro.

Como ressalta Ohmer (2012, p. 46), as tradições, as práticas religiosas e os conhecimentos africanos aparecem nos textos de escritoras afro-brasileiras como forma de resistência, bem como anseio por um saber que desapareceu parcialmente com a opressão da escravidão. As artes curativas e criativas eram conhecidas pelas mulheres e, no passado, transmitidas às suas filhas de geração em geração. No entanto, no continente americano, grande parte deste conhecimento foi perdido porque as populações africanas foram proibidas de praticar a sua religião e os seus costumes. Em *Ponciá Vicêncio*, está presente uma recuperação deste conhecimento ancestral: personagens como Ponciá Vicêncio e Nengua Kainda estão alinhadas com as tradições africanas, que representam o poder do conhecimento das mulheres e o seu papel engenhoso na sociedade, um papel que era predominante no passado africano (OHMER, 2012, p. 47). Através do diálogo indireto, Nengua Kainda aconselha Ponciá e ajuda-a a preparar-se a “continuar a vida” (EVARISTO, 2017, p. 38), convivendo com a herança deixada pelo seu avô, da qual nunca poderia escapar em lugar ou tempo nenhum, e que não era apenas a loucura, a dissociação traumática, mas também e sobretudo a ancestralidade africana, a cura do trauma. Nêngua Kainda, “aquela que de tudo sabia, mesmo se não lhe dissessem nada”

(EVARISTO, 2017, p. 78), tem um papel importante na história, sendo que, através da sua reabilitação das práticas africanas e dos seus conselhos, permite o reencontro final de Maria, Ponciá e Luandi na cidade.

Outro elemento relacionado com a cura tradicional e de extrema importância para o romance, como mencionado acima, é a arte de trabalhar o barro. Quando criança, Ponciá ia buscar a argila no rio e com a mãe realizava e vendia esculturas de barro. O que no início era um trabalho torna-se um meio terapêutico para Ponciá. A arte do barro praticada por Ponciá mostra também uma profunda ligação com Vô Vicêncio, sendo que a mão que ela utiliza para esculpir e criar é a mesma que, quando menina, tinha fechada e escondida atrás das costas, “arremedo perfeito do velho” (EVARISTO, 2017, p. 48). Por isso, é possível identificar um duplo simbolismo na mão de Ponciá, uma vez que o coto simulado se refere à memória traumática da escravatura, herdada pelo avô, enquanto a mão criativa se refere ao aspeto curativo do barro, cujo manuseio se torna metáfora da remodelação da memória ancestral (PINA, 2021, p. 501).

A herança espiritual de Vô Vicêncio é dolorosa, mas recompensadora no final, pois é necessária para a superação do trauma da escravidão e a recuperação identitária.

Como salienta Ohmer (2012, p. 108), *Ponciá Vicêncio* expressa a importância da memória e da consciencialização histórica a fim de elaborar e superar o trauma coletivo e transgeracional. O romance termina de uma forma eloquentemente poética, com a reunião de Ponciá com a sua família, o barro e o rio, todos elementos ancestrais que finalmente permitem restabelecer o equilíbrio anteriormente desestabilizado: “Lá fora, no céu cor de íris, um enorme angorô multicolorido se diluía lentamente, enquanto Ponciá Vicêncio, elo e herança de uma memória reencontrada pelos seus, não se perderia jamais, se guardaria nas águas do rio” (EVARISTO, 2017, p. 81).



## CAPÍTULO II

### **PONCIÁ VICÊNCIO: UMA PROPOSTA DE TRADUÇÃO**

*Questo libro è di una delle mie sorelle, la più grande, che probabilmente non lo leggerà mai, poiché da anni Maria Inês somiglia a Ponciá Vicêncio e vive in un mondo tutto suo.*

*È di Ainá, mia figlia, ragazza speciale, colei che venne al mondo coi suoi misteri per rendere grandiosa la mia vita.*

*È di mia madre, che conosce bene il tempo dell'attesa...*

*È dei miei fratelli e sorelle, testimoni di tante storie...*

*È di tutte le persone (e non sono poche) che attraversano i miei giorni lasciandomi un rassicurante sapore di tenerezza.*

#### **A proposito di Ponciá Vicêncio...**

In occasione di una conferenza, iniziai il mio intervento affermando che volevo bene ai miei parenti; alcuni mi piacevano di più, altri meno. Il pubblico rimase inizialmente stupito, percepii movimenti che tradivano l'imbarazzo che le mie prime parole avevano provocato. La conferenziera avrebbe parlato di questioni familiari? Certo che no! Io mi riferivo a un altro tipo di parentela. Stavo parlando dei personaggi da me creati. Le mie creature, dunque miei parenti e per di più di primo grado. Tra i parenti che mi riempiono di stupore e ammirazione, ce n'è una che mi piace particolarmente. Si tratta di Ponciá Vicêncio. Tuttavia, non mi è sempre piaciuta. Non è stato amore a prima vista. Ho imparato a voler bene a questa fanciulla man mano che constatavo tutto l'affetto che suscitava nelle persone. E quando venivano a parlarmi di Ponciá Vicêncio, mi fermavo ad ascoltare e trovavo sempre un motivo in più per volerle bene. Decisi dunque di leggere la storia della giovane donna. Leggere quello che avevo scritto. Ripensai al doloroso processo creativo che avevo affrontato per raccontare la storia di Ponciá. Mentre scrivevo, non poche volte il pianto del personaggio si confondeva col mio. Per questo, quando una

lettrice o un lettore viene a parlarmi del nodo alla gola che prova leggendo certi passaggi del libro, rispondo semplicemente che siamo in due a provarlo. La nostra affinità (quella tra me e Ponciá) è così grande che, nonostante le nostre storie siano diverse, spesso il mio nome viene scambiato col suo. Ed io accetto volentieri il nome del personaggio. È già successo che, nella con(fusione), qualcuno mi abbia chiesto un autografo, rivolgendosi affettuosamente a me come “Ponciá Evaristo” e, sovrappensiero, stavo quasi per firmare, come se fossi io quella ragazza o come se quella ragazza fosse me.

Il romanzo *Ponciá Vicêncio* è stata la mia prima autopubblicazione. Incoraggiata dalla prof.ssa Maria José Somelarte Barbosa, decisi di investire nella pubblicazione del libro. E se non fosse stato per le parole d’incoraggiamento di quest’attenta ricercatrice di letteratura, forse la storia di *Ponciá Vicêncio* sarebbe rimasta nel cassetto, accanto a *Bécos da memória*. Erano già passati quasi dieci anni dalla stesura della storia di Ponciá. Nel 2003 apparve la prima edizione, pubblicata dalla casa editrice Mazza e integralmente finanziata da me. La seconda edizione venne pubblicata nel 2006, sempre dalla stessa casa editrice, stavolta dividendo i costi. Nel 2008 venne pubblicata anche l’edizione tascabile a supporto degli studenti candidati al test d’ammissione alla UFMG (Università Federale di Minas Gerais), al CEFET-MG (Centro Federale di Educazione Tecnologica di Minas Gerais) e ad altre istituzioni del medesimo stato. Proprio con questa edizione, nel 2009 si cercò di far fronte alla domanda degli allievi ammessi alla Scuola preparatoria dell’Accademia Aeronautica di Barbacena, così come degli studenti candidati al test d’ammissione all’Università Statale di Londrina, nel 2009 e nel 2010. Racconto la storia della pubblicazione del libro per mettere in evidenza un punto di vista che ho sempre ribadito. Se per alcune donne l’atto dello scrivere è impregnato di un significato politico, in quanto affermazione della presenza di scrittrici donne di fronte alla stragrande maggioranza di scrittori uomini nel campo dell’editoria letteraria, per altre assume un doppio significato. All’atto politico dello scrivere si aggiunge l’atto politico del pubblicare, dal momento che, per alcune donne, la possibilità di pubblicazione, il riconoscimento dei propri scritti e gli ostacoli da superare non dipendono soltanto dal fatto di essere delle autrici inedite o sconosciute. Non è soltanto il genere che influisce sulla possibilità di pubblicazione e sull’invisibilità di queste scrittrici, ma è anche la condizione etnica e sociale.

Tuttavia, sembra stiano per arrivare tempi migliori, costruiti dai nostri sforzi, dalla nostra perseveranza, dalla nostra resilienza. Nel bel mezzo di questo percorso, la casa editrice Pallas pubblica la terza edizione di *Ponciá Vicêncio*. E mentre inauguro questa terza edizione, non dimentico i primi passi mossi dall'opera nella casa editrice Mazza, e colgo l'occasione per celebrare anche quelli.

Ed ecco Ponciá. La ragazza partita in treno da un villaggio qualunque, continua ad attraversare mari e monti. Oggi la sua storia può essere letta in inglese, edita da Host Publications, Texas; in francese, edita da Anacaona, Parigi, e in spagnolo, edita da Casa Ankili, Messico.

Per saperne di più su Ponciá Vicêncio, bisogna andarle incontro. Non dirò altro, ribadisco soltanto che la storia di cui vi faccio dono non è la mia, bensì quella di Ponciá, ma quando mi chiamano così, quando scambiano il mio nome col suo, io orgogliosamente rispondo: eccomi!

Igarapé (Minas Gerais), febbraio 2017

**Ponciá Vicêncio**

Quando Ponciá Vicêncio vide l'arcobaleno nel cielo, si sentì rabbrivire. Ricordò la paura che aveva avuto per tutta l'infanzia. Dicevano che se una ragazza fosse passata sotto l'arcobaleno sarebbe diventata un ragazzo. Lei andava a prendere l'argilla lungo il fiume ed eccolo lì il serpente celeste che beveva acqua. Come raggiungere l'altra sponda? A volte rimaneva ore ed ore in riva al fiume, nell'attesa che il colorato serpente del cielo scomparisse. Niente da fare! L'arcobaleno era proprio testardo! E le metteva un'ansia tremenda. Sapeva che la madre la stava aspettando. Allora raccoglieva la gonna in mezzo alle gambe in modo da coprire il sesso e, col cuore in gola, passava rapidamente sotto il serpente del cielo. Dopodiché si tastava tutto il corpo. Eccoli ancora lì i piccoli seni, che iniziavano a crescere. Ed eccolo ancora lì il pube, piatto piatto, senza nessuna protuberanza a parte i peli. Ponciá provava un sollievo immenso. Era ancora una ragazza. Era passata velocemente, con un solo balzo. Era riuscita a ingannare l'arcobaleno e non era diventata un ragazzo.

A quei tempi Ponciá Vicêncio amava essere una ragazza. Amava essere sé stessa. Amava ogni cosa. Semplicemente amava. Amava i campi, il fiume che scorreva tra le rocce, amava gli alberi di *pequi*, di *coco-catarro*, le canne da zucchero e i campi di granturco. Si divertiva a giocare con le bambole di pannocchie di mais ancora sulla pianta. Erano alte e, quando si alzava il vento, danzavano. Ponciá correva e giocava in mezzo a loro. Anche il tempo correva. E lei nemmeno se ne rendeva conto. Il vento soffiava sul campo di granturco e le bambole si piegavano fino al suolo. Ponciá Vicêncio rideva. Era tutto così bello. Un giorno, mentre giocava, vide una donna alta, così alta che arrivava fino al cielo. Prima vide i piedi della donna, poi le gambe, che erano lunghe e sottili, e infine il corpo, che era trasparente e vuoto. Sorrise alla donna, che ricambiò sorridendo a sua volta. Quando raccontò della donna alta e trasparente, la madre non le diede ascolto, ma Ponciá notò che si era un po' spaventata. Alcuni giorni dopo, quando tornò il padre, sentì la madre chiedergli di mietere il campo di granturco. Il padre replicò dicendo che non era ancora giunto il momento del raccolto. La madre insistette. E il mattino seguente, quando Ponciá Vicêncio si svegliò, il campo di mais era già stato raso al suolo. Le bambole, morte, giacevano a terra. Si guardò ancora intorno con la speranza di vedere la donna alta e trasparente. Non la vide. Intorno c'era soltanto un enorme vuoto. Ponciá

scoppiò in lacrime. Non rivide mai più la donna alta, trasparente e vuota, che un giorno le aveva sorriso tra le pannocchie di granturco.

Quella sera, Ponciá Vicêncio guardava l'arcobaleno e si sentiva assalita da una certa paura. Era da tanto che non vedeva il serpente celeste. In città, dopo tutti quegli anni passati lontana dalla sua terra, si dimenticava persino di contemplare il cielo. Tuttavia, sin dal mattino, quando si svegliò con la consueta angoscia nel petto, senza volerlo si mise a guardare il cielo, come a voler invocare l'aiuto di Dio. Ma adesso rimpiangeva di averlo fatto. Un arcobaleno bello, completo, divideva a metà la dimora delle acque sospese. Si passò la mano sulla fronte, come a voler cancellare tutto quello a cui stava pensando. Un vecchio timore tornò a farle visita e permase a lungo nel suo corpo. Da piccola, pensava che se fosse passata sotto l'arcobaleno sarebbe potuta diventare un maschio. Adesso lo sapeva che non sarebbe diventata un uomo. Qual era allora il motivo del timore? Era cresciuta ormai, era una donna adulta! Guardò fisso l'arcobaleno pensando che, anche se fosse diventata un uomo, che male ci sarebbe stato? Ripensò al primo uomo che aveva conosciuto nella sua famiglia.

Il primo uomo che Ponciá Vicêncio aveva conosciuto era stato il nonno. Lei era rimasta più impressa la sua immagine che quella di suo padre. Nonno Vicêncio era molto vecchio. Camminava tutto curvo, col viso quasi a terra. Era gracile e minuto come un fuscello. Quando morì, lei era ancora una neonata, ma ricordava nitidamente un dettaglio. A Nonno Vicêncio mancava una mano e nascondeva sempre il braccio mutilato dietro la schiena. Piangeva e rideva molto. Piangeva come un bambino. E parlava anche da solo. Il breve periodo di tempo in cui convisse col nonno le bastò per memorizzarne i segni particolari. Conservò nella memoria i pianti mescolati alle risa, il braccino monco e le parole incomprensibili di Nonno Vicêncio. Un giorno ebbe una crisi di pianto e riso così profonda, così felice, così amara e in questo modo si addentrò nell'altro mondo. Lei, bambina piccola, vide e sentì l'odore delle candele accese per tutta la notte. Vide il braccio intero del vecchio sopra il petto. Vide il suo braccino monco. Sentì il profumo dei biscotti di fecola di manioca, del caffè appena fatto offerto alle donne e ai bambini che stavano facendo la veglia al defunto. Sentì anche l'odore di cachaça che usciva dalla fiaschetta e della bocca degli uomini seduti là fuori col cappello poggiato sulle gambe. Ponciá



Vicêncio, pur essendo ancora una bambina piccola, non dimenticò mai l'ultimo pianto e riso del nonno. Non dimenticò mai che quella notte, lei che raramente vedeva il padre poiché lavorava nelle terre dei bianchi, lo sentì dire alla madre che Nonno Vicêncio aveva lasciato un'eredità alla bambina.

Il giorno in cui Ponciá Vicêncio scese dal grembo della madre e iniziò a camminare suscitò un grande stupore. Fino ad allora si era rifiutata di stare seduta, e gattonare, non l'aveva mai fatto. Un giorno la madre era in piedi accanto al forno a legna, con lei in braccio, a guardare la danza del fuoco sotto la pentola fumante, quando la bambina iniziò pian piano a lasciarsi scivolare giù. Forzò la discesa dal grembo della madre e, mettendosi in piedi, cominciò a camminare. La sorpresa più grande non fu il fatto che la bambina si mettesse a camminare così all'improvviso, ma il modo in cui lo fece. Camminava con un braccio nascosto dietro la schiena e teneva la manina chiusa come se fosse un moncherino. Era passato quasi un anno da quando Nonno Vicêncio era morto. Tutti si chiedevano perché camminasse così. Quando il nonno era morto, la bambina era così piccola! Com'era possibile che adesso imitasse il nonno? Erano tutti spaventati. Quando vedevano Ponciá Vicêncio, la madre e la madrina si facevano il segno della croce. Solo il padre lo accettava. Fu l'unico a non spaventarsi nel vedere il braccio quasi monco della bambina. Soltanto lui vide la somiglianza tra lei e suo padre come qualcosa di naturale.

Ponciá Vicêncio ricordava poco del padre. Quell'uomo non si fermava mai a casa. Era costantemente immerso nel lavoro della piantagione, nelle terre dei bianchi. Non aveva neanche il tempo per stare insieme alla donna e ai figli. Quando non era il periodo della semina, era il periodo del raccolto, e passava tutto il tempo nella fazenda.

Il padre di Ponciá sapeva leggere tutte le lettere dell'alfabeto. Le conosceva per filo e per segno. In qualsiasi luogo le vedesse, le sapeva riconoscere. Non riusciva però a formare le sillabe né tantomeno le parole. Aveva imparato a leggere le lettere giocando col figlio del padrone. Figlio di persone un tempo ridotte in schiavitù, era cresciuto nella fazenda conducendo la stessa vita dei genitori. Era il paggio del figlio del padrone. Aveva l'obbligo di giocare con lui. Era il cavallo su cui il ragazzino galoppava sognando di esplorare tutte le terre del padre. Avevano la stessa età. Un giorno il padroncino gli ordinò

di aprire la bocca perché voleva farci la pipì dentro. Il paggio la aprì. L'urina dell'altro cadeva scorrendo calda in gola e agli angoli della bocca. Il figlio del padrone rideva, rideva. Lui piangeva e non sapeva se a rendergli la bocca così salata era più il gusto dell'urina o il sapore delle sue lacrime. Quella notte provò ancora più odio nei confronti del padre. Se erano liberi, perché continuavano a stare lì? Perché allora così tanti uomini e donne neri nelle baracche degli schiavi? Perché nessuno di loro partiva alla ricerca di altri luoghi e lavori? Un giorno chiese tutto ciò al padre con delicatezza, con molta delicatezza. Aveva paura delle sue aggressioni. Quando lo picchiava, il braccio monco di quell'uomo era così pesante da sembrare di ferro. Era preciso nei colpi. Lo colpiva sempre alla testa e il sapore del sangue gli riempiva la bocca. Gli fece quelle domande e la risposta del padre fu una sghignazzata rauca a metà tra il riso e il pianto. L'uomo non guardò neppure in faccia il ragazzino. Guardò il tempo come se cercasse nel passato, nel presente e nel futuro una risposta precisa, ma che gli sfuggiva sempre.

Paggio del padroncino, schiavo del padroncino, era tutto e niente per il padroncino. Un giorno il figlio del padrone, che sapeva già leggere, era curioso di vedere se i neri erano in grado di imparare i segni e le lettere dei bianchi, e iniziò così a insegnare al padre di Ponciá. Il bambino assimilò in fretta ciò che il distratto maestro gli aveva insegnato. In poco tempo era già in grado di riconoscere tutte le lettere. Quando il figlio del padrone si accertò che i neri imparavano, smise di giocare. Ebbene sì, i neri imparavano! Ma che se ne fa un nero del sapere del bianco? Il padre di Ponciá Vicêncio, in materia di libri e lettere, non andò mai oltre quelle conoscenze.

Ponciá Vicêncio amava rimanere seduta vicino alla finestra a fissare il vuoto. A volte era talmente assorta che si dimenticava persino di preparare la cena e, quando se ne rendeva conto, il suo uomo stava già tornando dal lavoro. Passava tutto il tempo a pensare, a ricordare. Rievocava la vita passata, pensava al presente, ma non sognava né progettava niente per il futuro. Il domani di Ponciá era fatto di oblio. In altri tempi aveva sognato molto! Quando era più giovane, sognava persino un altro nome per sé stessa. Non le piaceva quello che le avevano dato. Da bambina, era solita andare in riva al fiume e lì, specchiandosi nell'acqua, gridava il suo nome. Ponciá Vicêncio! Ponciá Vicêncio! Aveva la sensazione di star chiamando un'altra persona. Non udiva il suo nome rispondere

dentro di sé. Ne inventava altri. Pandá, Malenga, Quietí; nessuno di questi le apparteneva. Innominata, fremendo per la paura, aveva timore di quel gioco, ma continuava. La testa girava nel vuoto e lei, vuota, si sentiva senza nome. Sentiva di non essere nessuno. E le veniva voglia di piangere e ridere.

L'uomo di Ponciá era appena rientrato in casa e vide la donna distratta alla finestra. La guardò con odio. La donna sembrava rintontita. Passava ore e ore lì immobile, con lo sguardo perso nel nulla. Parlava poco e quando parlava, a volte, diceva cose che lui non comprendeva. Le chiedeva dunque di ripetere, ma il più delle volte la sua risposta complicava ancora di più l'agognato dialogo tra i due. Una notte, passò tutto il tempo davanti allo specchio chiamandosi da sola. Chiamava, chiamava e non rispondeva. L'uomo ebbe paura, tanta paura. Il mattino dopo, sembrava ancora più avvilita. Chiese al suo uomo di non chiamarla più Ponciá Vicêncio. Spaventato, le domandò allora come avrebbe dovuto chiamarla. E lei, guardandolo dritto negli occhi con disperazione, rispose che avrebbe anche potuto non chiamarla affatto.

L'uomo di Ponciá era stanco, molto stanco. I suoi vestiti impolverati, così come il suo corpo, lasciavano cadere polvere. Assieme ad altri stava demolendo una casa di vecchia costruzione. Un lavoraccio! Ogni ora ciascuno prendeva la mazza e colpiva i muri che opponevano resistenza. Ad ogni colpo, ripensava alla baracca in cui vivevano e che ondeggiava al vento. Quando vide la donna così estraniata, gli venne voglia di riportarla al mondo con la forza. Le sferrò un violento pugno alla schiena, gridando il suo nome. La donna gli rivolse uno sguardo pieno d'odio. Per un momento pensò di uscire da lì, andare fuori, passare sotto l'arcobaleno e diventare subito un uomo. E invece, si alzò amareggiata dal suo cantuccio e andò a preparare la cena all'uomo.

Al tempo in cui Ponciá Vicêncio rimaneva in riva al fiume a guardare il suo riflesso nell'acqua, come se fosse davanti a uno specchio, e a chiamarsi da sola, non aveva ancora molti tormenti nel cuore. Era cresciuta da sola, soltanto con la madre. Aveva un fratello, che però giocava poco con lei, dal momento che andava assieme al padre a lavorare nella piantagione, nelle terre dei bianchi. Lei e la madre stavano giorni e giorni senza vederli. E nella stagione delle piogge le loro visite si facevano ancora più rare. La madre faceva pentole, vasi e animaletti di terracotta. La bambina andava a prendere

l'argilla sulle rive del fiume. Una volta asciutti, la madre metteva i manufatti a cuocere in un forno fatto anch'esso di terracotta. Le cosine uscivano perciò solide, forti e resistenti.

Anche Ponciá Vicêncio sapeva lavorare molto bene l'argilla. Un giorno fece un uomo bassino, ricurvo, tutto pelle e ossa, esile come un ramoscello e con il braccino monco dietro la schiena. La madre prese il suo manufatto e le venne voglia di farlo a pezzi, ma si trattenne, così come si trattenne dal gridare. Qualche giorno dopo, il padre tornò dalla terra dei bianchi portando le provviste. La madre aveva il cuore pieno di angoscia e di interrogativi. Cosa stava succedendo a quella bambina? Prima aveva iniziato a camminare all'improvviso e alla stessa maniera del nonno... Ora aveva fatto quell'omino di argilla, così simile al vecchio. Aveva avvolto il manufatto conservandolo in fondo alla cassetta. E, nonostante ciò, sembrava che da là dentro uscissero ora risalamenti, ora pianti-risate. Cosa fare con la creazione della figlia? Cosa fare con il Nonno Vicêncio della figlia? Sì, era proprio lui. Tale e quale! Come faceva la bambina a ricordarsi di lui? Era così piccola, ancora una neonata, quando l'uomo aveva esalato il suo ultimo respiro. Come aveva fatto allora ad imprimere nella memoria tutti i suoi modi di fare?

Il padre di Ponciá guardò l'uomo d'argilla che aveva fatto la bambina e riconobbe in lui suo padre. Prese il manufatto e lo guardò con attenzione. Gli occhi, la bocca, la schiena ricurva, la magrezza, il braccino monco, era tutto uguale, identico. La bocca accennava un sorriso, ma nel volto l'espressione era di dolore. Ebbe come l'impressione che l'uomo-argilla stesse per scoppiare a ridere e piangere, come era solito fare suo padre. Chiamò la bambina, restituendole ciò che era suo. Non fece nessun gesto né di approvazione né di disapprovazione. Quella era un'opera di Ponciá Vicêncio, per sé stessa. Nulla che potesse essere regalato o venduto. Volsse le spalle alla figlia e, brontolando fra i denti, disse alla donna che non capiva per quale motivo fosse così spaventata.

Al padre di Ponciá poco importava se la bambina somigliasse o meno a suo padre. Lui invece non gli somigliava affatto. Non aveva preso niente dal vecchio né avrebbe voluto. Oltretutto, non sapeva neppure se un tempo avesse amato o odiato il padre. Aveva provato sentimenti contrastanti nei confronti di quell'uomo. Quando era ancora un bambino piccolo, forse aveva provato timore, rispetto, amore. E poi terrore, odio e vergogna, tanta vergogna, quando il padre aveva cominciato a ridere e a piangere

contemporaneamente, oltre a dire cose incomprensibili. Man mano che le condizioni del vecchio peggioravano, aveva iniziato a desiderare ardentemente che morisse. Un giorno era persino arrivato a pensare di ucciderlo. Sapeva che la sua vita era appesa a un filo, bastava uno spintone, bastava solo rievocare quell'evento. Più volte tentò di farlo. Un giorno, nel tardo pomeriggio, prese il padre per le spalle e lo scosse, ancora e ancora e ancora. L'uomo rideva e piangeva disperatamente. E intanto, la morte non sopraggiungeva. Ma il padre di Ponciá sapeva come abbreviare la vita del vecchio. Bastava fargli rivolgere l'attenzione su quell'evento. Cominciò a fargli delle domande, ma poi desistette. Sapeva che se avesse fatto ricordare tutto quanto al padre, se avesse ferito la sua memoria, l'uomo sarebbe morto per davvero. Sarebbe morto di tutte le morti, della morte più profonda. Aprì la bocca, provando a pronunciare nuovamente le parole. Ma immediatamente si fermò. Rammentare quell'evento era come assaporare la propria morte, era come uccidere anche sé stesso.

Ponciá Vicêncio interruppe i pensieri-ricordi, si alzò raddrizzandosi la schiena che le bruciava per il pugno ricevuto dall'uomo, e andò lentamente a preparare da mangiare. Lo guardò, si era seduto sul letto sudicio e si sentì ancora più disgustata della vita. Che cosa ci stava a fare con quell'uomo? Non provavano neanche più piacere. Si ricordò allora di quando aveva provato piacere per la prima volta. Aveva forse undici anni all'incirca. Era appena passata sotto l'arcobaleno. In preda al panico, si distese per terra su un fianco e cominciò a palparsi il corpo per vedere se aveva subito qualche cambiamento. Quando toccò in mezzo alle gambe, sentì un leggero brivido. Toccò di nuovo; pur essendo spaventata, le piaceva. Toccò ancora e ancora là dentro e raggiunse il piacere, nonostante lo stupore e la paura. Lassù il serpente celeste, con il suo corpo, curva minacciosa, incombeva su di lei.

L'urlo dell'uomo, che si lamentava dell'apatia di Ponciá, ancora una volta le fece interrompere i ricordi. Si arrabbiò, ma non disse nulla. Ingoiò la collera assieme al silenzio. Rimescolò i fagioli. Il fuoco danzò sotto la pentola come a voler incendiare tutto. Nonostante il suo andirivieni nel tempo, nel giro di pochi minuti la cena fu pronta. Andò allo scaffale, prese un barattolo di confettura di guava vuoto e cominciò a servire il cibo all'uomo. Dalla pentola non saliva alcun profumo. Rimase in dubbio se mangiare o meno.

Prese una manciata di ciccioli con la punta delle dita, li portò alla bocca e si mise a mordicchiarne uno. L'uomo mangiava seduto sul letto, con il barattolo in mano. Faticava a mandare giù quel cibo asciutto e tossiva tra una cucchiata e l'altra. La donna andò verso la pentola di terracotta e tornò con una tazza di latta piena d'acqua. L'uomo bevve il liquido tutto d'un sorso. Lasciò per terra il barattolo con gli avanzi di cibo. Si tolse di colpo la camicia e i pantaloni e, con addosso dei calzoncini sporchi e maleodoranti, affondò il viso nel cuscino ridotto a stracci e in poco tempo si addormentò.

Ponciá Vicêncio posò lentamente lo sguardo sulla stanza in cui vivevano. La polvere si accumulava sopra il vecchio armadio. Sulle travi del soffitto si accumulavano ragnatele e fuliggine. I mucchi di biancheria sporca crescevano di giorno in giorno negli angoli della camera. I fogli di giornale, che tappezzavano i ripiani dell'armadio, erano ormai ingialliti dal tempo e i bordi rosicchiati da topi e scarafaggi. Ogni notte contemplava lo stato d'abbandono in cui versava la casa, la mancanza di pulizia che la turbava così tanto, ma le mancava il coraggio di cambiare quell'ambiente. Chiuse gli occhi e ricordò la casetta dal pavimento di terra battuta della sua infanzia. Il terreno era tutto liscio e uniforme e, seppur asciutto, dava l'impressione di essere scivoloso. Là, tutto era di argilla. Pentole, tazze, ornamenti, e persino un cucchiaino con cui la madre serviva i fagioli. Al ricordo della madre, le si strinse il cuore. Cosa le era successo? Era morta? Aveva bisogno di riportare a galla alcune storie del passato. Ma in che modo? E il fratello? Aveva vissuto poco con lui durante l'infanzia, molto poco, ma le rare volte in cui si erano incontrati avevano trascorso al meglio il loro tempo insieme. Non erano soliti scambiarsi gesti affettuosi espliciti; tuttavia, pur senza toccarsi e neppure abbracciarsi, si volevano tanto bene. Sapeva che anche lui se n'era andato a esplorare il mondo. Ce l'aveva fatta? Era riuscito ad andare oltre? O si era ridotto come lei, piccolo, misero, in una baracca qualsiasi? Ponciá aveva tessuto una rete di sogni e adesso vedeva i fili di questa rete dipanarsi uno ad uno e ogni cosa diventare una grande voragine, un enorme vuoto.

Ai tempi dei campi di Ponciá, ai tempi della casa di canne e argilla, del pavimento di terra battuta, delle bambole di spighe di granturco, dell'arcobaleno-serpente corallo che si abbeverava al fiume, alla bambina piaceva essere una donna, era felice. La madre non si lamentava mai dell'assenza dell'uomo. Si teneva occupata cantando mentre faceva i

suoi vasetti d'argilla. Quando tornava, era lei a decidere cosa avrebbe fatto l'uomo durante quei giorni. Cosa avrebbe fatto una volta ritornato nelle terre dei bianchi. Cosa avrebbe dovuto dire loro. Cosa avrebbe dovuto portare al prossimo ritorno a casa. Avvolgeva i vasi d'argilla in foglie di banano e paglia secca, gli indicava quelli da vendere e stabiliva il prezzo. Quanto a quelli da regalare, era sempre lei a scegliere a chi darli in dono. Talvolta il padre era in disaccordo su ogni cosa. Su quello che avrebbe fatto in quei giorni di permanenza a casa, sul prezzo stabilito per gli articoli e su chi li avrebbe ricevuti in dono. La madre ripeteva quello che aveva detto prima. A quel punto il padre faceva quello che gli aveva chiesto e andava via senza salutare né lei né la figlia, trascinando il figlio per la mano. Dalla porta, la madre benediva il figlio e ad alta voce augurava loro che Dio li accompagnasse nel cammino. Dopodiché, rientrava a casa canticchiando. Ponciá Vicêncio sorrideva. Il padre era forte, il fratello quasi un uomo, la madre dava gli ordini e loro obbedivano. Era così bello essere donne! Un giorno anche lei avrebbe avuto un uomo che, seppur litigando, avrebbe fatto tutto quello che lei voleva, e avrebbe anche avuto figli.

In quel periodo, dei missionari andavano in giro per l'entroterra del paese. Un giorno la notizia si diffuse. Sarebbero rimasti lì per un po' e avrebbero aperto una scuola. Chiunque avesse voluto imparare a leggere, sarebbe potuto andare. Ponciá Vicêncio ottenne il consenso della madre. Chissà, magari un giorno la bambina avrebbe lasciato i campi e sarebbe andata in città. Perciò, era necessario imparare a leggere. In campagna, no! Bisognava sapere altro. Quel che importava in campagna era conoscere le fasi lunari, il periodo della semina e del raccolto, la stagione delle piogge e della siccità. La pozione curativa per i disturbi della pelle, dello stomaco, dell'intestino e per gli eventi straordinari delle donne. Saper fare la benedizione per il fuoco di Sant'Antonio, per l'osso fratturato o fuoriuscito, per le colichette dei bambini. Le conoscenze necessarie in campagna erano totalmente diverse da quelle della città. Era meglio lasciare che la bambina imparasse a leggere. Chissà, magari la strada della bambina sarebbe stata un'altra.

Ponciá Vicêncio superava le difficoltà. Imparò l'alfabeto, sapeva riconoscere le lettere ovunque. Quando tornava il padre, si mettevano a leggere insieme le lettere nel sillabario. Mentre le conoscenze del padre, in materia di lettura, si erano fermate al riconoscimento delle lettere, quelle della bambina andavano oltre. Iniziò a formare le sillabe e, quando stava già per formare le parole, la missione terminò. I padri missionari

andarono presso altri villaggi, dopo aver fatto sì che le coppie conviventi si sposassero, i bambini piccoli ricevessero il battesimo, quelli più grandi la prima comunione e gli infermi l'unzione. Alcuni malati guarirono con le pozioni curative di Nêngua Kainda, si alzarono dal letto ed ebbero più tempo per vivere e peccare ancora.

Quando i padri missionari, dopo aver svolto tutte le loro cerimonie, andarono via, Ponciá capì subito che non poteva aspettare loro per ampliare le sue conoscenze. Proseguì da sola e senza desistere tra i fogli del sillabario. E in pochi mesi sapeva leggere.

Il tempo passava, la bambina cresceva e non si abituava al suo stesso nome. Continuava a pensare che fosse un nome vuoto, distante. Quando imparò a leggere e scrivere, fu ancora peggio, specie dopo aver scoperto l'accento acuto di Ponciá. A volte, in un esercizio di autoflagellazione, si metteva a copiare il nome e a ripeterlo, nel tentativo di ritrovare sé stessa, di sentire risuonare il suo eco. Ed era così doloroso scrivere l'accento. Era come se si stesse lanciando addosso una lama affilata che le torturava il corpo. *ventre E Ponciá? Da dove era venuto fuori il nome Ponciá? Perché? In quale memoria del tempo era scritto il significato del suo nome? Ponciá Vicêncio era per lei un nome che non aveva padrone.*

La bambina aveva sentito dire alcune volte che Nonno Vicêncio le aveva lasciato un'eredità. Non sapeva cosa fosse un'eredità, avrebbe voluto chiederlo ma non sapeva come. Ogni volta che parlavano di lui (parlavano molto ma molto poco), chiacchieravano a bassa voce, quasi bisbigliando, e quando lei si avvicinava, tacevano. Dicevano che gli somigliava parecchio, in tutto e per tutto, persino nello sguardo. Dicevano che le piaceva osservare il vuoto proprio come a lui. Ponciá Vicêncio non rispondeva, ma sapeva dove stava guardando. Vedeva tutto, vedeva il vuoto stesso.

Quando il padre morì, lo spavento di Ponciá Vicêncio, in quel momento, era stato probabilmente più grande del dolore. Poche settimane prima, era stato a casa a estirpare le erbacce che si ostinavano a crescere tutt'intorno e che facevano da nascondiglio per i serpenti. Aveva anche portato con sé il vasellame che la donna aveva lavorato per venderlo. Quando era uscito di casa, stava bene; avrebbe quasi potuto dire di essere partito



felice, se non fosse stato per la mancanza che soffriva, pur non lamentandosene mai, della moglie e della figlia. Il padre di Ponciá non era un uomo avvezzo al riso; era taciturno, tranquillo, e i sentimenti se li teneva per sé. Ma da bambino non era così. Nonostante gli ordini del figlio del padrone e l'apparente obbedienza cieca che era costretto a dimostrargli, esternava i suoi dispiaceri con immense lacrime, così come scoppiava in ampie e sonore risate. Tuttavia, man mano che era cresciuto aveva imparato a nascondere ciò che sentiva dentro di sé. Non piangeva e si teneva dentro le risa. E il massimo che faceva, se era scontento, era brontolare, ma a voce così bassa e con le labbra così serrate che i borbottii gli cadevano addosso, in un dissenso profondo e vano.

E in un limpido pomeriggio, in cui il sole cuoceva la terra e gli uomini lavoravano alla mietitura, mentre tutti intonavano canti ritmati sul movimento del corpo durante l'esecuzione del lavoro, quel pomeriggio il padre di Ponciá Vicêncio cominciò a chinarsi, a chinarsi a ritmo di musica, ma non raccolse il frutto dalla terra, semplicemente si consegnò alla terra. I compagni, impegnati nel lavoro, non se ne accorsero nemmeno. Solo più tardi, fra le note della melodia, udirono un tono, un accento diverso. Erano i singhiozzi del fratello di Ponciá disteso sul corpo del padre, che giaceva riverso al suolo a faccia in giù. Soltanto dopo giorni e giorni, dopo quasi un mese, il ragazzino trovò il coraggio di andare a casa e raccontare alla madre e alla sorella ciò che era successo. Quando scorse la sagoma del figlio da solo, la donna uscì disperata andandogli incontro. Abbracciò il ragazzino e poi abbracciò lentamente e solennemente il vuoto, come se stesse abbracciando qualcuno in carne ed ossa. Non gli chiese nulla. Sapeva già tutto. In quei giorni aveva sognato varie volte l'uomo. Solo che non riusciva a vedere il suo volto. Ora era di spalle, ora aveva il cappello così abbassato sulla testa che gli nascondeva il viso. E un pomeriggio in cui il tempo era sereno e tiepido, aveva udito canti, pianti e lamenti. In quei lamenti, aveva riconosciuto la voce del figlio.

Madre e figlio avanzarono mano nella mano. Da quando il figlio era cresciuto, questo era il primo grande gesto d'affetto della madre. Stringeva la mano al figlio, come se avesse paura che fuggisse via anche lui. Chiamò la bambina e le disse che il padre non sarebbe mai più tornato. Aveva compiuto il suo grande viaggio. In un primo momento, Ponciá provò un sentimento di rabbia. Come aveva potuto il padre farle questo? Conosceva persone che avevano compiuto il loro viaggio finale, ma che rimanevano molto tempo per dare l'ultimo saluto. Provavano prima le pozioni curative di Nêngua

Kainda. E non se ne andavano finché tutti, comprese loro, non si abituavano all'idea della loro partenza. Per molto tempo, forse per anni, Ponciá sperò che il padre potesse comparire, ritornare in un momento qualsiasi e per un motivo qualunque. Forse la madre condivideva la stessa sensazione, dato che tenne conservate le cose dell'uomo sempre nello stesso posto. E nei giorni in cui il figlio tornava dal lavoro, lei lo aspettava alla porta e, dopo averlo benedetto, camminava cinque passi avanti e con un gesto ampio e deciso abbracciava il vuoto. La donna non riusciva a credere che il suo uomo se ne fosse andato per sempre.

Ponciá Vicêncio si distese sul letto sudicio accanto all'uomo e rimase supina con lo sguardo perso nel nulla. Le venne in mente l'immagine dei maiali nel porcile che mangiano e dormono solo per poi essere un giorno sacrificati. Che vita è questa, mio Dio? I giorni passavano e lei era sempre più stanca, sempre più debole per vivere, ma non aveva ancora neanche il coraggio di morire. All'uomo piaceva dire che lei aveva qualche rotella fuori posto. Era vero? Ebbene sì! A volte si sentiva proprio come se la sua testa fosse un enorme vuoto, pieno del nulla più assoluto.

Quando Ponciá Vicêncio decise di andare via dal villaggio in cui era nata, la decisione arrivò forte e repentina. Era stanca di tutto. Di lavorare l'argilla con la madre, di andare e venire dalle terre dei bianchi e tornare a mani vuote. Di vedere la terra dei neri ricoperta di piantagioni, delle quali si occupavano le donne e i bambini, dal momento che gli uomini passavano la loro vita a lavorare nelle terre degli signori e di vedere, poi, che la maggior parte dei raccolti veniva consegnata ai padroni. Era stanca della lotta insana, senza gloria, alla quale tutti cedevano solo per poi risvegliarsi ogni giorno più poveri, mentre alcuni riuscivano ad arricchirsi di giorno in giorno. Credeva che avrebbe potuto tracciare altri cammini, inventarsi una vita nuova. E così, avanzando verso il futuro, Ponciá partì col treno del giorno dopo, dato che il convoglio non sarebbe tornato così presto al villaggio. Non ebbe neppure il tempo di salutare il fratello. E adesso, standosene lì distesa con gli occhi spalancati, immersi nel nulla, si chiedeva se era valsa la pena di aver lasciato la sua terra. Che fine avevano fatto i sogni così certi di una vita migliore? Non erano solamente sogni, erano certezze! Certezze che erano state svuotate nel momento in cui aveva perso il contatto con i suoi cari. E ora come una morta-viva, viveva.

Quando il treno cominciò a rallentare e arrivò al binario, Ponciá Vicêncio strinse al petto il piccolo fagotto che aveva tenuto in braccio per tutto il viaggio. Si alzò afflitta e guardò disperatamente là fuori alla ricerca di qualcuno. Non scorse alcun volto familiare e provò un profondo dispiacere, nonostante sapesse già che non ci sarebbe stato nessuno ad aspettarla. Non conosceva nessuno, non era mai venuta in città e si era lasciata alle spalle tutti i suoi parenti. Nessuno di loro aveva mai osato lanciarsi in un'avventura simile. Stava per calare la notte e Ponciá non sapeva bene cosa fare. Uscì in tutta fretta e si diresse fuori dalla stazione. Avrebbe voluto guardarsi indietro, ma temeva che dopo le sarebbe venuta voglia di rientrare. Guardò davanti a sé; in fondo al viale, un'imponente cattedrale con le luci accese aspettava i credenti. L'orologio della chiesa era così grande che riuscì da lontano a leggere l'ora. Erano le sei. A quel tempo Ponciá aveva diciannove anni, età in cui si è ancora capaci di fingere una sensazione di sicurezza. Camminò sempre dritto a passo deciso e si fermò soltanto quando arrivò alla scalinata del tempio.

La prima impressione che Ponciá ebbe all'interno della chiesa fu che i santi fossero persone in carne ed ossa. Erano a grandezza naturale. Erano puliti e pettinati. Sembrava che avessero addirittura fatto il bagno. Dovevano essere più potenti di quelli della piccola cappella del villaggio in cui era nata. Quelli là erano poverelli e malvestiti come tutti quanti. Quando le luci delle candele illuminavano i loro volti, si poteva vedere che avevano lo sguardo afflitto, disperato, come i peccatori che restavano lì immobili a recitare litanie. I santi di quella cattedrale, invece, niente affatto! Erano calmi. Ponciá osservò le persone attorno a lei. Erano simili ai santi, pulite e con dei rosari luccicanti tra le mani. Le venne in mente il suo. I grani erano quelli della coroncina delle lacrime della Madonna. E con un movimento rapido sfilò dal collo il rosario dai grani scuri, protettori del suo corpo. Non ebbe il coraggio di sgranare il rosario in pubblico e lo infilò proprio in fondo al fagotto. Si inginocchiò e cercò di recitare l'Ave Maria.

Il cuore ispirato di Ponciá dettava futuri successi per la vita della ragazza. La fede era l'unico bene che si era portata dietro per affrontare un viaggio che era durato tre giorni e tre notti. Nonostante la scomodità, la fame, i biscotti di farina di mais già finiti il primo giorno, il caffè acquoso dentro alla fiaschetta, le zollette di zucchero di canna, che leccava

solamente senza nemmeno succhiarle, di modo che durassero fino alla fine del viaggio, portava con sé la speranza come biglietto. Sì, avrebbe dovuto tracciare il suo destino.

Ponciá aveva reso la madre triste, sola. Quando la ragazza le aveva comunicato l'improvvisa decisione di partire, si era lamentata affranta della mancanza che avrebbe sentito della figlia. E la avvertì anche su come sarebbe stato vivere in città. Ponciá cercava di consolare la madre dicendole che un giorno sarebbe tornata a prendere lei e il fratello. E che insieme sarebbero stati felici.

Ponciá Vicêncio non capiva per quale motivo le persone nel villaggio temevano così tanto la città. Alcuni partivano e si trovavano bene, ma intanto loro ricordavano e ripetevano all'infinito soltanto i casi infelici, le storie di fallimenti. Continuavano a raccontare ciò che era successo a Maria Pia. La ragazza aveva preso una malattia dal figlio del padrone di casa. Il ragazzo era malato e le aveva parlato d'amore. Lui voleva, lei voleva. Nessuno doveva saperlo, soprattutto i genitori di lui. Poteva anche succedere lì, nella camera di lei, nel retro della cucina. E Raimundo il Piccolo? Si era fatto gli amici sbagliati, si era fidato di loro, era stato sedotto dai soldi facili e aveva accettato di vendere tutto quello che gli portavano. Aveva persino portato alcune cose in campagna. Tutto molto bello. Tagli di stoffa, corredi, vestiti, orologi, borse e persino una radio. In seguito, si venne a sapere che gli amici di Raimundo erano fuggiti e che lui era stato arrestato.

Raccontavano di molti altri casi di conoscenti che avevano lasciato il villaggio per dirigersi in città e che erano stati derubati alla stazione di arrivo. Avevano perso quel poco che avevano ed erano diventati subito mendicanti. Altri non riuscivano a trovare lavoro o guadagnavano una miseria e non avevano i mezzi sufficienti per vivere in maniera dignitosa. La loro vita diventava peggiore di quella nella piantagione. Conosceva molti casi tristi, in cui era andato tutto storto. Cercò di ricordarsene qualcuno che avesse avuto un lieto fine. Non le venne in mente nulla. Si sforzò ancora una volta, ma non se ne ricordò neanche uno. Non si demoralizzò. Rammentavano e parlavano tanto di quei casi tristi, che persino lei riusciva a ricordare solo quelli. Non aveva importanza. Il suo caso, una volta tornata a prendere i suoi cari, sarebbe stato una storia a lieto fine.

Ponciá Vicêncio cercava di recitare l'Ave Maria. La lucentezza della chiesa, la bella musica che cantavano lassù, i vestiti belli puliti del prete, la bellezza dei santi e le

donne ben vestite che erano accanto a lei, tutto la distraeva. Più volte iniziò la preghiera, ma si perdeva sempre fra le parole. Rimase a lungo dentro la chiesa. Era tutto così bello. A Dio sicuramente doveva piacere tutto quel lusso.

Pian piano la musica del coro si abbassò. Le persone cominciarono a uscire e le luci a spegnersi. Quando se ne rese conto, la chiesa era quasi vuota; erano rimaste solo alcune persone qua e là. Provò a concentrarsi di nuovo sulla preghiera. Chiuse gli occhi e riuscì a finire di recitare l'Ave Maria. Quando terminò, sapeva che doveva fare qualcosa. Uscire dalla chiesa e cercare un posto dove dormire. Solo in quel momento rimase sbalordita del coraggio che aveva avuto. Aveva deciso tutto così in fretta. Aveva preparato le sue poche cose all'improvviso e, tutto d'un fiato, aveva comunicato alla madre la decisione di partire. Doveva essere concisa, molto concisa. Non poteva perdersi in saluti. Il treno sarebbe partito presto il giorno dopo. Se avesse perso quello, il successivo sarebbe passato dopo giorni e giorni, quasi un mese dopo. Mandava un abbraccio al fratello, dato che non sarebbe potuta andare nelle terre dei bianchi a cercarlo.

La madre di Ponciá aveva guardato un po' incredula la ragazza, dopo aver sentito la figlia parlare della decisione di partire. Come mai quella partenza così improvvisa, quasi come un gesto di fuga? Ponciá non riuscì a spiegarle che la sua urgenza scaturiva dalla paura di non riuscire a partire. Dalla paura di desistere, dalla disperazione di non voler rimanere lì a ripetere la storia dei suoi cari. Ma adesso, da sola in città, dove sarebbe dovuta andare? E cosa avrebbe dovuto fare? Aveva già perso molto tempo a contemplare ogni dettaglio della fede esternata in quella casa di Dio. Ascoltò il rumore delle porte pesanti che si muovevano. Era il sagrestano che chiudeva la chiesa. Confusa, uscì senza sapere da che parte andare.

La prima notte in città, Ponciá Vicêncio la passò proprio lì, di fronte alla porta della chiesa. Vide il sagrestano chiudere la porta. Anche il giovane la vide, abbracciata al fagotto con le sue poche cose. Avrebbe voluto chiedere informazioni, fare qualche domanda al prete e chiedere come elemosina qualcosa da mangiare o un sorso d'acqua, ma non ne ebbe il coraggio.

Era già successo che passasse la notte in bianco, in occasione di una festa o di una veglia funebre, ma mai da sola. Aveva freddo e paura. A poco a poco cominciò ad arrivare

qualcun altro a farle compagnia. Mendicanti, bambini, donne e uomini. Arrivavano allegri e sorridenti, nonostante la scomodità e il freddo. Ponciá ne trovò alcuni già distesi, infagottati in fogli di giornale, e si sentì rabbrivire. Ripensò ai santi all'interno, alle candele e ai candelieri, alle vetrate colorate, ai banchi larghi di legno lucido. Rivide il pavimento liscio, quasi scivoloso della chiesa. Si guardò nuovamente intorno; erano tutti calmi, molti stavano addirittura dormendo. Aprì il fagotto, tirò fuori il rosario delle lacrime della Madonna e, baciando con riverenza i grani scuri, il cui colore si confondeva con quello della notte, si fece il segno della croce e cominciò a recitare l'Ave Maria.

La notte passò lenta e fredda. Ponciá udì tutti i rintocchi della campana della chiesa e ad ognuno di essi sobbalzò. Si mise a ripensare alla sua infanzia, ai casi della piantagione, alle storie di vita e di morte. Ripensò alla donna alta, trasparente e vuota che un giorno le aveva sorriso in mezzo al campo di granturco. Ripensò alla veglia funebre di Nonno Vicêncio, al profumo e alla luce delle candele. Si ricordò che aveva sempre sentito dire che il nonno le aveva lasciato un'eredità. Ripensò al padre che era uscito per andare al lavoro e che non era mai più tornato. Ripensò anche al manufatto che aveva realizzato con l'argilla e che tutti dicevano che fosse Nonno Vicêncio. Tastò il fagotto. Che peccato! Aveva dimenticato l'uomo-argilla a casa. Le tornò in mente lo sguardo afflitto e disperato della madre al momento della partenza. A questi ricordi si mescolò quello del volto del fratello, che ormai non vedeva da più di un mese. Sentì un peso nel cuore, una profonda tristezza, un cattivo presagio. Si alzò affranta. Voleva andarsene. Ma dove? Si sedette di nuovo. Un mendicante dormiva profondamente accanto a lei, ma di tanto in tanto si percuoteva da solo. Avrebbe voluto essere sul treno, tornare. Si nascose il viso col fagotto che teneva in braccio e sommessamente, quasi in silenzio, come a volersi nascondere da sé stessa, pianse.

Ponciá Vicêncio si svegliò col rumore delle porte che si aprivano. La casa di fede si apriva per accogliere i fedeli. Con un'aria ancora assonnata, entravano veloci delle donne anziane, ognuna delle quali sembrava voler essere la prima a porgere i saluti a Dio. I mendicanti, che la notte si erano distesi lungo la scalinata, si rannicchiavano ai lati o si alzavano per lasciar passare i fedeli, i quali arrivavano contriti per presenziare alla prima messa del giorno. Erano le sei del mattino. Molti di loro iniziavano a disperdersi, soprattutto i bambini. I vecchi si appoggiavano là dov'erano e allungavano i cappelli o i barattoli (di confettura di guava, vuoti), nei quali di tanto in tanto cadevano alcune

monete. Mossa a compassione dalla loro triste sorte, Ponciá raccolse le ultime monete e le diede ad alcuni di loro.

Cercando di risvegliare il coraggio che si era assopito sotto l'effetto della paura, Ponciá si mise a chiedere alle signore che uscivano dalla chiesa se avevano bisogno di qualcuno che lavorasse per loro. Ad ogni cristiana rivolgeva la domanda tutta d'un fiato, poiché altrimenti la voce le sarebbe potuta rimanere sepolta in gola. Quando uscì la prima, le si avvicinò velocemente, ma la donna andò avanti e, quando Ponciá riuscì a proferir parola, la signora era già lontana. E così fu con le altre. Decise allora di aspettare di avere le parole già pronte. Si distaccò dalla porta principale della chiesa e raggiunse il gruppo di senzatetto che si erano allontanati un po' per dividersi dei pezzi di pane tra di loro. Per esercitarsi nell'approccio e nella richiesta di opportunità di lavoro, scelse una donna di una certa età, che somigliava a sua madre. La mendicante guardò Ponciá e le sorrise dicendo che non aveva nessun lavoro da offrire alla ragazza ma che, se avesse voluto, avrebbero potuto chiedere l'elemosina insieme. Bastava che lei chiudesse attentamente gli occhi, senza stringerli troppo, e chiunque avrebbe dato un aiuto a una donna così giovane e cieca. Ponciá si spaventò quando immaginò la scena. No, lei non era cieca. Riusciva a vedere a occhi aperti e chiusi. Sin da bambina vedeva cose che molta gente non capiva.

Una volta tornata alla porta principale, Ponciá si appostò nuovamente in attesa. Non appena uscì un'altra fedele, si fece avanti balbettando e riuscì a comunicare la sua necessità di trovare lavoro. Non aveva esperienza nello svolgimento di faccende domestiche a casa di gente facoltosa, però sapeva lavorare molto bene l'argilla. La donna ascoltò pazientemente tutto e alla fine le disse che non aveva bisogno di nessuno. Delusa, Ponciá lanciò un'occhiata dentro la chiesa. Erano rimaste poche persone, solamente tre, fra cui una donna soltanto e fu in lei, proprio in lei che Ponciá ripose le sue ultime speranze.

Ponciá rimase in attesa di quest'ultima, con le parole che si staccavano già dalle labbra. Doveva fare in fretta. Non appena la signora uscì, le toccò il braccio. Le spiegò che era appena arrivata nella capitale. Era venuta col treno. Quel treno che passava nel villaggio di "Vila Vicêncio". Stava cercando lavoro. La signora la squadrò dall'alto in basso. Le disse che non aveva bisogno di nessuno, ma forse una cugina sì. Scrisse l'indirizzo in un pezzetto di carta e poi lo lesse ad alta voce a Ponciá Vicêncio, invitandola

ad andarci quella mattina stessa. Ponciá, prima di cercare il modo per arrivare all'indirizzo, lesse e rilesse cosa c'era scritto nel fogliettino:

*Rua Prata da Lei, numero 39 – casa 7 Bairro das Alegrias*

Subito dopo piegò il foglietto e se lo mise nel petto. Era felice, sapeva leggere.

A poco a poco Ponciá si abituò al lavoro. Rimase proprio a casa della cugina della donna che aveva incontrato in chiesa. Iniziò ad imparare il lessico delle faccende domestiche di una casa di città. Non dimenticò mai il giorno in cui la padrona le chiese di prenderle il *peignoir* e lei, rispondendo prontamente alla sua richiesta, le portò il portasapone. Sbagliava parecchio, ma imparava anche parecchio. Aveva il cuore leggero, credeva che ci fosse una via d'uscita nella sua vita. Avrebbe lavorato, messo da parte dei soldi, comprato una casetta e sarebbe tornata a prendere sua madre e suo fratello. La vita le sembrava possibile e semplice.

L'uomo di Ponciá Vicêncio si rigirò nel letto. Il suo movimento arrivò fino in fondo allo stato di torpore a cui Ponciá si era abbandonata, svegliandola dai suoi pensieri-ricordi. Russava tranquillo accanto a lei, come se fosse in pace con la sua vita. Mio Dio, possibile che quell'uomo non desiderasse nient'altro? Gli andava bene la baracca, il cibo messo nel barattolo di confettura di guava vuoto? La polvere della casa, quella delle costruzioni civili, un sorso di cachaça nel fine settimana? Quattro chiacchiere veloci con gli amici? Possibile che gli bastasse solo questo? Talvolta avvertiva in lui un barlume di tristezza. Allora le veniva voglia di aprirgli il suo cuore, di lasciarsi andare alle parole, ma l'uomo era così rude, così taciturno. Nemmeno quando lo conobbe, nemmeno quando ancora sorridevano e si amavano Ponciá era riuscita ad aprirgli qualcosa che non fosse il suo corpo-gambe. A volte ci provava, ma lui era sempre taciturno, silenzioso, distaccato. Spesso neanche il piacere era ben distribuito. Quindi dopo, da sola, ricordava col pensiero e con le mani il piacere che aveva provato un giorno quando, colma di paura e disperazione, si era toccata per assicurarsi che, dopo il passaggio sotto il serpente celeste, era ancora una ragazza.



Le prime volte in cui Ponciá aveva sentito quel vuoto nella testa, quando era tornata in sé si era sentita frastornata. Cos'era successo? Quanto tempo era rimasta in quello stato? Cercò di ricordare gli avvenimenti e non sapeva come tutto ciò fosse accaduto. Sapeva soltanto che, all'improvviso, era come se dentro di sé si fosse aperta una voragine che formava una profonda crepa fuori e dentro, un vuoto, con il quale lei si confondeva. Ma nel frattempo era ancora consapevole di tutto ciò che la circondava. Vedeva la vita e gli altri realizzarsi, osservava i movimenti che gli altri compivano, ma si perdeva, non riusciva a capirsi. Inizialmente, quando il vuoto minacciava di colmare la sua persona, veniva assalita dalla paura. Adesso invece le piaceva l'assenza nella quale si rifugiava, distaccandosi da sé stessa, diventando estranea al suo proprio io.

Abituata ad avere poco, Ponciá Vicêncio lavorava e man mano metteva soldi da parte per comprare una baracca. Scriveva parecchio alla madre e al fratello. Dal momento che loro non sapevano scrivere e il postino non passava nelle terre dei neri, non seppe mai se ricevessero notizie da parte sua. Il giorno in cui il treno merci che passava per Vila Vicêncio arrivava in stazione, la ragazza ci andava affranta, in cerca di qualche volto familiare, di qualche avventuriero che fosse arrivato in città. Era lontana dal villaggio ormai da molto tempo e provava un'acuta nostalgia di coloro che erano rimasti là. Voleva tornare a casa, ma come faceva a dirlo alla padrona? E si era anche fatta una promessa, quella di ritornare soltanto con lo scopo di andare a prendere i suoi cari.

Tuttavia, un giorno, anni e anni dopo, durante le sue peregrinazioni in stazione venne a conoscenza dell'accaduto. Anche suo fratello era andato via dal villaggio ed era persino venuto nella stessa città. Sua madre, che non voleva rimanere da sola, si era tirata dietro la porta di casa, aveva lasciato tutto ed era uscita in cerca di non si sa cosa. Dei figli, dell'argilla...

Ponciá Vicêncio provò un angoscioso rimorso nel petto. Sì, era stata lei la causa di tutto. Era uscita per prima di casa, adesso il fratello era sperduto in città e la madre vagava senza meta per il villaggio. Aveva bisogno di entrambi, i soldi che possedeva erano già sufficienti per iniziare l'acquisto di una casetta alla periferia della città. Ma a cosa sarebbe servita una casa adesso? A vivere da sola? Non erano questi i suoi piani

iniziali. Doveva urgentemente trovare la madre e il fratello. Allora le balenò in mente un'idea, una soluzione. Si sarebbe rivolta all'emittente radiofonica locale e avrebbe lanciato un appello per ritrovare i due. E di tanto in tanto, ascoltava quasi disperata il suo stesso accorato annuncio, col quale cercava di rintracciare i suoi cari. Non arrivavano risposte; eppure, Ponciá nutriva ancora la speranza di rivederli un giorno.

Quando Ponciá Vicêncio, dopo tanti anni di lavoro, riuscì a comprare una stanzetta nella periferia della città, ritornò al villaggio. Il treno era lo stesso, con gli stessi disagi e scomodità. Si scendeva all'ingresso del villaggio e il resto del tragitto lo si faceva a piedi, ore e ore di cammino. Attraversava le terre dei bianchi e si vedevano distese di terreni agricoli arati dagli uomini che vi lavoravano, lontani dalle loro famiglie. Ponciá ripensò al padre, alle sue assenze durante i lunghi periodi di lavoro. Poi attraversò le terre dei neri e, nonostante gli sforzi delle donne e dei figli piccoli che rimanevano con loro, lì i campi erano molto ridotti e il prodotto finale e doveva comunque essere diviso con il padrone.

Molto tempo prima, quando i neri avevano ottenuto quelle terre, pensavano di star ottenendo il vero affrancamento. Si sbagliavano. La situazione di allora differiva molto poco da quella di prima. Le terre erano state concesse loro dai proprietari precedenti che sostenevano fosse un regalo per la loro liberazione. E perciò potevano rimanere lì, costruire abitazioni e coltivare ciò di cui avevano bisogno per il loro sostentamento. Ma ad una sola condizione: che continuassero tutti a lavorare nelle terre del *Coronel* Vicêncio. Il cuore di molti giubilava; sarebbero stati liberi, avrebbero avuto una casa fuori dalla fazenda, avrebbero avuto le loro terre e le loro coltivazioni. Ad alcuni il *Coronel* Vicêncio sembrava un padre, un Signore Dio. Il tempo passava ed eccoli ancora lì i neri prima resi schiavi, ora liberati dalla legge *Áurea*, i loro figli nati dopo la legge del *Ventre Livre* e i loro nipoti, che non sarebbero mai stati ridotti in schiavitù. Tutti sognavano sotto l'effetto di una libertà firmata da una principessa, fata madrina, che aveva fatto dell'antica frusta una bacchetta magica. Tutti quanti, ancora sotto il giogo di un potere che, come Dio, era eterno.

Dopo aver camminato per alcune ore, Ponciá ebbe come l'impressione che ci fosse un pugno di ferro che immobilizzava il tempo. Una mano sovrana che perpetuava una condizione antica. Più volte i suoi occhi replicarono l'immagine di una madre nera

circondata da figli. Di vecchi e vecchie seduti nel tempo passato e presente di un'antica sofferenza. Replicarono anche la scena di bambini piccoli che, con una zappa in mano, aiutavano ad arare la terra.

La casetta di canne e argilla di Ponciá Vicêncio era ancora in piedi. La stagione delle piogge cominciava e una rigogliosa vegetazione cresceva minacciosa tutt'intorno. Ebbe paura dei serpenti, ma proseguì. Spinse la porta, che si aprì dolcemente e adagio, come se anche la casa la stesse aspettando. Il pavimento di terra battuta era ancora pulito. I vasi di terracotta che faceva la madre erano riposti sullo scaffale. Sul forno a legna c'erano le tazze di caffè del padre, della madre, sua e del fratello. Dimentiche del fatto che all'epoca la vita era diversa, testardamente se ne stavano lì, come in attesa di ricevere il liquido. Ponciá corse ad aprire la finestra di legno. Un buon odore di erba, terra e pioggia pervase la casa. Col cuore a mille si era ricongiunta con il luogo. Continuò a cercare e frugare tra gli oggetti ben conosciuti. Andò al vecchio baule di legno, tirò fuori della paglia secca e vide così, in fondo, l'uomo-argilla. Nonno Vicêncio la guardava come a volerle chiedere tutto.

Ponciá Vicêncio tirò fuori dal baule l'uomo-argilla, riponendolo sul tavolo. Era stanca, affamata, turbata e un po' infreddolita. Sentì la testa fluttuare. Si sedette in fretta su uno sgabello di legno. Sopraggiunse allora la profonda assenza, il profondo distacco da sé stessa.

Quando Ponciá tornò in sé era ormai quasi mezzanotte. Per quanto tempo era rimasta assorta? Non lo sapeva con certezza. Era arrivata all'incirca a mezzogiorno e adesso si era già fatto notte. Ripensò ai biscotti di fecola di manioca che faceva la madre. Aprì il fagotto (simile a quello che si era portata dietro quando era partita) e tirò fuori un pezzo di pane con la salsiccia. Consumò il piccolo pasto col desiderio di qualcosa di liquido. Assaporò nella memoria della lingua il gusto del caffè della madre. Contemplò la figura dell'uomo-argilla e sentì che sarebbe scoppiata in pianti e risa.

Rammentando le lacrime-risa del nonno, Ponciá si ricordò di una storia raccontata da suo fratello dopo la morte del padre. Quando gliela raccontò, le aveva raccomandato di non fare alcuna domanda alla madre. Era la storia del braccio monco di Nonno Vicêncio.

Nonno Vicêncio era nato perfetto, con gambe e braccia intere. Il braccio gli era diventato monco dopo, in un momento di ribellione, alla ricerca della morte.

Al tempo in cui successe il fatto, come sempre gli uomini e molte donne lavoravano nella terra. Il canneto cresceva procurando prosperità al proprietario. Gli zuccherifici arricchivano il padrone e lo rendevano più forte. Sangue e succo di canna da zucchero potevano anche essere un unico liquido. Da anni e anni Nonno Vicêncio, la moglie e i figli vivevano fra questi stenti. Tre o quattro dei suoi figli, pur essendo nati come tanti altri dopo la legge del *Ventre Livre*, erano stati venduti. Una notte, la disperazione ebbe il sopravvento. Nonno Vicêncio uccise la moglie e tentò di porre fine alla sua stessa vita. Armato della stessa falce che aveva scagliato contro la moglie, cominciò ad autoflagellarsi mozzandosi la mano. Tratto in salvo, fu impossibilitato a proseguire nel suo intento. Era impazzito, piangeva e rideva. Nonno Vicêncio non morì, la sua vita continuò indipendentemente dalla sua volontà. Volevano venderlo. Ma chi avrebbe comprato uno schiavo pazzo e con un braccio monco? Divenne una zavorra per i padroni. Si nutriva degli avanzi. Quando non veniva accudito dai suoi familiari, raccoglieva gli scarti dei cani. Visse ancora per molti e molti anni. Assistette piangendo e ridendo alle sofferenze, ai tormenti di tutti. E solo quando finì di ridere tutte le sue folli risa e di piangere tutte le sue insane lacrime, Nonno Vicêncio si acquietò una volta per tutte. Ponciá Vicêncio era piccola, molto piccola, ancora una neonata.

Il giorno nasceva ponendo fine all'ennesima notte in cui Ponciá non aveva dormito. Sdraiata a occhi aperti, vigilò il tempo notturno. Contò i buchi nel muro e nelle tegole. Ravvisò le lucertole che si contendevano i ragni e le mosche. Riconobbe il rumore dei topi. Udì i gemiti amorosi della coppia della baracca di fianco.

Al mattino, il pianto di fame o freddo di un bambino non molto lontano da lì irruppe improvvisamente nelle orecchie di Ponciá. Le ritornarono in mente i sette figli che aveva avuto, tutti morti. Alcuni erano vissuti per un giorno. Non sapeva bene perché fossero morti. I primi cinque li aveva messi al mondo in casa con l'aiuto della levatrice Maria da Luz. La donna piangeva insieme a lei per la perdita dei bambini, così ben cullati tra le loro braccia, ma che non ce la facevano mai. Gli ultimi due li aveva partoriti in ospedale. I medici dissero che erano morti per una complicanza sanguigna. Dopo il

settimo figlio, non rimase più incinta. Anche l'uomo di Ponciá Vicêncio era visibilmente addolorato per la perdita dei piccoli. Ad ogni gravidanza fallita, beveva per lungo tempo ed evitava il contatto con lei. Poi ritornava dicendo che avrebbe fatto un altro figlio e che quello sarebbe dovuto nascere, crescere e diventare un uomo. Ponciá era ormai abbastanza abbattuta. Apriva le gambe, abdicando al piacere e senza alcuna speranza di vedere il figlio sopravvivere.

L'uomo si rigirò violentemente nel letto. Aprì gli occhi, contemplò Ponciá e scosse la testa in una tacita disapprovazione, dopo essersi reso conto che aveva trascorso l'ennesima notte in bianco. Avvertì un certo malessere. Avrebbe voluto colpirla, ma vide che era così apatica, così distante come sempre, che decise semplicemente di smuoverla coi piedi. Ponciá si risvegliò dalla sua estraniamento. Si alzò quasi ignorando la sua presenza, riempì il barattolo di acqua, rimescolò le ceneri nel caminetto cercando la carbonella che aveva conservato lì la notte prima. Nonostante fosse più facile coi fiammiferi, preferiva conservare il fuoco sotto le ceneri, per poi riprenderlo nel nuovo giorno, come ai tempi della campagna. Si fermò per alcuni istanti vicino al fornello a guardare l'acqua bollente, senza rendersi conto che bisognava fare il caffè. L'uomo fece un colpo di tosse fuori nella latrina e si sentì richiamata. Preparò il filtro con quel poco di caffè rimasto. Un timido profumo della bevanda aleggiò nell'aria. All'uomo fu servito un liquido acquoso, assieme a un pezzo di polenta di farina di mais fatta il giorno prima. Ponciá ripensò a quando la madre preparava i biscotti di fecola di manioca per il padre e per il fratello quando andavano via a lavorare nelle terre dei bianchi. Ricordò la cura con cui sistemava gli oggetti di terracotta. Li avvolgeva tutti in foglie di banano e paglia secca, consegnandoli poi al compagno affinché li vendesse nella fazenda. Si ricordò anche che, quand'era piccola, non faceva altro che sognare il giorno in cui, da grande, avrebbe avuto un uomo e dei figli. E adesso eccola lì col suo uomo, senza figli e senza aver trovato un modo per essere felice. Forse la colpa non era neppure dell'uomo ma era sua, soltanto sua. Lui era semplicemente fatto così. Taciturno per tutti quegli anni, diviso tra casa e lavoro e sempre a ripetere le stesse azioni. Quando non aveva alcun lavoro, rimaneva rinchiuso in casa o in qualche baretto nei dintorni. Beveva, ma non troppo. Era debole per natura, gli bastava poco per essere alticcio. Negli ultimi tempi era parecchio aggressivo con lei, la riempiva di pugni e calci per qualsiasi cosa. Continuava a ripeterle che stava diventando pazzo. Ma al mattino, quando si svegliava e metteva via il portavivande,

mentre beveva il suo sorso di caffè annacquato (anche se il barattolo era quasi pieno di caffè, la bevanda era sempre diluita), era calmo, quasi dolce. Gli mancava la vecchia Ponciá Vicêncio, quella che aveva conosciuto un giorno. E si chiedeva cosa stesse succedendo alla sua donna, senza riuscire a capire. Lei che un tempo, come una formica laboriosa, risolveva tutto. Lei che spesso usciva di casa insieme a lui per occuparsi del duro lavoro quotidiano del fornello, della pulizia, dei mucchi di biancheria sporca delle padrone. Cosa stava succedendo a Ponciá Vicêncio?

La mattina, quando l'uomo di Ponciá andava a svolgere le faccende quotidiane, lei lo guardava scendere dalla favela e il suo cuore soffriva. No, nemmeno lui era felice. Pensava allora a come poter lenire un po' la sua sofferenza. Avrebbe almeno potuto rendere la loro casetta un luogo piacevole da vivere. Ma quale piacere, dove abitava il piacere? A volte si metteva a rimuginare e si chiedeva per chi la vita diventasse più difficile. Per le donne o per gli uomini? Ripensava al padre, alla storia del padre di lui, Nonno Vicêncio, a suo fratello che sin dalla tenera età lavorava nelle terre dei bianchi e non aveva mai avuto neppure il tempo di giocare. E finiva per pensare che, almeno per gli uomini che lei aveva conosciuto, la vita era tanto difficile quanto lo era per le donne. In quei momenti era colma di buoni propositi. Si sarebbe fatta coraggio e avrebbe cambiato tutto. Oggi, adesso! Ma quando tornava in sé, nemmeno lei stessa se lo sapeva spiegare. Si ritrovava lì immobile, seduta nel suo angolino, a guardare dalla finestra il tempo là fuori, mentre faceva avanti e indietro nel tempo dentro ai suoi ricordi.

Il giorno in cui Ponciá Vicêncio tornò nella sua terra e, non appena arrivata a casa, si fermò improvvisamente, sommersa da quel profondo senso di vuoto, pensò che la miglior cosa da fare fosse passare la notte lì. Le cuccette in legno con i materassi di paglia erano ancora nello stesso posto, nell'altra stanza della casa, la camera in cui dormivano lei e la madre, dopo la dipartita del padre. Il fratello, quando tornava, usava come letto quella che c'era all'angolo della cucina, vicino al caminetto. Si ricordò che, quando era piccola, lei e il fratello dormivano insieme. Successivamente, quando lui si fece più grandicello e accompagnava già il padre al lavoro nelle terre dei bianchi, venne allestita una cuccetta solo per lui, ma il fratello preferiva quella di prima. Le volte in cui tornava a casa col padre, lui e Ponciá si contendevano la cuccetta all'angolo. Il calore che emanava

dal caminetto trasmetteva una sensazione di conforto e sicurezza. Si ricordò anche che il padre e la madre si mettevano a chiacchierare fino a tarda notte nell'altra stanza. In verità, si sentiva solamente la voce della madre. Del padre si udiva echeggiare solo una risposta: uhm, uhm, uhm... Fu allora che Ponciá iniziò a pensare che l'uomo fosse quasi muto. Suo fratello parlava, ma sembrava che stesse diventando muto anche lui. Ogni volta che tornava parlava sempre meno e, quando il padre se ne andò per sempre, era come se anche l'incanto della parola del fratello fosse andato via. Tuttavia, cantava molto come il padre. L'uomo intonava dei bei canti e il figlio lo accompagnava sempre. A volte il padre cantava alcuni versi e lui rispondeva cantandone altri. La madre parlava parecchio, ma le piaceva anche cantare.

La notte del suo ritorno, Ponciá Vicêncio non chiuse occhio. Visse il momento in cui veniva presa dall'assenza e, quando tornò in sé, rimase semplicemente sdraiata ad ascoltare. Udì i passi dei suoi familiari in cucina. Sentì il profumo del caffè appena fatto e dei biscotti di farina di mais preparati dalla madre. Udì il rumore del fratello che spesso si alzava nel cuore della notte e andava fuori a fare la pipì, vicino al pollaio. Udì le melodie che il padre intonava. Udì i galli cantare all'alba, nel pollaio vuoto. Udì ogni cosa, ma ciò che udì di più, ciò che udì in maniera profonda furono i pianti misti a risa dell'uomo-argilla che un giorno lei aveva fatto.

Di primo mattino Ponciá Vicêncio si alzò in cerca di caffè. La tazza era al solito posto, sul fornello, ma vuota. Si spaventò. Durante la notte aveva avuto la certezza che la casa fosse abitata e piena di vita. Pervasa da questa sensazione, aspettò ancora un attimo. Sperava di vedere la madre entrare con il vaso d'argilla pieno di acqua che era andata a prendere al fiume.

Qualcosa si agitò nel caminetto, sotto il treppiede, in mezzo alla cenere. Fu in quel momento che Ponciá si risvegliò tornando al momento presente. Non c'era fuoco né alcuna brace ardente che la madre conservava sotto la cenere. Un serpente si mosse lentamente nel caminetto. Ponciá guardò l'animale e non ebbe voglia di far nulla. Solo allora capì che la casa era vuota. Il dolore per l'assenza della madre e del fratello si fece ancora più forte. Guardò il tavolo di legno ed eccolo lì l'uomo-argilla tra pianti e risa. Prese il manufatto e lo avvolse, come faceva la madre, in foglie di banano e paglia secca, conservandolo amorevolmente in fondo al fagotto. E nella sua memoria riaffiorò il giorno

in cui Nonno Vicêncio era morto. Lei era molto piccola, ancora neonata, e aveva sentito i parenti dire che il nonno le aveva lasciato un'eredità.

Ponciá Vicêncio si strinse il fagotto al petto e tornò a guardare il caminetto. Il serpente era calmo, attorcigliato là dentro. Ponciá uscì lentamente richiudendo la porta pian pianino, come a non voler svegliare nessuno. Il cielo era scuro; presto si sarebbe probabilmente messo a piovere. Non sapeva perché stesse andando via. Il treno diretto in città sarebbe passato nuovamente nel villaggio soltanto circa quattro settimane dopo. Tuttavia, non poteva restare lì a casa senza la madre, il padre, il fratello e per di più senza il nonno. La notte erano rimasti con lei tutto il tempo, ma di giorno, quando Ponciá se ne rese conto, quando vide coi propri occhi, era tutto vuoto. Non sopportava di vivere la loro assenza, in quel gioco di apparire-scomparire.

Il treno che avrebbe riportato Ponciá Vicêncio in città sarebbe arrivato in ritardo. Dunque, che fare? Sarebbe potuta rimanere a lavorare per qualche giorno nelle terre dei bianchi. Non aveva mai imparato ad arare la terra per la semina, ma sapeva svolgere altre faccende imparate in città. Le venne in mente di lavorare l'argilla per poi venderla, ma sarebbe dovuta tornare a casa, al fiume... E non voleva. Quella era casa sua soltanto finché c'erano anche i suoi cari. Però c'erano ancora gli altri membri della famiglia sparsi per il villaggio. Lì erano tutti parenti. Da quando i neri avevano ottenuto quelle terre, non era arrivato nessuno di nuovo e si sposavano tra di loro. Probabilmente erano parenti da sempre, fin da quel luogo da cui erano andati via. Decise dunque che sarebbe andata a trovare gli altri, quelli che erano parenti anche suoi.

Agli occhi di un estraneo, le case delle terre dei neri erano apparentemente tutte uguali. Pavimento in terra battuta, liscio, scivoloso, pareti di canne e argilla e tetto di paglia. I letti degli adulti e dei bambini erano delle cuccette in legno, che gli uomini e anche le donne costruivano con rami d'albero legati per mezzo di tralci. Il materasso di paglia era talvolta profumato, per via del rosmarino che vi mischiava lì dentro durante la sua realizzazione. I grandi recipienti d'argilla o di ferro e le pentole, in cui le donne preparavano i dolci, lasciavano immaginare grandi quantità. I bambini amavano raschiare le pentole impiasticciandosi di confettura di papaia, cedro, banana, latte, guava, zucca e melassa di zucchero di canna. Dovevano essere veloci. Una volta che le pentole si raffreddavano del tutto, lungo i bordi comparivano le macchie verdastre di verderame, che le madri dicevano fosse veleno, tingendo di disgusto l'allegria gola dei figli.



I bambini, i giovani, le donne, gli uomini, le vecchie e i vecchi, immagini del passato, si materializzavano agli occhi di Ponciá Vicêncio man mano che la ragazza camminava. Non si era resa conto che stava ormai soffrendo di una nostalgia che perdurava da molto molto tempo. Ponciá amava gli anziani, ma li temeva. Il capo canuto, la voce rauca, lo sguardo vitreo che contemplava la vita ricostruita dal movimento dei ricordi. Li guardava da lontano. E dopo una lunga assenza dalla città, nel periodo in cui tornò, Ponciá incontrò Nêngua Kainda. La donna, che era alta e magra, le parve ancora più alta e magra. Nonostante l'età, riusciva ancora a stare dritta come una palma secca. La pelle del viso, delle mani, del collo e dei piedi scalzi era raggrinzita come quella di un frutto della passione maturo. Aveva lo sguardo vivo e capace di vedere ogni cosa. La vecchia posò la mano sulla testa di Ponciá dicendole che, anche se non aveva ritrovato né la madre né il fratello, non era sola. Che facesse ciò che le chiedeva il cuore. Andarsene o restare? Solo lei poteva saperlo, ma ovunque fosse andata, non si sarebbe sottratta all'eredità lasciata da Nonno Vicêncio. Prima o poi sarebbe successo, la legge si sarebbe adempiuta. Ponciá non le chiese nulla. Non replicò. Chiese a Nêngua Kainda la sua benedizione e si preparò ad andare avanti.

Ponciá Vicêncio, seduta all'angolino vicino alla finestra, nel suo rimuginio finì col dimenticare il grande proposito col quale si era alzata quella mattina. Aveva fermamente deciso di mettere da parte i pensieri e lottare, dare una svolta alla sua vita. Ma non si rese nemmeno conto, non notò neppure il preciso istante in cui si sedette lì, ancor prima del primo sorso di caffè, e cominciò a cercare nella memoria le cose, gli eventi del passato. Si ricordò delle parole proferite da Nêngua Kainda, quando era tornata speranzosa al villaggio alla ricerca della sua famiglia. Nêngua le aveva detto che avrebbe ricevuto l'eredità lasciatale da Nonno Vicêncio in qualsiasi luogo e in qualsiasi momento. Ponciá aveva sentito questo discorso sin da quando era una bambina. Qual era il lascito del nonno che le sarebbe spettato?

Sin da bambina aveva anche sentito dire che le terre che il primo *Coronel* Vicêncio aveva concesso ai neri come regalo di liberazione erano molte di più e che a poco a poco stavano tornando di nuovo in mano ai suoi discendenti. Alcuni neri, quando il *Coronel* aveva donato loro le terre, gli avevano chiesto di scrivere il regalo sul documento e di

firmarlo. Ciò fu fatto per alcuni. Questi esibirono quei documenti per qualche tempo, finché un giorno il donatore si offrì di custodire lui stesso la firma-donazione. Diceva che in casa dei neri il documento si sarebbe potuto strappare, perdere e chissà cos'altro... I neri lo consegnarono, alcuni diffidenti, altri no. Il *Coronel* si tenne i documenti e la donazione firmata non ritornò mai più nelle mani dei neri. Nel frattempo, le terre ritornavano in mano ai bianchi. I bianchi che erano diventati padroni, fin dalla notte dei tempi.

La famiglia di Ponciá aveva ricevuto uno di quei foglietti. Il *Coronel* aveva chiamato Nonno Vicêncio, che già piangeva e rideva. L'uomo si era portato il foglio alla bocca, stringendo tra i denti la bontà del *Coronel* messa su carta. E proprio in quel momento, in presenza del donatore, con il braccio storto nascosto dietro la schiena, aveva strappato tutto quanto con l'altra mano, con gesti rapidi e pieni di rabbia. A quel tempo il padre di Ponciá era ancora un giovane solitario, senza amici e senza una donna. Lei ancora non esisteva neppure nei sogni... Ma allora qual era l'eredità che Nonno Vicêncio aveva lasciato a Ponciá e di cui lei aveva sentito parlare fin da bambina?

Ponciá Vicêncio, quando rimase per qualche giorno nelle terre dei neri, fece visita alla casa di alcuni. In tutte trovò manufatti d'argilla fatti da lei e da sua madre. E da tutte le persone Ponciá sentì lo stesso commento. Era la copia perfetta di Nonno Vicêncio. Sia nel suo modo di camminare, con il braccio dietro la schiena e la mano chiusa come se fosse monca, sia nei lineamenti del vecchio che si potevano riconoscere nel giovane viso della ragazza. La nipote, sin da bambina, era il gesto del nonno ripetuto nel tempo. Ascoltò più volte anche la dolorosa storia, che già conosceva, della morte della nonna per mano del nonno. Rammentavano la disperazione e la follia di quell'uomo. Parlavano anche dell'odio che suo padre nutriva nei confronti di Nonno Vicêncio per avergli ucciso la madre. Ponciá conosceva queste storie e altre ancora, ma ascoltava tutto come se fosse la prima volta. Assorbiva i dettagli, rammendando con cura il tessuto lacerato di un passato, come qualcuno che ha bisogno di recuperare il suo primo indumento, per non sentirsi mai più così indifesa e nuda.

Nei giorni in cui rimase al villaggio in attesa del treno, più volte sentì il vuoto, l'assenza di sé stessa. Cadeva mezza morta, esanime, seppur conscia del mondo intorno

a lei, ma non capiva dove si trovava, non si riconosceva. La gente non si spaventava di fronte agli svenimenti di Ponciá. Lei andava e veniva dalle sue assenze, e non percepiva alcun senso di paura né di turbamento da parte degli altri.

Quando finalmente il treno che passava per Vila Vicêncio fece capolino dalla curva e lentamente si fermò, Ponciá salì e si sedette. Provava sentimenti confusi. Non voleva andarsene, non voleva rimanere. Se ne sarebbe andata, la sua casa era vuota, senza vivi né morti. Al suo ritorno, se sul far del giorno avesse percepito gli stessi movimenti della notte precedente, forse sarebbe anche rimasta. Era tornata alla ricerca dei suoi cari. Se fossero stati lì e non avessero voluto andar via, chissà, magari sarebbe rimasta. Ma non trovò nessuno. Avvertiva la loro presenza solo di notte, ma aveva comunque bisogno di loro tutto il giorno, tutto il tempo. Bisognava dunque proseguire il viaggio e scoprire quale luogo fosse diventato la loro nuova casa. Doveva trovare i vivi e i morti, da qualche parte. Era sola, era vuota.

Il viaggio le sembrò più lungo e più doloroso del primo. Ad ogni modo, aveva già un lavoro assicurato in città ed era anche riuscita a risparmiare un po' di denaro che aveva versato come acconto per l'acquisto di una casetta nella favela. Inoltre, Ponciá stava provando sentimenti nuovi. Era innamorata di una persona che aveva conosciuto in quel periodo. Era la sua prima volta.

La persona di cui Ponciá Vicêncio era innamorata era un uomo che lavorava in un cantiere edile vicino al suo posto di lavoro. Anche lui era innamorato e aveva notato che lei era una persona molto attiva. Era sempre affaccendata. Era bella. Aveva uno strano modo di fare che lui non riusciva a definire. Amava cantare. Con la sua voce avrebbe potuto cullare il sonno di un bambino e rendere un uomo felice. Avevano chiacchierato un paio di volte. Sapeva che la ragazza era venuta dalla campagna lasciando la madre e il fratello, persone che adesso cercava con ardore. Lavorava lì e aveva una casetta nella favela. Gli piaceva la sua tenacia, il suo guardare avanti. Era una donna sola e molto più forte di lui. Era di una come lei che aveva bisogno. Anche lui lavorava, ma era solo e non riusciva nemmeno a sognare. Lei, invece, sembrava essere la padrona dei sogni, sembrava vivere altrove. A volte era come se il suo spirito fuggisse e rimanesse solo il suo corpo. La rispettava, aveva paura. Non faceva domande. Dopo che tornò dal villaggio senza aver

avuto notizie della madre e del fratello, diventò ancora più strana. Fu subito dopo il loro incontro. Un giorno, la ragazza gli mostrò un uomo-argilla che aveva fatto da bambina. L'aveva portato con sé adesso, in quel viaggio; la prima volta che era venuta, aveva lasciato il manufatto a casa. Era una bella creazione. Sebbene lui non avesse avuto il coraggio di guardare in faccia la statua, si sentì rabbrivire quando Ponciá baciò la testa della copia di qualcuno, che lei aveva riprodotto. Guardò di sbieco il manufatto tra le mani della donna. Quanto assomigliava all'immagine di argilla che teneva in mano! Teneva sempre un braccio dietro la schiena e la mano chiusa come fosse un moncherino. Le chiese allora di metter via il ricordo e cercò di riprendere il filo del discorso. Ma né lei né lui riuscivano più a ricordare cosa stessero dicendo. Rimase per qualche istante lontana, vuota, con lo sguardo immobile, sussurrando cose incomprensibili. Avrebbe voluto toccarla, farle domande, scuoterla, ma aveva tanta ma tanta paura di avvicinarsi a un vuoto che era solo suo.

Ponciá Vicêncio pensava che gli uomini parlassero poco. Il padre e il fratello erano stati un chiaro esempio dello stato di quasi mutismo degli uomini tra le mura domestiche. E adesso quell'uomo, il suo, che se ne stava lì in silenzio, non faceva altro che confermarlo. Anche lui diceva solo il minimo indispensabile. Solo che il suo minimo indispensabile era veramente poco, molto poco rispetto a quello di cui lei aveva bisogno. Quante volte avrebbe voluto chiedergli, ad esempio, se avesse avuto una giornata difficile, se il piccolo livido sulla fronte fosse stato provocato da qualche mattone, o anche sapere quando sarebbe iniziata la prossima costruzione. Molte volte avrebbe voluto raccontargli delle vertigini e della voglia di mangiare stelle che le veniva ogni volta che rimaneva incinta. Avrebbe voluto confidargli un'antica paura che a volte provava. Avrebbe voluto sapere se anche lui soffriva di mal di paura, se anche lui provava tormenti. Avrebbe voluto che il suo uomo le parlasse dei sogni, dei progetti, delle speranze che riponeva nella vita. Ma era quasi muto. Non piangeva, non rideva. Fin dai primi tempi, nei momenti in cui lei si apriva con lui, l'uomo si ammutoliva, si bloccava nella parola, senza compiere alcun gesto che comunicasse qualcosa. Mentre in lei c'era il desiderio del piacere, eccome se c'era! Ma ciò che pulsava più di ogni altra cosa era il disperato desiderio di un incontro.

E allora un misto di rabbia e delusione si impadroniva di lei, nel momento in cui si rendeva conto che loro non andavano mai oltre il corpo, che non si toccavano al di là della pelle.

Una volta puliti gli ultimi gradini della porta del commissariato, Luandi si fermò un attimo per lasciar passare il Soldato Nestor. Luandi ammirava il Soldato Nestor. Per Luandi era superiore al notaio, superiore al poliziotto, superiore al commissario, superiore a Dio. Il soldato Nestor era nero. Nero e soldato. L'uomo camminava marciando in maniera egregia, anche quando non indossava la divisa. Sapeva leggere. Firmava in maniera rapida e mirabile. Un giorno il Soldato Nestor chiese a Luandi di andare nel bar di fianco. Scrisse un biglietto in cui chiedeva che gli inviassero un pacchetto di sigarette a credito. Il titolare del bar consegnò l'ordine a Luandi e mandò a dire al Soldato Nestor di venire al più presto a saldare i conti. Luandi conservò come ricordo il biglietto che il Soldato Nestor aveva scritto. Gli consegnò il pacchetto, senza però riferirgli il messaggio.

Luandi era in città ormai da anni. Era arrivato da solo. Quando arrivò, pensava che sarebbe bastato bussare da qualche parte e offrirsi per lavorare. Nella piantagione lavorava sempre. Se non seminava, mieteva o arava la terra, oppure conservava il cibo nei magazzini della fazenda. Si occupava anche della macinazione della canna da zucchero e della torrefazione del caffè. A volte guidava i buoi e costruiva recinti. Era un tutt'fare. Sapeva fare qualsiasi cosa. Anche in città stava imparando a fare di tutto. Era arrivato lì senz'arte né parte. Durante il viaggio aveva perso l'indirizzo della sorella. Era arrivato in un giorno di pioggia e freddo. Aveva anche molta fame.

La pioggia infastidiva Luandi. I vestiti incollati al corpo e le scarpe bagnate gli davano noia. Indossava delle scarpe per la prima volta. Nella piantagione aveva sempre camminato a piedi nudi. Le luci dei lampioni che cercavano di ingannare l'oscurità della notte irritavano profondamente il giovane. Perché sono venuto in città? – si chiese brontolando tra i denti, come era solito fare suo padre. Perché sono venuto in città? – si chiese ancora una volta. Per trovare mia sorella, mettere soldi da parte e diventare ricco. Sì, sarebbe diventato ricco. Dicevano che in città le persone lavoravano molto, ma si arricchivano. E di lavorare Luandi non aveva paura. Calpestò una pozzanghera d'acqua e finì per bagnarsi i piedi e non solo, anche l'orlo dei pantaloni. Sentì una fitta allo stomaco, era la fame. Infilò la mano in tasca e frugò in fondo. Non c'era più nulla, neanche una

monetina. Si appoggiò al muro e cercò di aprire la valigia di cartone. Non ce ne fu bisogno. La valigia bagnata fradicia si aprì da sola. Il ragazzo fece un piccolo fagotto con i vestiti che c'erano all'interno. Un paio di pantaloni nuovi, due vecchie camicie con i polsini e il colletto consunti (erano stati del padre), un po' di tabacco da girare, filtri di sigaretta e un coltellino. Mise in tasca il fumo, i filtri e il coltellino e lasciò il resto della valigia seguire la corrente dell'alluvione. Lo stomaco continuava a ruminare a vuoto. La pioggia cadeva insistentemente. E adesso? Come rintracciare la sorella? In campagna basta girare per il villaggio e, quando non si trova la persona desiderata, c'è sempre qualcuno ad alleviare la propria afflizione. Porta notizie o invia un messaggio alla persona ricercata. Ma lui sapeva cosa avrebbe dovuto fare. Il giorno dopo avrebbe camminato per l'intera città. Tanti avevano lasciato la campagna ed erano là! Di certo, se non avesse trovato subito Ponciá, avrebbe trovato qualcuno in grado di dirgli dove si trovava.

Luandi non aveva un posto dove passare la notte e, dopo aver camminato un po', decise di tornare alla stazione. Si sarebbe potuto sedere o persino coricare su una delle panchine e aspettare il giorno successivo. Nel frattempo, fu svegliato nel bel mezzo del sonno da un soldato. Cosa stava facendo lì? Mi mostri i documenti? Cosa fai? Sei armato? Luandi fu perquisito. No, non aveva ancora un lavoro. Non aveva documenti. Era appena arrivato lì dalla campagna. Un coltellino in tasca? Era armato! Perciò, è meglio che tu mi segua fino al commissariato. Il Soldato Nestor prese Luandi per il braccio e lo trascinò. Spingeva, gli stringeva il braccio. Un impiegato che stava spazzando a terra nella stazione si fermò a guardare. Anche lui era nero. Luandi si spaventò, ma non provò neanche rabbia. Era felice. Aveva appena fatto una scoperta. La città era di gran lunga migliore della campagna. Eccone la prova. Il soldato nero! Ah, che bello! In città, anche i neri comandavano!

Luandi trascorse il resto della notte nella cella del commissariato. Una volta arrivato là, il soldato nero chiamò un altro soldato. Arrivò un bianco. Ordinò al bianco di tenere Luandi dentro la cella. Doveva soltanto rinchiudere il detenuto, senza fargli nulla... Luandi giunse alla conclusione che il soldato nero era proprio importante. Era lui quello che comandava. Il giorno dopo venne messo davanti a un bianco che era seduto dietro una scrivania e che gli fece molte domande. Da dove era venuto? Cosa faceva prima? Chi erano i suoi genitori? Sapeva leggere e scrivere? Che lavoro gli sarebbe piaciuto fare?

Luandi rispose di non avere preferenze. Avrebbe svolto qualsiasi lavoro. E fu con sorpresa e persino perplessità, che sentì il commissario dire:

- Signor Luandi José Vicêncio, lei è assunto! Assunto qui in commissariato!

- Assunto? Come? Per fare cosa? Indossare la divisa, essere un soldato?

Il commissario, il soldato nero e l'altro bianco risero, schiamazzarono. Quando si zittirono, fu il soldato nero ad avvicinarsi, dicendo di chiamarsi Nestor e che, se Luandi avesse voluto, sarebbe stato assunto. Doveva spazzare, pulire, occuparsi della pulizia del commissariato. E dato che non sapeva leggere né scrivere, non poteva essere un soldato. Ma, se avesse studiato molto, un giorno sarebbe potuto essere un soldato. Sarebbe potuto essere di più, molto di più. Ma Luandi voleva solo essere un soldato. Voleva comandare. Arrestare. Picchiare. Voleva avere la voce forte e potente come quella dei bianchi.

Il primo giorno di lavoro di Luandi José Vicêncio in commissariato, arrivò un giovanotto accusato di furto. Era un ragazzo nero dalla pelle e dagli occhi chiari, che era stato sorpreso ad aggirarsi nella bottega degli spagnoli, che si trovava molto vicino al commissariato. Il ragazzino giurava su tutto che non aveva intenzione di rubare nulla. Giurava sulla vita della madre e sulle piaghe di Cristo. Il commissario gli urlava contro. Il Soldato Nestor, fermo, calmo, impassibile, di tanto in tanto lisciava il manico del manganello. Il commissario concluse la predica dicendo al ragazzino che, se dipendesse da lui, taglierebbe le mani a tutti i ladri. Ma ordinò al Soldato Nestor di lasciare andare il ragazzo.

Nel sentire il discorso del commissario riguardo all'ordine di tagliare le mani, Luandi ritornò ai tempi dell'infanzia. Vide davanti a sé la figura del nonno col braccio monco nascosto, che rideva-piangeva-parlava da solo. Per la prima volta pensò a lui con affetto. Al padre non piaceva Nonno Vicêncio. Diceva proprio che era un pazzo, un assassino. Aveva ucciso la moglie e dopo si sarebbe ucciso lui stesso, se non fosse stato salvato in tempo. Luandi sapeva anche che suo nonno aveva fatto tutto questo in un momento di disperazione. Non voleva più essere uno schiavo. E non aveva ucciso il padre

di Luandi, che all'epoca era un bambino, solo perché era riuscito a scappare in cerca di aiuto. Nonno Vicêncio voleva la morte. Se non poteva vivere, era meglio morire una volta per tutte. Il padre di Luandi conservò l'immagine della scena della madre insanguinata, morta. E serbò per tutta la vita un odio nei confronti del padre, pur riconoscendo che era impazzito.

Luandi ripensò alla figura di Nonno Vicêncio, ma si sentiva sollevato poiché credeva che il tempo della schiavitù fosse ormai finito. Solo nei campi c'era sofferenza. In città tutti erano uguali. C'erano persino soldati neri!

A Luandi José Vicêncio piaceva lavorare in commissariato. Il momento che più gli piaceva era quando arrivavano i detenuti. Alcuni arrivavano spaventati, terrorizzati. Altri arrivavano con le facce cariche di odio. Lui si metteva ad osservarli uno per uno, cercando di scoprire chi fosse colpevole e chi fosse innocente. A volte aveva l'impressione che fossero tutti innocenti, ma allo stesso tempo colpevoli. Gli doleva un po' il cuore. Sia sentiva anche imprigionato in ognuno di loro.

Luandi aveva riposto un grande desiderio nel cuore. Avrebbe imparato a leggere per essere un giorno un soldato. Ripensò ai padri missionari che si erano fermati per un po' di tempo nella sua terra. Fu in quel periodo che sua sorella Ponciá aveva imparato a leggere. Lui andava già insieme al padre a lavorare nella piantagione. Dov'era finita sua sorella? Aveva già percorso ogni angolo della città, guardava le ragazze nere alla ricerca di un volto che fosse il suo. La sorella sapeva leggere, come stava andando la sua vita? Ponciá lavorava così bene l'argilla. Le sue dita erano abili, capaci di creare cose belle, più di quelle della madre. E la madre? Doveva essere in campagna a lavorare l'argilla. Ora era lei stessa a dover fare avanti e indietro dalla fazenda, dalla terra dei bianchi, parlando durante il tragitto con i neri. Sì, di sicuro la madre sentiva la loro mancanza, ma stava bene. Il giorno in cui avrebbe imparato a leggere, il giorno in cui sarebbe stato un soldato, sarebbe tornato a Vila Vicêncio a prendere la madre. E i due insieme avrebbero trovato la sorella. Dove si trovava Ponciá? Forse l'eredità si stava già realizzando?

La prima mattina in cui Ponciá Vicêncio si svegliò nuovamente nel posto di lavoro dopo il ritorno alla sua terra, si alzò con un pizzicore insistente tra le dita delle mani. Si grattò così tanto da farsi sanguinare. Si occupò delle faccende di casa della padrona, ma interrompeva in continuazione il lavoro e metteva le mani sotto l'acqua per vedere se



alleviava il fastidio. Non aveva mai avuto problemi alla pelle. Alla nascita, le avevano fatto fare il primo bagno nel sangue di armadillo, cosa che aveva reso Ponciá immune da qualsiasi male in questo senso. Allora perché adesso, quando era ormai grande, la comparsa di quel fastidio che prudeva così tanto tra le dita? Ponciá Vicêncio si annusò la mano e sentì l'odore dell'argilla.

A Ponciá, la città sembrava adesso squallida e la vita proseguiva senza alcun motivo. Aveva lavorato, era riuscita a mettere da parte un po' di soldi con i quali aveva potuto comprare una casetta, ma le mancavano i suoi cari. Era ritornata nella sua terra con la speranza di trovare qualche traccia della madre e del fratello e aveva solo confermato la loro sparizione. Cosa fare ora? Aveva perso il legame con i suoi cari vivi e morti. A cosa serviva ora la baracca? Chi ci avrebbe portato? Quali persone vive o morte? Corse in camera sua, la stanza della domestica nel retro della casa, e tirò fuori dal fagotto l'uomo-argilla. Annusò il manufatto, aveva lo stesso odore della sua mano. Ah! Ecco cos'era! Era stato Nonno Vicêncio a lasciare quell'odore. Era di Nonno Vicêncio quell'odore di argilla! L'uomo piangeva e rideva. Baciò con riverenza la statua, avvertendo una palpabile nostalgia dell'argilla. Rimase per qualche istante a lavorare con le mani una massa immaginaria. Udì sussurri, lamenti e risa. Era Nonno Vicêncio. Tese le orecchie e fece un respiro profondo. No, non aveva perso il contatto con i morti. Ed era un segno che avrebbe trovato la madre e il fratello vivi.

La madre di Ponciá Vicêncio pensava ai figli, ma era riluttante ad andare in città. La città era per i giovani, per coloro che erano in grado di affrontare qualsiasi avventura. I suoi capelli erano diventati bianchi da un giorno all'altro, nonostante mantenesse il viso giovane. Aveva il cuore addolorato. Era come se avesse dentro al petto un grande vaso di argilla, nel quale aveva custodito tutte le persone care, e questo vaso un giorno si fosse rotto, frantumato. La donna aveva sofferto molto per la partenza della figlia, e in seguito per quella del figlio. Prima, aveva provato il dolore per la scomparsa del suo uomo, in quel pomeriggio limpido e soleggiato. E aveva accumulato partenze, separazioni, assenze. A volte sopraggiungeva una disperazione tale da farle pensare di anticipare la sua ora. Si sentiva così sola, così vuota, che sarebbe potuta andare a prendere l'argilla in fondo al fiume... Da sola, però, si riprendeva. Credeva che la vita avesse il tempo giusto, così come

il frutto ha il momento esatto per essere raccolto. Sapeva che la sua vita non era ancora un frutto maturato. I suoi giorni non erano ancora pronti, non era tempo di raccogliersi. E quindi, se doveva soffrire, che provasse il dolore. Se doveva stare da sola, che stesse da sola. Se doveva abbracciarsi con le sue stesse braccia, lei stessa avrebbe creato il suo anelito, e si sarebbe auto-abbracciata, fino a quando non avrebbe ritrovato i figli e i loro abbracci non avrebbero abbracciato i suoi abbracci.

Ponciá Vicêncio doveva essere molto bella. Era ormai trascorso tanto tempo da quando la figlia e il figlio erano partiti per la città, e da allora, neanche lei si era più fermata. Quando la figlia se ne era andata, si era sentita come mutilata. Era come se avesse perso una parte del suo corpo. La ragazza era la sua figlia femmina. Parlavano, lavoravano e cantavano insieme. Già da piccolissima, se ne intendeva di argilla e andava al fiume a prendere la massa. Sapeva qual era la migliore, qual era la più morbida, la più malleabile. Riconosceva quella che accettava di buon grado il comando delle mani e traduceva in forme i desideri di chi creava. Conosceva a occhi chiusi la materia del fiume. E chiunque avesse visto, come lei stessa aveva visto, il momento in cui la bambina aveva iniziato a camminare con la mano chiusa dietro la schiena, come se fosse rimasta col braccio monco del nonno, non avrebbe mai pensato che, proprio quella mano, imitazione perfetta del vecchio, sarebbe stata quella che avrebbe dato più forma alla massa, quella che avrebbe creato di più.

Luandi José Vicêncio voleva essere un soldato. Voleva essere il Soldato Nestor. Essere bello come lui con la divisa addosso. Parlare bene come lui. Avere la voce di comando come la sua. Al Soldato Nestor piaceva Luandi, gli piaceva la semplicità, l'ingenuità del ragazzo. A volte gli veniva voglia di chiamarlo fratello, ma quando era vicino all'altro soldato, il bianco, o al commissario, manteneva le distanze. Sapeva della storia della sorella di Luandi. Aveva persino chiesto ad alcune persone se avessero mai sentito parlare di una ragazza di nome Ponciá Vicêncio, ed era persino andato a cercarla nel quartiere delle prostitute. Un giorno ci portò Luandi, ma non disse qual era il suo motivo principale, il giovane si sarebbe potuto arrabbiare, di fronte a quel sospetto. Erano semplicemente andati a cercare una donna e là ce n'erano tante. Chissà, magari una di

quelle era la sorella del ragazzo. Dopotutto, erano tante quelle che arrivavano dalla campagna e andavano a finire lì.

Il Soldato Nestor, quando poteva, quando il commissario e il soldato bianco non erano in servizio, da solo, insegnava a Luandi a firmare. Si preoccupava per il ragazzo, voleva, poiché voleva essere un soldato.

Luandi dormiva in commissariato. Ne aveva fatto la sua casa. Un giorno gli venne il desiderio di tornare al villaggio. Lo chiese al Soldato Nestor. Il Soldato Nestor lo chiese al commissario. Tutto a posto. Il ragazzo se lo meritava. Lavorava molto. Era così umile e zelante. Poteva andare a riposare un po'. Luandi baciò la mano del Soldato Nestor, ma voleva fare un'altra richiesta. Non è che il Soldato Nestor aveva una vecchia divisa da dargli? Voleva arrivare al villaggio come uno importante, come uno di quelli che comandano!... Il Soldato Nestor non vide in questo nessun pericolo. Solo che l'altro soldato, il bianco, non doveva saperlo, perché altrimenti l'avrebbe saputo anche il commissario. Sì, aveva una divisa vecchia, malconcia, nell'armadio. Ma non avrebbe potuto dargli la pistola e neanche il manganello. Poteva andare vestito come un soldato, ma a mani vuote.

Al mattino Luandi José Vicêncio indossò la divisa malridotta, che lui stesso aveva lavato e stirato e, con il cuore a mille, si incamminò verso la stazione. Gli scarponcini neri, che aveva portato ai piedi quando era arrivato in città, lustrati brillavano come se fossero nuovi. Le scarpe gli stringevano i piedi, ma lui raddrizzava il corpo e correggeva l'andatura. Un soldato non zoppica, marcia. Cercava di avere l'eleganza del Soldato Nestor. Si sentiva bello come lui. Al villaggio tutti quanti l'avrebbero guardato. Tutte le ragazze lo avrebbero voluto come fidanzato. La madre sarebbe stata orgogliosa. Sarebbe andata con lui nella terra dei bianchi per mostrare che anche lui, nero, in città comandava.

Sul treno quasi vuoto, le poche persone che c'erano guardavano Luandi dalla testa ai piedi. Il giovane era felice. Si sentiva importante. Per il momento non era ancora un soldato, si stava soltanto esercitando, ma sarebbe arrivato il giorno in cui sarebbe stato un vero soldato. Di quelli che arrestano e picchiano. Di quelli che vanno in guerra. E se ci fosse stata una guerra... Una guerra tra neri e bianchi? Una guerra tra ricchi e poveri? Ah, no!... Non quelle guerre! Lui voleva picchiare, arrestare... Se ci fosse una guerra del genere, da che parte starebbe? Ah! Solo se fosse stata una guerra tra buoni e cattivi! Così

andava bene. Sarebbe stato dalla parte dei buoni, avrebbe picchiato i cattivi, avrebbe arrestato i malvagi.

Luandi si stava entusiasmando così tanto per questi pensieri che, mentre immaginava la possibilità del comando, della lotta, della guerra, quando tornò in sé, era in piedi. Fece correre il suo sguardo un po' diffidente sui compagni di viaggio e vide che una fanciulla in fondo gli sorrideva. Ricambiò il sorriso senza badarci troppo. L'invenzione della lotta incendiava la sua testa. Improvvisamente, tornò in sé disilluso. Un soldato del commissariato non combatte in guerra. È solo un soldato di caserma. Combatte o non combatte? Secondo me combatte! Penso di no! Doveva chiederlo al Soldato Nestor, non appena fosse tornato, senza indugio!

Ponciá Vicêncio, da quando era tornata dal villaggio, pur non avendo trovato la madre e il fratello, aveva iniziato a consolidare la certezza che i due fossero vivi. Si sarebbero incontrati da qualche parte, forse erano persino vicini a lei e aspettavano che arrivasse il momento in cui tutto sarebbe accaduto, per essere di nuovo in tre. Non poteva arrendersi. Bisognava vivere.

La mano continuava a pruderle e a sanguinare tra le dita. In quei momenti provava un'immensa nostalgia di lavorare con l'argilla. C'erano persino giorni in cui il vuoto che le riempiva la testa si presentava due o tre volte. Se era in piedi, si aggrappava con forza al bordo della tinozza o della vasca e aspettava che la sensazione passasse. Non sempre passava in fretta. Aveva tanta paura che la padrona vedesse. Si trovava bene a lavorare lì e, per di più, le stava iniziando a piacere un uomo che lavorava nel cantiere di fianco.

Quando i figli di Ponciá Vicêncio, sette, erano nati e morti, durante le prime perdite aveva sofferto molto. Poi, con il passare del tempo, a ogni gravidanza, a ogni parto era arrivata persino ad augurarsi che il bambino non sopravvivesse. Sarebbe valsa la pena mettere al mondo un figlio? Ricordava la sua infanzia povera, molto povera, nei campi e temeva il ripetersi di una vita simile per i suoi figli. Il padre lavorava tanto. La madre faticava con i vasi di argilla e avevano soltanto una casa di canne e argille ricoperta di paglia, per riparare la povertà in cui vivevano. E questa era la condizione di molti. Stracci

ricoprivano il corpo dei bambini, che persino grandicelli andavano in giro nudi. Le bambine no. Non appena diventavano un po' più grandi, le madri procuravano loro pezzi di stoffa per coprirgli il sesso e il seno. Era cresciuta nella povertà. I genitori, i nonni, i bisnonni avevano sempre lavorato nelle terre dei padroni. Le canne da zucchero, il caffè, l'intero raccolto, il bestiame, le terre, tutto aveva un padrone, i bianchi. I neri erano i padroni della miseria, della fame, della sofferenza, della ribellione suicida. Alcuni lasciavano la campagna, fuggivano in città, con la vita satura di miseria, e con il cuore traboccante di speranza. Lei stessa era arrivata in città con il cuore certo di successi ed eccone i frutti. Una baracca nella favela. Andare e venire dalla casa delle padrone. Alcuni resti di vestiti e di cibo per compensare un salario che non bastava. Un uomo burbero, stanco, forse più di lei, e senza alcuna speranza di un altro modo di vivere. Fu un bene che i figli fossero morti. Nascere, crescere, vivere, per cosa? Nella baracca di fianco viveva Sá Ita con i suoi cinque figli. Il più grande, di sette anni, era sempre raffreddato e tossiva. Il medico aveva detto che era una malattia polmonare. Lei non volle però ricoverare il bambino. Pensava che sarebbe morto comunque, e che morisse accanto a lei allora. Di fronte abitava Durvalina con i suoi sette. Un giorno, nel cuore della notte, il più piccolo, di quattro mesi, piangeva, piangeva. Il padre, in preda a un eccesso di rabbia, probabilmente ubriaco, prese il bambino e lo gettò dalla finestra. Nelle vicinanze abitava Zé Moreira, che lavorava nella cucina di un ristorante. Ogni giorno portava a casa gli avanzi di cibo. C'erano giorni in cui portava un pezzo di carne migliore, un barattolo d'olio, un panetto di burro. La moglie sapeva che stava rischiando, ma ogni cosa arrivava così puntualmente, quando lei non ne aveva bisogno, c'era sempre qualche vicino che ne aveva. Il capocuoco aveva già dei sospetti e avvertì il padrone. Un giorno, quando Zé Moreira stava per uscire, chiesero di vedere la sua sacca. Non solo c'erano avanzi di cibo, c'erano anche un barattolo d'olio e due panetti di burro. Zé Moreira fu portato alla stazione di polizia perché il caso servisse da esempio per gli altri. Ecco quello che succedeva ai dipendenti ladri. Menomale davvero che i figli erano nati morti, perché così si erano risparmiati di vivere una vita simile. A cosa era valsa la sofferenza di tutti quelli che erano rimasti alle spalle? A cosa era servito il coraggio di molti di scegliere la fuga, di vivere secondo l'ideale *quilombola* della resistenza alla schiavitù? A cosa era valsa la disperazione di Nonno Vicêncio? In un atto di coraggio-codardia, si era ribellato, aveva ucciso alcuni dei suoi cari e aveva voluto uccidersi anche lui. A cosa era servito? La vita

schiava continuava tuttora. Sì, anche lei era una schiava. Schiava di una condizione di vita che si ripeteva. Schiava della disperazione, della mancanza di speranza, dell'impossibilità di combattere nuove battaglie, di organizzare nuove comunità di neri liberi, di inventarsi un'altra e nuova vita.

La madre di Ponciá Vicêncio girava di villaggio in villaggio da anni. E durante queste erranze, in ogni luogo che attraversava trovava manufatti d'argilla, realizzati da lei e dalla figlia. Il tempo era passato, la vita anche, e lei, sempre indaffarata, non si era neanche resa conto di quante cose aveva creato. Solo dopo, calma, lontana da tutto, poteva ammirare ciò che aveva fatto. In ogni casa, in ogni fazenda c'era una creazione sua o della figlia. Riconosceva perfettamente quale opera fosse sua e quale di Ponciá. Aveva l'impressione che la figlia non lavorasse da sola, un dono misterioso guidava le mani della bambina. Girovagare da un luogo all'altro fu per la madre di Ponciá un modo per mitigare l'angoscia del tempo dell'attesa. Nutriva la certezza che un giorno avrebbe ritrovato i figli, ma non poteva fermarsi. Bisognava continuare a camminare. Il tempo dell'attesa, se trascorso da fermi e in silenzio, è peggiore, poiché diventa ancora più lungo. Durante le sue peregrinazioni lavorava in tutto ciò che era necessario, tranne che con l'argilla. Non aveva più toccato la massa, ma continuava a cantare molto, come ai tempi in cui tutt'e due intonavano canti insieme. Cantava le canzoni della sua infanzia, quelle che aveva imparato dai più anziani, ai tempi in cui era bambina. Cantava quelle che aveva imparato con la madre e che poi, più avanti, aveva trasmesso alla figlia. E fra queste canzoni ce n'erano molte che erano dialogate, e quando arrivava la parte in cui sarebbe intervenuta la voce della figlia, la madre di Ponciá rimaneva sì zittiva. Faceva silenzio per ascoltare dal profondo della sua memoria la voce-bambina che, pur essendo cresciuta, pur essendo lontana, si materializzava cantando nei suoi ricordi.

Luandi fu vinto dal sonno durante il viaggio. Nelle prime ore era riuscito a mantenersi desto. Sarebbe potuta succedere qualunque cosa sul treno (non succedeva mai nulla, se non problemi sulla linea). Se ci fosse stata una rissa, baldoria o un furto, si sarebbe fatto avanti per riportare l'ordine. Sarebbe intervenuto come soldato, come voce

di comando. Il treno andava lento, pieno di pigrizia, senza alcuna voglia di arrivare. E, a poco a poco, man mano che il pomeriggio diventava notte, il soldato assonnato veniva meno al suo impegno di tutelare una pace, che c'era sempre. Il lento dondolio del convoglio pieno di pigrizia aveva finito per intorpidire la sua attenzione. La notte era diventata alba, e fu solo dopo, molto dopo che la mattina-bambina era diventata giorno, che Luandi si svegliò deluso, nei pressi di Vila Vicêncio. Aveva dormito per quasi tutto il viaggio. In maniera goffa si pulì un filo di bava che gli colava sul mento. Guardò di sottocchi verso il fondo del treno, alla ricerca della ragazza che gli aveva sorriso. Si accorse che non era più lì. Doveva essere scesa in una qualche stazione lungo il tragitto.

I piedi di Luandi pulsavano dentro gli stivali stretti. Avrebbe dovuto camminare a lungo per arrivare a casa sua. Sarebbe passato in mezzo alle fazende, alle terre dei bianchi, avrebbe attraversato le terre dei neri e calpestato ancora più suolo, e solo allora avrebbe raggiunto il villaggio. Un sole caldo sembrava voler sciogliere la terra. Appena sceso dal treno, fece qualche passo, si sedette per terra e, con un gesto quasi istintivo e rabbioso, si strappò gli stivali di dosso. Le dita, che erano stritolate, massacrate una sopra l'altra, si allargarono felici. Il soldato scalzo fece un profondo respiro di sollievo. Poi si mise lentamente a tagliare da un lato all'altro tutta la terra davanti a lui. Chi gli passava accanto lo salutava sempre con mezze parole, portandosi la mano al cappello. Alcuni gli chiedevano della madre e della sorella, dicendo che era da molto tempo che non le vedevano. Luandi cominciò a spaventarsi. Che chiedessero di Ponciá, ma non della madre. Quando se ne era andato, lei faceva talvolta avanti e indietro da quelle terre. Com'era possibile che fosse scomparsa, allora? Non era forse uscita per vendere, scambiare o regalare i suoi manufatti? La madre stava da sola da così tanto tempo! Ma ciò che il ragazzo trovò più strano fu che nessuno notò i suoi indumenti da soldato. Fu che nessuno gli disse che era come la gente che comanda.

Luandi camminava a grandi passi lungo il tragitto verso casa. Provava un piacere intenso nell'avere i piedi per terra. Ora camminava a modo suo e dimenticava il modo di camminare del Soldato Nestor. Sentiva molto caldo sotto i vestiti di falso soldato. Ardendo di nostalgia, desiderò il fiume in cui la madre e la sorella raccoglievano l'argilla. Fu anche lì che, a corpo nudo, di notte, immergendosi insieme alla sua prima ragazza, aveva raccolto, ancora un po' imbarazzato dalla sua virilità, il suo primo piacere.

Qualcuno aveva da poco tagliato la boscaglia, che nella stagione delle piogge cresceva e circondava la casa della madre di Ponciá Vicêncio e Luandi. C'erano anche segni che il terreno era stato smosso, come per coltivarvi una piccola piantagione. Luandi sorrise. La madre doveva essere abbastanza forte, dato che lavorava ancora la terra. Cantò ad alta voce una canzone che aveva imparato con il padre, quando lavoravano nella terra dei bianchi. Era una canzone che i neri più anziani insegnavano ai più giovani. Dicevano che era un canto di ritorno, che gli uomini in Africa intonavano sempre, quando tornavano dalla pesca, dalla caccia o da qualche parte. Il padre di Luandi, il giorno in cui voleva far felice la moglie, era solito intonare quella canzone mentre si avvicinava a casa. Luandi non capiva le parole del canto; sapeva, però, che era una lingua che alcuni neri parlavano ancora, specialmente i vecchi. Era una canzone allegra. Oltre a cantare, Luandi scandiva il ritmo battendo i palmi delle mani su un tamburo immaginario. Era tornato nella sua terra. Era tornato a casa. Era arrivato cantando, danzando il dolce e vittorioso canto del ritorno.

Gli ultimi suoni della voce cantante di Luandi echeggiarono nello spazio, senza che la madre si affacciasse alla porta, come era solita fare. Il ragazzo si sentì una stretta al cuore. La casa era vuota? Come, se fuori c'erano così tanti segni di vita? Spinse la porta che era solo accostata. Ah! Di sicuro, la madre doveva essere andata fuori, al fiume...

L'assenza della madre di Luandi, a poco a poco, cominciava a diventare una certezza presente negli occhi e nel cuore del ragazzo. Nel caminetto spento, nessun residuo di cenere. Un serpente aveva lasciato la sua pelle o si era bruciato lì. Il filtro del caffè asciutto e rovinato dal mancato utilizzo confermava l'assenza dei vivi. La sua tazzina d'argilla, quella di sua madre, quella di sua sorella e persino quella di suo padre erano intatte. Dove si trovavano le due? Ripensò al padre e a Nonno Vicêncio. Sapeva che loro erano lì. Dei morti sapeva, dei morti se ne intendeva, e avvertiva la loro presenza-assenza in ogni cosa. La cosa peggiore era l'assenza dei vivi. Guardò verso l'angolo della stanza, di fronte al focolare, e vide il vecchio baule. Trascinò fino a là lo sgabello di legno. Aprì lentamente e con rispetto lo spazio che custodiva il ricordo del vecchio di Ponciá Vicêncio. Sapeva che la madre vi teneva la statua dell'uomo-argilla. Sapeva anche che la sorella, quando era partita per la città, con una fretta che sembrava una fuga, aveva dimenticato a casa il suo Nonno Vicêncio. Frugò in fondo al baule, frugando nel profondo dei suoi ricordi. Si prese uno spavento. L'uomo-argilla era scomparso.



Luandi si riprese lentamente dallo spavento. Si riprese felicemente. Nessun altro avrebbe potuto prendere l'uomo-argilla se non Ponciá Vicêncio. Nemmeno la madre. Dal giorno in cui la madre aveva mostrato al padre la creazione che la bambina aveva fatto e lui, con un gesto calmo e indifferente, aveva restituito il manufatto alla figlia, da quel giorno solo Ponciá, la creatrice stessa, si avvicinava a Nonno Vicêncio. Lei che, di tanto in tanto, prendeva l'uomo-argilla tra le mani e si divertiva a guardarlo. Se il ricordo del nonno non si trovava là, era perché la sorella era tornata a prendere ciò che si era scordata. Chissà, forse si era portata con sé la madre? Ma osservò anche che la casa non mostrava comunque alcuna traccia di addio. La madre non poteva essere lontana, la porta era appena accostata. E allora capì che un giorno la madre e la sorella sarebbero tornate.

Ispezionando ogni punto della casa, Luandi guardò da lontano l'altra stanza dove dormivano il padre e la madre. Non aveva mai varcato la soglia di quella porta. Se aveva bisogno di uno dei due, chiamava da fuori. Quando il padre era morto, la sorella aveva iniziato a dormire con la madre, e quella parte della casa era rimasta a lui sconosciuta. Ricordò alcune conversazioni che aveva avuto con il padre. Lui diceva che le donne erano come le stelle. Erano belle, illuminavano la notte che c'era nel cuore degli uomini. Abitavano in altre terre, avevano altre maniere, altri sogni.

Il ricordo delle due donne tornò vivo e doloroso dentro di lui. Guardò ancora una volta la stanza in cui dormivano. Aspettò qualche istante, ancora convinto che sarebbero uscite da là dentro. E, siccome ciò non accadde, si incamminò verso l'uscita, tirò la porta e se ne andò. Udì la voce della madre e di Ponciá che, come ogni volta, benedicevano il suo cammino, quando si dirigeva verso la terra dei bianchi.

Ponciá Vicêncio non voleva più avere nulla a che fare con la vita che le si era prospettata. Continuava a contemplare altri luoghi con altre esperienze. Poco le importava se c'era il sole o se pioveva. Chi era lei? Non sapeva dirselo. Era felice e ansiosa per i momenti della sua auto-assenza. Un tempo le piaceva leggere. Aveva conservato varie riviste e giornali vecchi. Leggeva e rileggeva tutto quanto. Ci fu una volta in cui aveva imparato a memoria notizie come queste:

***Bambino muore annegato nel pozzo nero***

*Jair dos Santos, bambino di tre anni e mezzo, è caduto nel pozzo nero sul retro della sua abitazione nella Favela do Rato Molhado. Estratto vivo da una squadra di pompieri chiamata sul posto, è deceduto all'ospedale pediatrico São João de Deus.*

#### ***Muratore uccide la moglie con 15 coltellate***

*Il muratore Antônio Gonçalves, in preda alla gelosia perché la moglie conversava con il vicino, è tornato ieri a casa ubriaco e ha inferto quindici coltellate alla moglie, sotto gli occhi dei loro due figli di cinque e tre anni. La vittima è morta sul posto.*

#### ***Moglie del deputato arrestata per atti osceni in luogo pubblico***

*Neide Santana, moglie del deputato Joaquim Santana, è stata arrestata insieme all'onorevole collega del marito, il deputato Marco Brilhantes, mentre i due si scambiavano carezze, nudi, all'interno della vettura di Santana, nel Parque das Aroeiras.*

#### ***Appropriazione indebita di fondi al Comune***

*Il Sindaco Antonio Pires ha aperto un'inchiesta amministrativa per indagare sull'appropriazione indebita di fondi destinati alla riforma di venti scuole pubbliche. Secondo la dichiarazione del Sindaco, che promette di agire con severità, i responsabili, oltre ad essere dimessi per il bene della comunità, dovranno restituire con gli interessi il denaro alle casse pubbliche. I maggiori sospettati sono due consiglieri vicini ad Antonio Pires, il figlio Armando Pires e il cognato Deoclédio Tavares.*

Un giorno Ponciá mise insieme tutte le riviste e i giornali e fece un grande falò con tutto quanto. A cosa le serviva leggere? A cosa le serviva aver imparato a leggere? Ai tempi in cui viveva nei campi pensava che, una volta arrivata in città, la lettura le avrebbe aperto mezzo mondo o addirittura il mondo intero. Adesso non le interessava più nulla delle notizie: il deputato poteva annegare nel pozzo nero, sua moglie poteva inferire trenta coltellate alla schiena del sindaco, il bambino poteva appropriarsi indebitamente dei fondi del comune, il muratore poteva denudarsi in macchina e scambiarsi carezze con l'altro deputato. Il mondo poteva anche capovolgersi, tanto avrebbe fatto ben poca differenza. Tanto a lei poco importava, tanto a lei poco importava...

Ponciá passava la vita a ricordare la vita. Anche quello era un modo di vivere. A volte era una rievocazione fatta di ricordi così dolorosi, così amari, che le lacrime scorrevano sul suo viso, altre volte i ricordi erano così dolci, così piacevoli, che sulle sue labbra spuntavano sorrisi e risa. La madre e il fratello erano sempre oggetto dei suoi ricordi. Ormai era passato tanto tempo. Quando si sarebbero incontrati i tre? Il desiderio che ciò accadesse era parte della sua vita. Ma non faceva nulla, se non rimanere lì, calma, seduta, quasi inerte. Bisognava aspettare. Ed era proprio quello che stava facendo da anni. Faceva quello che le sue forze le permettevano. Non poteva far altro che aspettare.

Luandi percorreva frettolosamente il cammino di ritorno e non sapeva neanche perché. Non serviva correre. Sarebbe dovuto rimanere circa quindici giorni in attesa del treno. Avrebbe trascorso il tempo camminando per il villaggio. Sarebbe potuto andare alla fazenda del *Coronel Vicêncio* per rivedere i suoi compagni di piantagione e, chissà, magari avere qualche notizia della madre e della sorella. Era affamato e non aveva nulla da mangiare. Aveva un po' di soldi, ma nella terra dei neri non si vendeva il cibo. Se qualcuno aveva fame, bastava che andasse a casa di qualcuno e chiedere qualcosa da mangiare. Chi aveva del pane lo condivideva e non accettava nulla in cambio. C'era un enorme piacere nell'offrire, nel condividere il cibo con gli altri. Si dormiva anche in qualsiasi casa, il riparo era un'offerta per tutti, purché l'ospite non badasse alla povertà di chi lo accoglieva. Lì, dunque, attese il giorno del ritorno in città. Andando a trovare i compagni di piantagione, venne a sapere che la madre era viva. Era stata vista da alcuni, e diceva sempre che le mancavano molto i figli.

Fu anche in quei giorni di attesa che Luandi andò a trovare la vecchia Nêngua Kainda per chiederle la sua benedizione. La donna, sempre vecchia, molto vecchia come il tempo, sembrava un miraggio. Solo i suoi occhi rivelavano la forza inespressa della sua esistenza. Il suono della sua bocca era quasi impercettibile, mentre il suo sguardo penetrante scavava ogni cosa e qualunque corpo si trovasse davanti a lei. Nêngua Kainda, parlando nella lingua che solo i più anziani capivano, benedì Luandi. Disse che la madre del ragazzo era viva e che un giorno si sarebbero incontrati. Parlò anche di Ponciá Vicêncio. La sorella era in città, non molto distante da lui. Bisognava urgentemente trovarla, accoglierla prima che l'eredità si manifestasse. Poi Nêngua Kainda guardò i

vestiti di Luandi e si mise a ridere, più che altro con gli occhi. Rideva dicendo che il giovane stava seguendo una strada che non era la sua. Che voleva avere la voce di comando, ma a cosa sarebbe servito comandare così tanto, se da solo? Se la voce di Luandi non fosse stata l'eco prolungato di altre voci-sorelle sofferenti, le sue parole non sarebbero neanche cadute nel deserto. Sarebbero invece potute essere una pastoia, sabbia nei suoi occhi, una frusta che avrebbe brandito contro i corpi dei suoi cari.

Luandi non aveva capito le risate, la canzonatura, le parole della vecchia Nêngua Kainda. Aveva sempre ascoltato la vecchia donna, non solo lui, ma anche tutti gli abitanti del villaggio. Tuttavia, che Kainda lo perdonasse, con o senza le sue benedizioni, era deciso, un giorno sarebbe stato un soldato.

Trascorsi i quindici giorni, Luandi salì sul treno che lo riportava in città. Il suo cuore era meno turbato, anche se adesso bisognava scoprire dove si trovava non solo la sorella, ma anche la madre. Era tornato da Nêngua Kainda, un po' impacciato e temendo nuovi avvertimenti della vecchia, le aveva lasciato l'indirizzo presso cui abitava. Il Soldato Nestor, pur senza saperlo, era con lui in qualsiasi momento. Alla vecchia aveva consegnato uno di quei pezzetti di carta che il Soldato Nestor metteva in tasca a Luandi, temendo che il ragazzo si perdesse, tutte le volte che si allontanava per fare qualche lavoro nella strada. Luandi ne aveva a decine, li aveva conservati tutti. Il Soldato Nestor aveva una bella calligrafia. Anche lui avrebbe letto e scritto un giorno.

Durante il viaggio di ritorno, il suo desiderio andò alla ricerca della ragazza che, all'andata, gli aveva sorriso sul treno. Quando cadde la notte, una stella segnalava insistentemente la sua presenza nel cielo. Si ricordò nuovamente delle parole del padre. Le donne sembravano stelle. Erano belle. Adornavano la notte che c'era nel cuore degli uomini...

L'uomo di Ponciá Vicêncio cominciò a pensare che la donna si stesse ammalando. Era impossibile così tanta apatia, così tanta inedia in una persona che era così attiva. Era vero che, fin dai primi tempi in cui l'aveva conosciuta, a volte rimaneva così, un po' impalata. Sembrava che fuggisse da sé stessa ma, quando ritornava, arrivava attiva come sempre. Adesso no. Le assenze, oltre a essere più costanti, lasciavano Ponciá fuori di sé per molto tempo. Passava ore e ore alla finestra a guardare il tempo con uno sguardo

vuoto. Ci fu una volta in cui lui la picchiò, la prese a schiaffi, le urlò contro... A volte lei si alzava e andava a preparare il cibo, altre volte no. Un giorno lui arrivò stanco, con la gola che ardeva per un sorso di cachaça e senza un soldo per soddisfare un desiderio così modesto. Quando vide Ponciá ferma, assorta, morta-viva, lontana da tutto, sentì il bisogno di far soffrire anche lei e cominciò a colpirla. La picchiava, la prendeva a calci, le tirava i capelli. Lei non compiva alcun gesto di difesa. Quando l'uomo vide il sangue colarle dalla bocca e dalle narici, pensò di ucciderla, ma tornò in sé spaventato. Andò verso la pentola, prese una tazza d'acqua e pulì, pentito e affettuoso, il viso della donna. Lei non reagiva, non esprimeva alcun sentimento di dolore o di rabbia. E da quel giorno in cui l'uomo l'aveva picchiata violentemente, era diventata quasi muta. Parlava solamente con i gesti e con lo sguardo. E si assentava sempre di più. L'uomo si alzava presto e la trovava già seduta sullo sgabello a guardare il tempo dalla finestra. Lui faceva il caffè, preparava il suo pranzo al sacco e lasciava un po' di cibo per lei. Ponciá mangiava poco e niente, però beveva molta acqua. Osservava l'uomo, ma ben poco si poteva leggere nel suo sguardo. Né odio né affetto. Conservò dentro il cuore il rimorso. La donna doveva essere malata, doveva essere vittima di qualche spirito maligno.

Durante il viaggio di ritorno, mentre contemplava il cielo, con lo sguardo fisso sulla stella che sembrava indicare il percorso del treno, Luandi pensava con nostalgia a una stella che aveva conosciuto. Gli piaceva tanto, ma non aveva il coraggio di dirlo a nessuno, neanche al Soldato Nestor. Aveva conosciuto la ragazza in una di quelle passeggiate che i due facevano il sabato sera, nella strada della fiera delle donne. Biliza, come lui e la sorella, era arrivata in città dalla campagna. Non era delle sue parti. Era arrivata con l'idea di lavorare. Aveva lavorato molto, aveva racimolato un po' di denaro con lo scopo di tornare a casa a prendere il padre, la madre e i fratelli. Un giorno, non si sa come, la cassetta dei soldi che teneva in fondo all'armadio era scomparsa. Erano scomparsi i risparmi, il sacrificio di anni e anni. Biliza era disperata. Non era entrato nessuno nella sua stanza, a parte, di tanto in tanto, il figlio della padrona. Sì, era lui l'unico che a volte entrava lì, quando dormiva con lei. Non poteva essere stato che lui a prenderle i soldi per scherzo, forse per farla spaventare. Alla padrona non erano piaciuti i sospetti che erano ricaduti su suo figlio. Che dormisse con la domestica, andava bene. Lei stessa

aveva chiesto al marito di stimolare lo scherzo, di spronare il figlio a fare una mossa. Il ragazzo era stabilmente fidanzato con un'amica d'infanzia, si sarebbe presto sposato, e la domestica Biliza era così pulita e sembrava così focosa. Biliza non ritrovò il denaro e non rivide mai più il figlio della padrona.

La giovane Biliza sapeva di essere focosa, qualche volta era andata a letto con i suoi amici di campagna e alcuni se ne erano andati ancora più desiderosi di rincontrarla. Un giorno, un uomo geloso aveva chiamato Biliza puttana. La ragazza non vi aveva dato peso. Essere una puttana è amare il piacere. Lo sono. Essere una puttana è nascondersi tra i cespugli con chi voglio? Lo sono. Essere una puttana è non aprire le gambe a chi non voglio? Lo sono. E adesso era stata di nuovo chiamata puttana dalla padrona, solo perché tutto a un tratto le aveva raccontato che il ragazzo aveva dormito con lei. Aveva l'impressione che la padrona lo sapesse. No, quello che non doveva esserle piaciuto era la storia dei soldi. Biliza era stanca. Doveva ricominciare tutto da capo. No, non avrebbe ricominciato affatto! La cucina, le faccende domestiche, la vasca, il ferro da stiro... Avrebbe dovuto fare soldi più in fretta.

Quando Luandi conobbe Biliza, erano ormai cinque anni o più che lei lavorava nel quartiere delle prostitute e non era ancora riuscita a mettere da parte un soldo. Guadagnava molto, era rinomata, ma spendeva anche molto. Il denaro veniva diviso con la padrona di casa e con Nero Climério, che era il protettore suo e di altre. Aveva anche l'abitudine di non farsi pagare in certe occasioni. Se l'uomo che la veniva a cercare le dava un po' di piacere, facendole dimenticare per un momento i limiti della sua professione, di offrire solamente godimento all'altro, o se le faceva simpatia, se per qualche motivo le piaceva, Biliza non si faceva pagare. Pensava che i sentimenti non avessero prezzo. E fu così che iniziò ad essere la stella che adornava la notte che c'era nel cuore di Luandi. Fu dopo un incontro di dolce piacere, nel quale i due, nudi, prima ancora di toccarsi, senza perché e senza percome, avevano iniziato a parlare delle loro vite. Quando se ne resero conto, il tempo fuori era già trascorso. Avevano chiacchierato per ore e ore. E gli altri clienti? Il Soldato Nestor doveva essersi già congedato dalla sua signora ed essere andato via. Quando Luandi tirò fuori la banconota che era già piegata dentro la tasca e la diede alla ragazza, lei non la accettò. Disse che le era piaciuto molto e che i sentimenti non avevano prezzo. Se ne andò in silenzio e colmo di gioia, camminò un altro un po' nei paraggi, ritardando ancora di più la sua uscita dal quartiere delle

prostitute. Il Soldato Nestor se n'era già andato. Provò un certo timore. Era la prima volta che si trovava da solo in quella zona. Si incamminò rapidamente verso l'uscita. Alla fine dell'isolato si imbatté in Nero Climério. Si spaventò. Nero Climério non vide neanche Luandi, fischiava distrattamente una canzone nel cuore della notte.

Il sogno di diventare un giorno un soldato non si era assopito in Luandi. Era tornato dalla sua terra contrariato per le parole di Nêngua Kainda, ma quando, ancora un po' goffo, entrò in commissariato e vide il Soldato Nestor, decise di dimenticare una volta per tutte le chiacchiere, le risa e lo scherno della vecchia. Adesso sì che aveva bisogno di essere un soldato, per avere il potere di trovare la madre e la sorella. Per avere il potere di arrestare Nero Climério e portare via Biliza dal quartiere delle prostitute, affinché lei adornasse la notte buia che portava nel cuore.

Luandi voleva fare una chiacchierata con il Soldato Nestor. Voleva raccontare che cominciava a piacergli Biliza. Dopotutto, gli era così amico. Gli stava persino insegnando a leggere. Forse il soldato Nestor avrebbe detto qualcosa? Forse avrebbe avuto da ridire perché Biliza era una prostituta?

Al soldato Nestor non piacque la scelta di Luandi. Disse che il ragazzo avrebbe fatto un buco nell'acqua. Per il soldato Nestor, le prostitute erano delle buone a nulla. Non riuscivano a farsi piacere un solo uomo. Anzi, pensandoci bene, alle prostitute non piaceva nessun uomo. A loro piaceva soltanto quello che gli uomini hanno tra le gambe e, comunque, solo se accompagnato da soldi. E poiché lui non aveva soldi, presto, presto, lei si sarebbe stufata di lui.

Luandi aveva lasciato parlare il Soldato Nestor. Ringraziò però Dio quando l'amico, cambiando discorso, gli ordinò di andare a prendere la matita e il quaderno per la lezione del giorno. Luandi stava imparando a scrivere il nome. Sapeva già scrivere Luandi José, mancava solo Vicêncio.

Che peccato! Al Soldato Nestor non piaceva affatto Biliza. Era molto sapiente, conosceva tante cose, sapeva leggere, aveva una bella calligrafia, parlava anche bene, ma su una cosa era impreparato. Su questa questione si sbagliava dalla testa ai piedi. Non sapeva che anche le prostitute provavano sentimenti. Biliza stessa, fin dal primo incontro, non volle accettare denaro. Ma se il Soldato Nestor non lo sapeva, non lo capiva, non ci

credeva, non ci sarebbe di certo riuscito lui, Luandi, a far entrare qualcosa in testa all'amico. Non parlò mai più di Biliza con lui. Decise di lasciar passare il tempo. E il giorno in cui, già soldato, avrebbe portato via Biliza dal quartiere delle prostitute, si sarebbe sposato con lei e con lei avrebbe avuto figli, il Soldato Nestor sarebbe stato allora Compare Nestor. Si trattava solo di aspettare. Luandi era felice. Si sentiva più sollevato nei confronti della vita. Nella notte buia che portava nel cuore c'era una stella-più grande, una stella-donna di nome Biliza.

Il commissariato in cui lavorava Luandi José Vicêncio aveva ricevuto una denuncia di furto, circa un mese dopo che il giovane era tornato dalla sua terra. Non molto lontano da lì, nella sala di un circolo, era stata allestita una mostra di arte popolare. Alcune opere erano state rubate. Il commissario si era recato sul posto con il Soldato Nestor. Al Soldato Nestor era piaciuta molto la mostra che aveva visto. Era tutto di argilla e questo gli aveva fatto ricordare i tempi in cui viveva in campagna (anche il Soldato Nestor veniva dalla campagna) e Luandi. Di sicuro, al ragazzo sarebbe piaciuto vedere quella mostra. Avrebbe poi portato lì il giovane perché ammirasse tutti quei manufatti. E, nel suo giorno di riposo, Soldato Nestor decise di fare una sorpresa a Luandi. Invece di andare nel quartiere delle donne, passeggiata che facevano ogni fine settimana, si incamminò con lui in direzione del circolo. Solo allora gli parlò di quello che avrebbero fatto lì. E, quando Luandi venne a sapere della mostra di manufatti in argilla che avrebbe visto, la nostalgia per la madre e la sorella, che era custodita nel suo cuore, esplose inaspettata e così violenta, che gli si bagnarono gli occhi, tanto che se li asciugò goffamente, per paura che l'amico se ne accorgesse.

Man mano che Luandi contemplava gli oggetti del suo passato presente, la vita di campagna riaffiorava nei suoi ricordi. Vide la madre e la sorella creare utensili e ornamenti con la massa della terra. Rimase incantato da una famiglia di uccelli. La madre-passerotto, i passerottini e il padre-passerotto. Gli piacque l'armonia della scena. Chiese all'amico di leggere il biglietto che accompagnava le opere. Il Soldato Nestor lo lesse:

"Autore sconosciuto

Luogo: Comune di Engenho Cruzado



Proprietario: *Coronel José Maria da Cruz.*"

E con lo sguardo inebriato da tutto quello che vedeva, Luandi si ritrovava e si perdeva in mezzo alle opere della mostra. Riusciva a malapena a proseguire. Soffermava a lungo lo sguardo su ogni oggetto, nonostante, affranto, avesse bisogno del tavolo successivo. Fu allora che, per lo spavento suo e del Soldato Nestor, si impadronì teneramente di una tazzina di terracotta e con la voce strozzata, quasi piangendo, gridò è mia, è mia. E come un bambino smuoveva ogni cosa chiamando la madre e Ponciá, ignorando le raccomandazioni sussurrate del Soldato Nestor, che gli prendeva i manufatti e cercava di ricomporre la mostra. E, senza che Luandi glielo chiedesse, l'amico altrettanto emozionato prese il bigliettino bianco che c'era accanto agli oggetti e lesse:

"Autrici: Maria Vicêncio e la figlia Ponciá Vicêncio

Luogo: Vila Vicêncio

Proprietario: Dott. Aristeu Pena Forte Soares Vicêncio".

Luandi guardava i manufatti della madre e della sorella come se li vedesse per la prima volta, nonostante si riconoscesse in ognuno di essi. Osservava le minuzie di ogni cosa. C'erano gli oggetti d'uso: pentole, barattoli, brocche, caraffe e gli oggetti ornamentali, di dimensioni più piccole, piccolissime. Persone, animali, utensili domestici, tutte cose di fantasia, oggetti da decorare e con cui giocare. Creazioni fatte come se le due volessero miniare la vita, perché quest'ultima potesse stare al loro interno e diventare eterna sullo sguardo di tutti, in qualsiasi luogo.

E, non riuscendo più a trattenere le lacrime, Luandi prese il bigliettino bianco e riconobbe i nomi delle due, voleva portare con sé l'indicazione, ma indietreggiò. Era anche felice, perché nella creazione della madre e della sorella c'erano indicati i loro nomi come autrici. Nel tavolo precedente c'era un'opera così bella e il nome del suo creatore era sconosciuto. Nel caso della sua famiglia, no. Sconosciuto era per lui il proprietario. Dott. Aristeu Pena Forte Soares Vicêncio? Chi era quello? Erano comunque molti i bianchi parenti e che dominavano le terre del villaggio. Tutti quanti padroni. Alcuni di più, altri di meno, ma possedevano sempre qualcosa, nel villaggio o fuori. Non sapeva proprio quale Vicêncio fosse quello.

Maria Vicêncio sapeva che, per quanto riluttante fosse, un giorno la città avrebbe fatto parte anche della sua traversata. Non provava alcun desiderio per l'avventura del viaggio. Se la sua vita era quella della terra, in cui viveva, cosa avrebbe fatto adesso lontano da essa? Tuttavia, si preparava ad allontanarsi dal luogo in cui era nata. Dalla terra che custodiva il suo ombelico, che era stato lì sepolto per sugellare così la sua appartenenza al suolo del villaggio. I figli erano andati via, ma un giorno sarebbero tornati, sarebbero stati chiamati. Nel ventre della terra erano stati sepolti anche pezzi del loro ventre. Maria Vicêncio aveva ripetuto con i figli lo stesso gesto antico e benefico, che sua madre aveva fatto con lei un giorno.

E come se stesse compiendo un rito preparatorio per un viaggio più lungo, la madre di Ponciá e Luandi si allontanava pian piano da casa. Ad ogni partenza ritornava e, quando ripartiva, aumentava la distanza dal punto iniziale, procedendo un po' più avanti lungo il percorso alla ricerca dei figli. Il rito di andare e tornare era già stato compiuto un paio di volte. Al primo ritorno non aveva ricevuto nessun segnale, ma quando era tornata la seconda volta, aveva raccolto notizie della figlia. Nêngua Kainda le aveva parlato di lei. Quando tornò la terza volta, la Vecchia Nêngua le parlò del figlio e le diede l'indirizzo che Luandi José Vicêncio le aveva lasciato. Pensò, allora, di essere ormai pronta, capì che era ormai giunto il momento di andare a cercare i figli, ma fu avvertita del fatto che il tempo non aveva ancora progettato l'incontro fra i tre.

Maria Vicêncio ascoltò le parole di Nêngua Kainda e concordò. Perché sfidare il tempo? - consigliò la Vecchia, con la sua voce-sussurro, fatta più di silenzi parlanti che di suoni. L'essere umano non ha la forza di anticipare nulla e quando insiste raccoglie il frutto verde, non ancora maturo. C'è un tempo per ogni cosa. Non vedi il seme? Noi seminiamo e dobbiamo dimenticarci della vita custodita sotto la terra, finché un giorno, al momento giusto, indipendentemente dalla volontà di chi ha piantato il seme, questo esplose attraverso la terra e schiude la vita. Non c'è niente di meglio di un frutto maturo, raccolto e mangiato al momento esatto, giusto. Anche l'incontro coi figli apparteneva alla volontà del tempo e non solamente della sua. Il suo volere era il patto che lei faceva con la vita. Era testardaggine annaffiata con pazienza, fiducia che il meglio sarebbe accaduto.

Maria Vicêncio, ancora una volta, era tornata a casa, ancora incinta dei suoi figli, aspettava il giorno in cui lei, madre, sarebbe rinata.

L'uomo di Ponciá Vicêncio diede una lieve gomitata sulla sua spalla e agitò davanti a lei la tazzina di caffè. Un buon profumo si diffuse nell'aria. Lei lo guardò spaventata, accennando ad alzarsi. L'uomo la fermò, adesso toccando delicatamente il suo viso. Ebbe un leggero fremito di paura. L'avrebbe picchiata di nuovo? Spalancò gli occhi, curvò il corpo in attesa dei colpi. Lui, con una goffa carezza, cercò di sollevarle la testa, cosa che la fece rannicchiare ancora di più. Provò rimorso per aver picchiato la donna ormai tante volte. No, lei non era così distante, così rintontita per pigrizia. Era malata, molto malata. Qualche spirito maligno mandato da qualcuno. Distolse lo sguardo e vide il portavivande sul fornello, avvolto in un foglio di giornale, doveva andare al lavoro. Posò la tazzina sul bordo della finestra e fece un leggero rumore, nella speranza che Ponciá potesse capire il suo gesto. Niente. Addolorato, non sapeva cosa fare. Ponciá mangiava raramente. Quando tornava dal lavoro, nel tardo pomeriggio, trovava sempre la donna seduta sullo sgabello, nello stesso posto, vicino alla finestra, a guardare fuori. A volte calma, con lo sguardo perso, quasi ridendo, altre volte agitata come se stesse avendo visioni amare. Era giunto il momento di uscire, ma non voleva lasciarla in quella posizione di paura. Rimase fermo ad aspettare un po'. Portò in basso la tazzina di latta e la avvicinò alle narici della donna. Lei ebbe un altro tremore e, solo quando respirò a fondo il profumo del caffè, alzò la testa guardandolo timidamente. Prese la tazzina e se la portò alle labbra, riconoscendo, allora, le buone intenzioni del suo uomo.

Dal giorno in cui l'uomo di Ponciá l'aveva picchiata tanto, così tanto da farle sanguinare la bocca, poi, rammaricato per la sofferenza che aveva inflitto alla donna, non l'aveva mai più aggredita, ed era diventato affettuoso con lei. Fu così tanto il terrore, così tanta la sofferenza, così tanto il dolore che aveva letto nei suoi occhi, mentre la ripuliva del sangue, che si era reso conto non solo del suo stato di abbandono di lei, ma anche del suo. Si era reso conto di come erano soli. Aveva capito che ognuno di loro aveva i propri misteri. Aveva percepito come erano estranei l'uno per l'altra, pur vivendo insieme da anni e anni. Si era reso conto che, nonostante si fossero già incontrati tante volte nel delizioso piacere del corpo, nonostante lei avesse custodito tante volte il suo caldo succo

e questo succo si fosse trasformato sette volte in vita, nonostante tutto, lei e lui erano disperatamente soli. Da quel momento, essendosi reso conto della solitudine della compagna e della sua, l'uomo aveva visto nella donna il suo simile e si era fatto prendere da un'intensa tenerezza per lei. Era riuscito, allora, a capire i suoi discorsi. La nostalgia che diceva di provare per il padre e il nonno morti, per la madre e il fratello scomparsi. A volte diceva anche che le mancava l'argilla e che, di tanto in tanto, accusava un fastidio tra le dita che grattava fino a farsi sanguinare. L'uomo di Ponciá Vicêncio, se non accedeva all'altra vita della donna, accettava ciò che non capiva. E quando aveva ancora desideri di piacere sul sesso eretto, si allontanava da lei, poiché da molto tempo la donna aveva rinunciato a tutto. A poco a poco, sempre di più, Ponciá si addentrava in un mondo soltanto suo, in cui l'altro, al di fuori di esso, per quanto bene le volesse, trovava una porta invalicabile.

La nostalgia che Luandi José Vicêncio nutriva per la madre e la sorella cresceva di giorno in giorno. Si sentiva anche in colpa per non riuscire a rintracciare le due. Né i buoni risultati che stava ottenendo nell'imparare a leggere né Biliza riuscivano ad alleggerire il peso che portava nel cuore. Voleva tornare al villaggio, ma aveva paura di non ottenere notizie e non voleva ascoltare di nuovo le parole della vecchia Nêngua Kainda.

Il Soldato Nestor si era reso conto della tristezza del ragazzo. Era arrivato a pensare che non fosse più soddisfatto del suo lavoro. Luandi spiegò all'amico i motivi per cui il suo cuore era così oppresso. Il Soldato Nestor ascoltò e capì, sapeva per esperienza cosa significasse essere una persona sola, anche lui viveva lontano dalla sua famiglia.

Quel tardo pomeriggio, in cui la tristezza non si allontanava da Luandi, finì per lasciar perdere la rivista che sfogliava distrattamente, senza applicarsi alla lettura. Nel frattempo, però, dentro alla notte buia del suo cuore brillò l'immagine di Biliza, portando ricordi di pace e desideri di vita. Si alzò, un po' più calmo, e si incamminò verso il quartiere delle prostitute. Se c'era una notte buia dentro il suo cuore, non c'era niente di meglio che cercare la stella che adornava la sua vita. Biliza era la stella più grande. Come voleva quella donna! Donna Biliza, donna-stella, donna-vita... Ah! Si stava affliggendo per niente, stava perdendo il coraggio proprio ora che tutto stava per cambiare. Quello

stesso anno sarebbe diventato un soldato. Avrebbe guadagnato di più e sarebbe stato uno parecchio importante. Era quasi arrivato il momento in cui avrebbe potuto comprare una baracca e portar via Biliza-stella dal quartiere delle prostitute. Lei voleva andarsene con lui. Le piaceva e, soprattutto, era stanca di essere sfruttata da Nero Climério e dalla padrona. Biliza era sua ormai. Negro Climério lo sapeva. Guardava Luandi in malo modo, ma non lo affrontava, sapeva che il ragazzo lavorava in commissariato. Il Soldato Nestor aveva detto a Luandi che, entro metà anno, sarebbe diventato un soldato. Il commissario si stava occupando di tutto. I documenti stavano già arrivando, non doveva far altro che leggerli e firmarli. La possibilità di realizzazione di questo sogno gli permetteva di dissipare un po' qualsiasi altra sua sofferenza. C'era quasi, presto avrebbe indossato gli abiti dell'importanza. Era quello che desiderava di più. La madre e la sorella, una volta ritrovate, avrebbero approvato. Nêngua Kainda era una donna vissuta e di giuste parole, ma su di lui Nêngua si era sbagliata. Non c'era niente di male, sarebbe stato un grande soldato.

Al Soldato Nestor continuava a non piacere Biliza. Più volte aveva detto a Luandi che stava perdendo tempo. Che in un qualsiasi momento la donna l'avrebbe cacciato via a calci nel sedere, bastava che comparisse qualcuno con una patta e con una tasca più grosse di quelle di Luandi. Luandi ascoltava e non diceva nulla. L'amico ce l'aveva davvero con le prostitute. Solo che Biliza era e non era una prostituta, Biliza, per lui, era semplicemente una donna-stella-più grande.

Luandi aveva già detto a Biliza che, una volta diventato soldato, avrebbe trovato una casa e che, se lei se avesse voluto, sarebbe potuta andare con lui. E poi, a quel punto, lei lo avrebbe lasciato venire e sarebbero venuti i figli, che loro avrebbero fatto. Il giorno in cui aveva detto a Biliza che gli sarebbe piaciuto portarla via da là, nel caso lei avesse voluto, la ragazza non gli aveva dato nessuna risposta e non aveva neanche mostrato un cenno di contentezza. Ma la settimana successiva, quando lui era tornato, aveva avuto una sorpresa. Lei aveva iniziato ad aprire alcuni pacchi. Erano stoffe per fare lenzuola, asciugamani, federe, tutto ciò che serviva. C'erano fili colorati, aghi, ornamenti. Voleva preparare tutto, aveva detto che avrebbe fatto un bel corredo, tra l'arrivo e la partenza degli uomini che venivano a farle visita. Ma in mezzo a tanta gioia, Biliza-stella gli aveva rivelato un timore. C'era una questione in sospeso e non sapeva come risolverla. Nero Climério. Quell'uomo era un pericolo.

Quando Luandi se ne rese conto, stava arrivando alla strada della fiera delle donne. Quante volte ci era andato ormai. Era tanto tempo che era in città, tanti anni che sperava di migliorare la vita, ma ne era valsa la pena. Gli era costata fatica, aveva lottato, aveva sofferto. Aveva imparato a leggere, a scrivere il suo nome, e avrebbe continuato ad imparare molto di più. Il Soldato Nestor era stato un padre, un Dio, un fratello, un amico. E, per completare la sua gioia, aveva una stella sicura, solo sua, Biliza, stella-guida, che illuminava qualunque notte dei suoi giorni.

Proprio dall'angolo, Luandi scorse la casa padronale in cui abitava Biliza. Era una casa grande, antica, e con molte stanze. Ci vivevano molte persone e c'erano sempre litigi. Un giorno c'era stato un accenno di incendio. Alcune donne erano uscite nude urlando in mezzo alla strada. Ma non c'erano stati danni gravi. Altri inquilini erano riusciti a spegnere le fiamme con secchi e taniche d'acqua. Luandi era nella casa padronale quel giorno. Era talmente distratto da Biliza-stella che, quando se ne era accorto, tutto si era già risolto.

Mentre si avvicinava alla casa padronale, Luandi si imbatté in Nero Climério. L'uomo, quando lo avvistò, abbassò la testa e accelerò il passo come per correre. Dalla casa padronale qualcuno chiamava Luandi con gesti angosciati, mentre dalla finestra di Biliza altri facevano cenno a lui e a Nero Climério. Luandi non capiva nulla, ma ebbe il presentimento che stesse accadendo qualcosa. Si guardò indietro, Nero Climério era già sparito. Doveva essere scappato ancor prima di girare l'angolo. Luandi corse nella direzione opposta e raggiunse la porta della casa padronale. In un secondo si trovò nella stanza di Biliza. E fu il momento esatto, il tempo che impiegò per prenderla tra le braccia e vedere la sua Biliza-stella, tutta insanguinata, spegnersi.

Nero Climério aveva ucciso la ragazza. Sul letto, le stoffe, i fili e l'ago con cui aveva preparato con cura il suo corredo. Luandi fremeva. Nero Climério aveva ucciso la sua Biliza-stella. Aveva ucciso la donna! Aveva ucciso la sua donna! Aveva ucciso la donna che stava per essere così felice. No, non poteva essere vero! Nero Climério era pericoloso per davvero. Biliza glielo aveva già detto, ma lui non aveva mai creduto che quell'uomo fosse così vile da attentare alla sua vita. La notte che portava nel cuore sarebbe diventata ancora più buia.

Luandi José Vicêncio fu risvegliato dall'incubo da un colpetto sulla spalla. Alzò gli occhi che erano fissi sulla donna morta e vide il Soldato Nestor, il fratello, l'amico. Il

Soldato Nestor abbracciò Luandi davanti a tutti e gli sussurrò all'orecchio che avevano già arrestato l'uomo. Luandi, rintontito, chiese quale uomo. L'amico contemplò commosso il suo dolore e rispose ad alta voce che avevano arrestato Climério. Sembrò non importargli del fatto. Quello che gli importava in quel momento era che la sua Bilizastella si fosse spenta.

Maria Vicêncio rimestò ancora una volta la cenere nel fornello per assicurarsi che le cinque braci fossero accese. Eccole lì, e la più grande, un grosso tizzone incandescente, brillava come una stella. Erano passati circa tre giorni da quando la madre di Ponciá era ritornata a casa. Sin da quando i figli erano partiti, se ne stava sempre lì, ma non restava mai. Tornava per fare visita alla casa, spaventare il vuoto e sentire la presenza dei morti. Trovò ancora una volta la pelle secca di un serpente e tagliò la boscaglia all'esterno. Mentre lo faceva, si spogliava della riluttanza ad affrontare la città. Bisognava prendere il treno e andare incontro ai figli per riportarli alla loro terra. Aveva saputo aspettare pazientemente per molti e molti anni. Aveva sofferto molto, era vero, ma aveva imparato che era impossibile essere in anticipo sul tempo. In questo ritorno a casa, era passata da Nêngua Kainda. La donna era sdraiata su una stuoia nel cortile. Giaceva calma, con gli occhi chiusi. La madre di Ponciá e Luandi rimase per alcuni istanti ferma a percepire la vecchiaia dell'altra. Era molto vecchia. Sembrava inglobare la vecchiaia di tutti i vecchi del mondo. Maria Vicêncio provò un profondo dolore, pensò che la donna fosse morta. Nêngua Kainda fece, allora, un leggero e lento movimento con la mano e chiese a Maria Vicêncio di abbassarsi. Lei ubbidì alla richiesta. La vecchia aprì gli occhi in cerca di quelli di Maria e ancora una volta vide e previde la sua vita. La voce, diluendosi nel tempo, suonava quasi come in un sogno, sussurrata, ma Maria Vicêncio riuscì comunque a decifrare quello che la vecchia Nêngua Kainda stava dicendo. Diceva che il tempo ormai permetteva e apriva la strada alla madre per andare a ritrovare i figli. E, come ultimo discorso, Nêngua la benedì con la forza dei suoi occhi, ormai chiusi, ma che adesso vedevano sempre di più il viaggio che Maria Vicêncio avrebbe intrapreso per cercare i figli. La madre di Ponciá e Luandi aspettò ancora per qualche secondo che la vecchia abbozzasse qualche accenno di gesto. Ma in quel momento, per un istante, il mondo intero sembrò fermarsi. Nêngua Kainda si era addormentata. Un sole caldo batteva sulla sua pelle nera solcata dalle pieghe dei secoli. In silenzio, si addentrava in un sonno così profondo, dal quale si sarebbe svegliata soltanto dopo aver oltrepassato i limiti di un altro

tempo, di un altro spazio ed essersi materializzata ancora più vecchia e più saggia, in un altro luogo qualsiasi.

Quando il treno, dopo giorni e notti interminabili, si fermò alla stazione, Maria Vicêncio allungò a fatica le gambe. Era rimasta per tutto il tempo del viaggio rannicchiata, con il fagotto in braccio, a recitare le sue preghiere. Si sentì la vescica pesante, aveva voglia di urinare, ma la paura non le aveva permesso di alzarsi e di andare nel gabinetto del treno o proprio in quello dei villaggi in cui il convoglio si fermava. Non appena il treno si fermò, i più giovani, che durante il viaggio si erano alzati e avevano girato per i vagoni, saltarono giù afflitti. Dal finestrino del treno, cercò con lo sguardo qualcuno fuori. Nessuno. Doveva innanzitutto smontare dalla sua paura. Temeva la città, ma aveva la certezza che avrebbe ritrovato i figli. Non sapeva leggere, ma sapeva parlare. Scese, fece qualche passo, stordita dal coraggio che avrebbe dovuto fabbricare. Ancora alla ricerca di qualcuno, guardò verso l'altro angolo della stazione e vide un soldato nero. Emozionata e indifesa, camminò verso di lui. Per tutta la vita, nella piantagione, aveva solo visto neri lavorare per i bianchi, sempre agli ordini di un padrone, vicino o meno che fosse.

Il soldato nero contemplava da lontano quella donna dall'andatura timorosa, che aggrappata a un piccolo fagotto e che andava verso di lui. Il suo cuore si rallegrò; senza sapere perché, ebbe come la sensazione che, per tutti quegli anni di servizio, la stesse aspettando. Non era la prima volta che provava quella sensazione. C'erano passeggeri che, quando arrivavano in città, era come se stessero approdando nel suo cuore. Il giorno in cui Luandi José Vicêncio era arrivato, lui lo stava già aspettando. Quel giorno era stato chiamato in servizio alla stazione, perché l'altro soldato, il bianco, era un po' malaticcio. E quando la madre di Ponciá e Luandi diede al Soldato Nestor un foglietto ripiegato, quasi strappato dal tempo, e che aveva tenuto accuratamente avvolto in un pezzetto di stoffa, tra i seni, lui sorrise nel riconoscere la sua scrittura. Era come se sapesse già tutto, essendo stato proprio lui l'autore di quel biglietto, che Luandi aveva lasciato un giorno a Nêngua Kainda, affinché la vecchia lo desse a sua madre. A Maria Vicêncio piacque quel giovane soldato, che aveva anche l'età per essere suo figlio.

Il Soldato Nestor prese il fagotto della donna, le mise affettuosamente un braccio intorno alle spalle e camminarono fino al commissariato. Era felice. Era come se lei fosse sua madre, che non vedeva da tanto tempo. E come un figlio che, avendo rincontrato la



madre, sentiva di aver ritrovato sé stesso, immaginava la gioia che avrebbe provato Luandi.

Quando il Soldato Nestor arrivò in commissariato insieme a Maria Vicêncio, la vita della donna non le stava più dentro al petto, era come se il suo cuore stesse per esplodere, incapace di reggere l'emozione di un incontro così atteso. Mio Dio, era passato tanto tempo! Come stava il figlio? Ripensò a quando era ancora un bambino, serio e buono come il padre. Adesso avrebbe ritrovato Ponciá Vicêncio e sarebbero tornati tutti a casa. Luandi aveva il lavoro giusto in città, avrebbe lasciato tutto e sarebbe ritornato in campagna? E se il suo sogno nella vita fosse quello di diventare un soldato, come il suo giovane amico nero?

Il Soldato Nestor, dopo aver zuccherato un po' d'acqua e averla offerta alla donna, temendo che il piacere dell'incontro le facesse scoppiare il cuore, andò a prendere Luandi. Trovò il ragazzo seduto sul bordo del letto con il viso tra le mani. Da quando era morta Biliza, il ragazzo non aveva lasciato il minuscolo spazio della camera, se non per svolgere il compito di fare le pulizie in commissariato. Negli ultimi tempi, viveva solamente nutrendosi del sapore della sofferenza. Piangeva molto. Lo spegnersi di Biliza-stella aveva accresciuto il peso dell'assenza della madre e della sorella. Qualche giorno dopo l'accaduto, il commissario lo aveva mandato a chiamare e, in presenza del Soldato Nestor, gli aveva parlato dello spavento che il fatto gli aveva provocato. In tanti anni di lavoro, non si era mai occupato di un crimine così brutale come quello. E aveva invitato Luandi a reagire e a imparare che non tutte le donne portavano gioia. Che Luandi andasse pure nel quartiere delle prostitute, dopotutto era un uomo e per di più scapolo, ma che facesse come il Soldato Nestor. Che ci andasse, spargesse ciò che non poteva tenersi e tornasse sano e salvo. Niente attrazione per le prostitute. Era stato persino fortunato, dato che Nero Climério avrebbe potuto fare lo stesso anche con lui. E che Luandi non se la prendesse per quello che stava per dire, ma quasi tutti i neri erano fannulloni, teppisti, ladri e inclini al crimine. Pochi, molto pochi, erano come il Soldato Nestor e lui. Il Soldato Nestor aveva guardato sconcertato Luandi che rimaneva calmo, fermo, distante, come se non stesse ascoltando il commissario. Pensava solo a Biliza-stella, luce che era stata violentemente spenta dalla sua vita. E quel giorno, quando Maria Vicêncio era comparsa davanti al Soldato Nestor e lui, felice, aveva chiamato per scherzo Luandi, perché il ragazzo andasse fuori a vedere chi stava arrivando in manette, il cuore di Luandi cambiò il dolore in odio.

Gli venne in bocca un sapore di sangue. Pensava che si trattasse di Nero Climério. Ma l'amico non gli aveva già detto, il giorno stesso dell'avvenimento, che l'uomo era stato arrestato? Il Soldato Nestor dovette prendere Luandi per il braccio e quasi trascinarlo fuori. Camminò controvoglia e ancora una volta incurante, senza alcun interesse. Ma dallo stato di alienazione in cui camminava, quando avvistò la madre, una confusione di sentimenti e di immagini si impossessò di lui. Luandi non riusciva a distinguere se stesse vivendo un sogno o una profonda realtà in cui tutto si mescolava. La madre, Ponciá, Biliza-stella, la donna che fino a poco tempo prima aveva adornato la notte buia che portava nel cuore, Nonna Vicência, persona che non aveva nemmeno conosciuto, e che era andata incontro alla morte per mano di Nonno Vicêncio. E ancora altre donne della famiglia e del villaggio, molte che non aveva mai visto e di cui aveva solo sentito parlare. Erano solo donne in quel momento ad avvicinarsi a Luandi. E tra di loro una guidava i passi delle altre. Una era la guida di tutti, la vecchia Nêngua Kainda. Ed era lei che aveva portato Maria Vicêncio da lui. E svegliandosi dal torpore causato dalla forza della realtà-sogno, Luandi si rese allora conto che la madre era arrivata. Quando? Come era riuscita ad arrivare lì? Il Soldato Nestor lo sapeva? E la sorella, Ponciá, che le era successo? Ah, neanche la madre sapeva di lei, la ragazza era scomparsa...

In quei giorni, la madre di Luandi era piombata nella sua vita come un lenitivo. La sua presenza aiutava il figlio a sopportare il dolore causato dalla morte di Biliza-stella. Lui, triste, faceva di tutto perché lei non se ne accorgesse, ma certe madri hanno l'occhio di lince. Maria Vicêncio sentiva ogni lacrima che Luandi lasciava scorrere dentro sé stesso.

In quei giorni una gioia si era fatta strada nei giorni del ragazzo. I documenti che lo avrebbero reso un soldato erano arrivati. Luandi ricevette i complimenti del Soldato Nestor, dell'altro soldato, il bianco, del commissario, e l'abbraccio commosso della madre. Era diventato un soldato. Era felice. Adesso non gli restava che prendere i risparmi che per anni aveva messo da parte e trovare la casetta che aveva sognato per lui e Biliza-stella. Aveva urgentemente bisogno di un posto che potesse dare riparo alla madre, per poi andare insieme alla ricerca di Ponciá Vicêncio. La madre parlava dell'incontro con la figlia con così tanta certezza, che già era più tranquillo. La sorella sarebbe arrivata un giorno.

Ponciá Vicêncio era molto turbata in quei giorni. Si era alzata dallo sgabello su cui era rimasta seduta negli ultimi anni, davanti alla finestra, e si era messa a girare in tondo dentro il piccolo spazio della baracca. Parlava molto da sola, ora piangeva, ora rideva. Chiedeva dell'argilla, voleva ritornare al fiume.

L'uomo di Ponciá Vicêncio andava al lavoro portandosi nel cuore una nuova preoccupazione. Aveva paura che, al suo ritorno a casa, la donna se ne fosse andata. I vicini gli consigliavano di metterla in manicomio. Lui non voleva, anche se spesso pensava che lei fosse davvero malata. Sapeva, però, che Ponciá Vicêncio aveva soltanto bisogno di vivere i suoi misteri, di compiere il suo destino.

Un giorno, dopo aver guardato l'uomo come se non lo vedesse, dopo aver passato tanti anni rannicchiata, sepolta, morta-viva dentro casa, Ponciá Vicêncio sorrise, rise, pianse dicendo che sapeva cosa doveva fare. Avrebbe preso il treno, sarebbe tornata al villaggio, sarebbe tornata al fiume. Detto questo, prese da sotto la panca la statuetta dell'uomo-argilla. Prese anche degli stracci e con un gesto antico, con un modo di fare che ricordava sua madre, chiese se c'erano foglie di banano secche e bucce di mais per avvolgere l'argilla. Poi fece un piccolo fagotto e lentamente uscì.

L'uomo seguì Ponciá, abbattuto, stordito. Cosa avrebbe fatto adesso? Sapeva che se avesse cercato di trattenerla sarebbe stato peggio. Avrebbe accompagnato la donna, l'avrebbe inseguita per vedere se riusciva a riportarla indietro, nonostante sapesse che da molto tempo se ne stava andando, andando, andando... Ponciá Vicêncio scendeva giù dalla favela. Procedeva in direzione del fiume.

Il primo posto, al di fuori del commissariato, in cui Sodado Luandi José Vicêncio avrebbe preso servizio era nella stazione. Quando il commissario fece l'annuncio, provò un senso di soddisfazione. Avrebbe vissuto quel luogo, ma in un altro modo. Non era qualcuno che semplicemente arrivava. Era qualcuno che stava lì. Era una persona che si imponeva. Indossò la divisa che odorava di nuovo e si infilò gli stivali. I piedi, le dita ormai obbedienti, abituate alle scarpe precedenti, scivolarono dentro con facilità. Fissò la pistola alla cintola e si contemplò allo specchio. Si trovava bello. Ripensò a Nêngua Kainda. La madre gli aveva detto che la vecchia se n'era ormai andata. Sentì un leggero brivido. Ed uscì quasi marciando per inaugurare la sua nuova vita.

In stazione regnava la calma. Non era l'ora dell'arrivo né della partenza dei treni. Luandi sorrise orgoglioso al dipendente che spazzava il posto. Un altro soldato nero - pensò il dipendente delle ferrovie. Questo non gli era familiare. Conosceva solo il Soldato Nestor. Desiderò avvicinarsi a Luandi e dare il benvenuto al fratello.

Per Luandi, dal momento che il suo più grande desiderio si stava avverando, i giorni a venire sarebbero stati forieri di tempi graditi, così voleva credere, nonostante il dolore, nonostante l'immagine della stella spenta nella triste notte del suo cuore. Adesso era un soldato. Aveva il potere di comandare. Tutto sarebbe stato più facile, persino cercare la sorella. In divisa, con i vestiti del potere, sarebbe entrato in qualsiasi luogo, sarebbe stato rispettato da tutti. E chi sapeva di Ponciá Vicêncio, ah, chi sapeva di sua sorella, doveva parlare! Sì! Doveva parlare! E abbandonatosi ai suoi pensieri, elaborando i suoi futuri comandi, pregustando il piacere che avrebbe provato nel vedere i suoi ordini ascoltati ed eseguiti, Luandi fece correre lo sguardo sullo spazio di esercizio del suo potere. Aveva bisogno di scoprire qualcosa che necessitasse della sua energia, delle sue parole. Aveva bisogno di inaugurare la sua autorità. In cosa, non sarebbe successo nulla? Il suo sguardo scivolava da un punto all'altro della piccola stazione ed ecco che all'improvviso aveva catturato l'immagine di una donna che faceva avanti e indietro, camminando senza senso, quasi in tondo, sul lato opposto a quello in cui si trovava lui. E, nonostante la stazione fosse piccola, a Luandi sembrò che una distanza di secoli si imponesse tra lui e la donna-miraggio. Una sagoma in lontananza, che impiegava un tempo infinito per concretizzarsi davanti a lui. E, incapace di fare un passo verso ciò che aveva bisogno di raggiungere, solo la sua voce si mosse gridando un nome.

Il nome di Ponciá Vicêncio echeggiò nella stazione come il fischio di un treno e lei non prestò neanche alcuna attenzione alla chiamata. Camminava, piangeva e rideva, dicendo che voleva tornare al fiume. Luandi si avvicinò affettuoso alla sorella dicendole che conosceva la strada per il fiume e che l'avrebbe portata là. Ponciá Vicêncio alzò gli occhi verso di lui, ma non si capiva se lo avesse riconosciuto o meno. Aprì, però, il fagotto, tirò fuori l'uomo-argilla e chiese al fratello se si ricordasse di Nonno Vicêncio. Lui, che fino a quel momento, seppur con molta fatica, aveva trattenuto le lacrime, abbracciò la sorella piangendo.

E nel suo primo giorno di servizio, senza provare il piacere del comando, il Soldato Luandi José Vicêncio lasciò il posto di lavoro prima del tempo previsto. Prese la

mano della sorella e andò con lei incontro alla madre. Era ora, Maria Vicêncio era molto afflitta. Il tempo chiamava, era giunto il momento di trovare la figlia e riportarla al fiume.

L'uomo di Ponciá Vicêncio si teneva silenziosamente a distanza da tutti. La madre, ad occhi chiusi, riviveva altre scene: la bambina, Nonno Vicêncio, la sua dipartita, la dipartita del suo uomo, la saggezza di Nêngua Kainda, la terra dei neri, i manufatti di argilla, il figlio adesso e per il momento soldato, la voce di comando, la terra dei bianchi, la resistenza testarda e spesso silenziosa dei neri, mascherata da una falsa obbedienza ai bianchi. Il tempo andava e veniva. E in questo andirivieni, Ponciá Vicêncio ritornava da lei. Da lei, no! La ragazza non era mai stata sua. Ritornava al fiume, alle acque-madri. La figlia non le era mai appartenuta, neanche al tempo in cui era incinta di lei. Maria Vicêncio si ricordò del primo segnale ricevuto del fatto che la bambina non le appartenesse. Aveva fatto di quell'avvenimento un argomento taciuto, custodito solo per sé. Non lo aveva neanche raccontato al suo uomo, soltanto a Nêngua Kainda, quella che sapeva ogni cosa, anche se non le veniva detto nulla. L'avvertimento che la bambina era solamente in prestito nel suo grembo le fu dato a circa sette mesi. Una mattina, Maria Vicêncio si era svegliata sentendo un pianto di bambino. Aveva teso le orecchie. E nell'attenzione dell'ascolto, lo spavento. Il pianto veniva da dentro di lei. La bambina piangeva all'interno del suo ventre. Si era lisciata la pancia accarezzando la figlia che stava compiendo il suo tempo di vita, aveva sentito movimenti e singhiozzi. Cosa fare? Cosa fare? Come placare il pianto di un germoglio ancora chiuso, ma così implorante, che sembrava conoscere i dolori infiniti del mondo? Aveva camminato come per istinto verso il fiume e, man mano che si addentrava nelle acque, il dolore provato dalla figlia si faceva sentire in modo più calmo. Ponciá Vicêncio aveva pianto per tre giorni di fila nella pancia della madre. Quattro lune dopo, era nata scoppiando in piccole ma profonde risate da bambina molto piccola. Ponciá non seppe mai delle sue lacrime versate e mescolate con le acque placentari di sua madre. Maria Vicêncio si premurò sempre di mantenere il segreto per il bene della bambina, poiché chi piange nel grembo materno non deve mai saperlo.

Maria Vicêncio, adesso ad occhi aperti, contemplava la figlia. La ragazza continuava a essere bella, nel volto sofferente, lineamenti di donna. Per alcuni momenti,

altri visi, non solo quello di Nonno Vicêncio, visitarono il volto di Ponciá. La madre li riconobbe tutti, anche quelli che provenivano da un altro tempo-spazio. Eccola lì la sua ragazza unica e molteplice. Maria Vicêncio si rallegrò; stava per giungere il momento di ricondurre la figlia a casa, alla riva del fiume. Ponciá sarebbe tornata nel luogo delle acque e vi avrebbe trovato la sostanza, l'humus per il suo vivere.

Luandi José Vicêncio guardava il volto turbato della sorella che camminava in tondo. Era bella, molto bella. Fin da piccola lavorava così bene l'argilla, possedeva l'arte di modellare la terra grezza tra le mani. Un giorno sarebbe tornato al villaggio e avrebbe cercato di recuperare alcuni manufatti suoi e della madre. Erano opere che raccontavano parti di una storia. La storia dei neri, forse. La sorella aveva i lineamenti e i modi di fare di Nonno Vicêncio. Non si era stupito della somiglianza che diventava sempre più grande. Era un bene che diventasse la rivelatrice, che diventasse l'erede di una storia così sofferta, perché, fin quando le sofferenze fossero state vive nella memoria di tutti, chissà, magari avrebbero cercato, anche solo con la forza del desiderio, di creare di un altro destino. E lui che voleva tanto essere un soldato, comandare, picchiare, arrestare, tutt'a un tratto si era reso conto che la realizzazione dei suoi desideri non valeva nulla, se fossero stati quelli il senso delle sue azioni, della sua vita. Il Soldato Nestor era così debole e senza potere come lui. Eseguiva solo gli ordini, anche quando comandava, anche quando arrestava. Fu necessario che l'eredità di Nonno Vicêncio si realizzasse, si compisse nella sorella, affinché lui capisse tutto. Solo adesso comprendeva anche la risata e le parole di Nêngua Kainda. Lui che per tanto tempo aveva desiderato la condizione di essere un soldato, in pochi minuti aveva scelto di liberarsene. Il Soldato Nestor, il fratello, non sarebbe stato d'accordo con lui. Come spiegare all'amico ciò che aveva appena scoperto? Così come prima credeva che essere un soldato fosse l'unico e il migliore modo di essere, adesso aveva fatto una nuova scoperta. Aveva capito che la sua vita, un granello di sabbia in fondo al fiume, avrebbe preso forma, si sarebbe espansa soltanto se fosse diventata la calcina di altre vite. Si era anche reso conto che non bastava saper leggere e scrivere il nome. Era necessario trarre dalla lettura un altro tipo di saggezza. Bisognava essere gli autori del testo della propria vita, così come doveva contribuire a ricostruire la storia dei suoi cari. E che era necessario continuare a decifrare nelle vestigia del tempo il senso di

tutto quello che era rimasto alle spalle. E capire che al di sotto della firma di proprio pugno, c'erano altre lettere e altri segni. La vita era un tempo mescolato del prima-ora-dopo-e-del-dopo-ancora. La vita era il miscuglio di tutti e di tutto. Di quelli che c'erano stati, di quelli che c'erano e di quelli che ci sarebbero stati.

Ponciá Vicêncio, quella che aveva pianto nel grembo materno, e che alla nascita era scoppiata in sorrisi da bambina, aveva risa sulle labbra, mentre tutto il suo corpo tremava in un pianto doloroso e confuso. Piangeva, rideva, borbottava. Dipanava fili intrecciati di una lunga storia. Camminava in tondo, ora con una mano chiusa e con il braccio dietro la schiena, come fosse un moncherino, ora con entrambi i palmi aperti, ed eseguiva movimenti calmi e ritmati, come se stesse modellando qualche materia viva. Ponciá Vicêncio poneva ogni cura in quest'immaginario atto di creazione. Con lo zelo dell'arte, faceva attenzione alle parti di avanzo, alla massa in eccesso, così come cercava, ancora, di rappresentare le mutilazioni e le assenze, che danno anch'esse forma a un corpo. Le sue mani continuavano a reinventare ancora e ancora. E, quando quasi interrompeva la manipolazione dell'arte, era come se perseguisse la manipolazione della vita, cercando di fondere tutto in un unico gesto, uguagliando le facce della medaglia. I suoi passi circolari si facevano allora leggermente più veloci, senza però trascurare le mani. Camminava come se volesse legare un tempo all'altro, continuava ad afferrare tutto, il passato-presente-e-quello-che-sarebbe-venuto.

E dal tempo ricordato e dimenticato di Ponciá Vicêncio, un'immagine materializzava con la forza stessa del peso della sua traccia, Nonno Vicêncio. Dal davanzale della piccola finestra, la statuetta storta dell'uomo-argilla guardava un po' fuori, un po' dentro, e anch'essa piangeva, rideva e guardava tutto.

Fuori, nel cielo color arcobaleno, un enorme serpente variopinto si dissolveva lentamente, mentre Ponciá Vicêncio, anello di congiunzione ed eredità di una memoria ritrovata dai suoi cari, non si sarebbe mai più persa, si sarebbe rifugiata nelle acque del fiume.





## CAPÍTULO III

### DESAFIOS NA TRADUÇÃO DE *PONCIÁ VICÊNCIO*

#### III.1 O caminho editorial de *Ponciá Vicêncio* e a recepção da obra evaristiana

*Ponciá Vicêncio*, o primeiro romance publicado por Conceição Evaristo, é a obra mais conhecida e difundida da autora. Como a própria autora conta no prefácio da terceira edição do romance, a publicação de *Ponciá Vicêncio* foi encorajada pela pesquisadora Maria José Somelarte Barbosa, que escreveu o posfácio da obra. Em 2003, quase dez anos após o romance ter sido escrito, surgiu a sua primeira edição pela Editora Mazza, que teve uma importância enorme na história do Movimento Negro por ser a primeira editora a trabalhar especificamente com autores negros (MACHADO, 2014, p. 258). Como na altura a Mazza não era uma grande editora, a publicação do romance foi integralmente financiada pela própria autora.

No prefácio de *Ponciá Vicêncio*, Evaristo fala sobre as dificuldades editoriais que teve de enfrentar ao longo da sua carreira, não só por ser naquela época ainda uma escritora emergente, mas também e acima de tudo por questões de género, etnia e classe social. Ela explica que, considerando que o mercado editorial é dominado pelos homens, para algumas mulheres a escrita pode já constituir um ato político e que, para outras, a escrita e a publicação assumem uma maior conotação política, já que as suas oportunidades de publicar, a sua visibilidade e o seu reconhecimento não dependem apenas do seu género, mas também da sua etnia e classe social (EVARISTO, 2017, p. 6-7). A autora continua afirmando que, “entretanto, parece que tempos mais amenos estão chegando, construídos pelos nossos esforços, pela nossa teimosia, pela nossa resiliência” (EVARISTO, 2017, p. 7).

A promulgação da Lei nº 10.639 em 2003, que tornou obrigatório o ensino da história e cultura africana e afro-brasileira nas escolas brasileiras, juntamente com a crescente relevância da autora no contexto académico e a recepção positiva do romance no meio literário, contribuíram para a inclusão da obra na bibliografia do vestibular da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), em 2004 (MACHADO, 2014, p. 25). Em 2006, a Editora Mazza publicou a segunda edição do romance, que desta vez foi

cofinanciada pela autora e pela editora, e uma edição de bolso, concebida para os estudantes. Em seguida, depois da UFMG a obra foi indicada para o vestibular de outras instituições brasileiras, tais como o Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG) em 2008, a Escola de Cadetes em Barbacena em 2009, e a Universidade Estadual de Londrina em 2009 e 2010 (EVARISTO, 2017, p. 6).

O prestígio de Evaristo no meio literário afro-brasileiro também contribuiu para a difusão internacional da obra. Em 2007, a editora norte-americana Host Publications lançou a edição em língua inglesa de *Ponciá Vicêncio*, traduzida por Paloma Martínez-Cruz, que manteve o título original. Com a publicação desta tradução do romance, Conceição Evaristo torna-se a segunda escritora afro-brasileira, depois de Carolina Maria de Jesus, a ter uma obra publicada no estrangeiro (LIMA, 2009, p. 57). Em 2015, a editora francesa Anacaona publicou a edição em francês do romance, com o título *L'histoire de Ponciá*, traduzida por Paula Anacaona e Patrick Louis. Em 2017, a Pallas Editora lançou a terceira edição de *Ponciá Vicêncio*, que foi a utilizada para a realização do presente trabalho.

Pelo seu caráter político e ideológico, devido à escrita engajada “que quebra silêncios e questiona cânones, estereótipos e histórias” (VALENTE; CARNEIRO, 2017, p. 717), e pelas questões relativas à condição de gênero, etnia e classe referidas acima, a obra de Evaristo tem enfrentado dificuldades de circulação no Brasil. Contudo, a autora e a sua obra têm ganho cada vez mais leitores, visibilidade e reconhecimento de mérito ao longo dos últimos anos, graças às várias edições e traduções para outras línguas, ao crescimento do movimento negro no Brasil e no estrangeiro e do interesse pela literatura afrodiaspórica. Hoje o romance evaristiano constitui o foco de muitos trabalhos académicos, tanto no contexto brasileiro como internacional. Segundo uma pesquisa efetuada por Elfi Kurten Fenske, *Conceição Evaristo – vivências e memórias poéticas*, concluída no dia 16 de dezembro de 2022 e publicada no site Tempo Cultural Delfos<sup>3</sup>, são 143 (104 dissertações e 39 teses) os trabalhos académicos realizados sobre Evaristo, quer no Brasil quer no estrangeiro. Este é um dado relevante, pois mostra o interesse crescente pela autora e pelas obras literárias que abordam as questões de gênero e de etnia e a diáspora.

---

<sup>3</sup> Cfr. <http://www.elfikurten.com.br/2015/05/conceicao-evaristo.html> (último acesso: 25 jan. 2023).

Nos EUA, Evaristo tem aparecido em muitas publicações sobre estes temas, e também vem sendo estudada em teses de doutoramento (SILVA; VALENTE, 2014, p. 126). Como aponta Stephen M. Hart, professor de estudos hispânicos e latino-americanos no University College London (UCL), Evaristo é reconhecida no contexto literário norte-americano como uma das escritoras afro-brasileiras contemporâneas mais importantes (HART, 2007, p. 279), sendo que, através da sua obra, luta ativamente contra os preconceitos étnico-raciais e de gênero (SILVA; VALENTE, 2014, p. 128). Além disso, Evaristo tem proferido várias palestras no estrangeiro: na 7th International Caribbean Women Writers and Scholars Conference, em Porto Rico; em eventos nas universidades de Yale, Columbia, Tennessee, Brown e Iowa nos EUA; na X Feira Internacional do Livro em Havana, Cuba; no Salão do Livro, em Paris, e muitos mais (VALENTE; CARNEIRO, 2017, p. 717). Também na França a recepção de *L'histoire de Poncia* vem sendo positiva e Evaristo tem recebido muitos elogios pela sua obra. Embora não seja (ainda) uma escritora canônica e as suas obras tenham algumas dificuldades em circular, em parte por terem sido publicadas por editoras pequenas, Evaristo tornou-se ao longo dos anos um ponto de referência para os estudos sobre a negritude e as questões de gênero, ultrapassando as barreiras nacionais através das suas traduções para outras línguas (VALENTE; CARNEIRO, 2017, p. 726).

Além de *Ponciá Vicêncio*, outras obras de Evaristo tiveram uma boa recepção de crítica e de público e ganharam mais edições e traduções para outras línguas. O romance *Becos da memória* tem três edições (2006, Mazza Edições; 2012, Editora Mulheres; 2017, Editora Pallas) e a sua tradução para a língua francesa, *Banzo, mémoires de la favela*, foi publicada em 2016 pela editora Anacaona. A coletânea de poesia *Poemas da recordação e outros movimentos* também teve três edições (2008, Nandyala; 2010; 2017, Malê) e a sua tradução para o francês, *Poèmes de la mémoire et autres mouvements*, surgiu em 2019 pela editora francesa Des Femmes-Antoinette Fouque. A coletânea de contos *Insubmissas lágrimas de mulheres* teve duas edições (2011, Nandyala; 2016, Malê) e a sua tradução para a língua francesa foi publicada em 2017 pela editora Anacaona, com o título *Insoumisses*. A outra coletânea de contos, *Olhos d'água*, obra finalista do Prémio Jabuti de 2015 na categoria “Contos e Crônicas”, foi publicada pela primeira vez em 2014 pela editora Pallas e ganhou mais duas edições, ambas publicadas pela mesma editora, em 2015 e em 2016. Em 2020, a sua tradução para a língua francesa, intitulada *Ses yeux*

*d'eau*, foi publicada pela editora Des Femmes-Antoinette Fouque e, em 2021, ganhou o Prémio de Obra Poética da Academia Claudine de Tencin.

### III.2 Desafios da tradução de *Ponciá Vicêncio*

Uma dificuldade geral no processo tradutório foi encontrar um registo na língua italiana que pudesse ser o mais semelhante possível ao registo original. A autora adota um registo médio, utilizando a variedade linguística padrão do português e alternando o uso duma linguagem mais coloquial e informal, própria da oralidade brasileira, ao uso duma linguagem mais “poética”, caracterizada por uma cuidadosa escolha de termos e pela criatividade. O desafio foi gerado pela tentativa de reescrever o texto de tal forma que estes dois aspetos diferentes, o informal e o “poético”, pudessem coexistir também no texto-alvo, de uma forma equilibrada, sem cair na tentação de elevar o registo. Ressaltamos que, em alguns casos, houve uma perda a nível de registo, como no trecho destacado abaixo, que apresenta um diálogo entre o delegado e o irmão de Ponciá. Trata-se do único diálogo presente no romance em forma de discurso direto, uma vez que a autora recorre, ao longo de toda a narrativa, unicamente ao discurso indireto, livre ou não.

O diálogo em questão mostra claramente a diferença de classe social entre o delegado e Luandi, quase como se fosse uma dicotomia entre cidade e campo, entre privilegiado e não privilegiado, por meio da diferença da variedade linguística entre os dois interlocutores. Diferença que, infelizmente, não foi possível reproduzir no texto-alvo, devido à falta duma variedade linguística semelhante na língua italiana. Como se pode notar, enquanto no texto-fonte é utilizado um registo informal, que um leitor brasileiro reconheceria sem dificuldade, no texto-alvo foi utilizado um registo padrão, o que obviamente resultou numa perda.

– Senhor Luandi José Vicêncio, o senhor está empregado! Empregado aqui na delegacia!

– Empregado? Como? **Fazê o quê? Vesti farda, sê soldado?** (EVARISTO, 2017, p. 44, grifos nossos)

- Signor Luandi José Vicêncio, lei è assunto! Assunto qui in commissariato!

- Assunto? Come? **Per fare cosa? Indossare la divisa, essere un soldato?**

Os parágrafos a seguir, entrando já em questões mais pontuais, têm como objetivo abordar algumas questões relativas à tradução do romance evaristiano para a língua italiana. Partindo do pressuposto de que o processo de tradução não é apenas interlingual, mas também de transferência intercultural (BASSNETT; TRIVEDI 1999, p. 2), deparámo-nos com questões como:

o que faz o tradutor diante de questões complexas e cheias de implicações presentes no texto a ser traduzido, quais são as suas opções enquanto mediador, quais são os prós e os contras de cada possibilidade de tradução, como tratar os elementos sem correspondentes na língua alvo, qual o efeito causado pelas escolhas do tradutor no leitor da tradução, entre outras. (VALENTE, 2013, p. 91)

Tratando-se de uma produção literária repleta de referências históricas e culturais que não têm um equivalente no contexto-alvo, o processo tradutório colocou-nos diante de inúmeros desafios que exigiram escolhas e que comentaremos a seguir.

Os desafios tradutórios que escolhemos comentar, em especial, dizem respeito aos itens culturais específicos e termos-chave, algumas assimetrias sintáticas entre português e italiano e, por fim, o tratamento de termos como “escravo” e “mulato”, que remetem para uma visão discriminatória do sujeito negro e que são atualmente rejeitados pelo movimento negro, envolvendo quem traduz num plano ético.

### **III.2.1 Desafios lexicais: itens culturais específicos e termos-chave**

Entre os desafios enfrentados no processo de tradução de *Ponciá Vicêncio*, há sem dúvida os *realia* ou itens culturalmente específicos. O romance apresenta muitos elementos culturais e históricos, tais como “costumes, alimentos e bebidas, referências culturais históricas, urbanas, regionais e folclóricas” (VALENTE; CARNEIRO, 2016, p. 159), que colocaram consideráveis desafios para a tradução. Ressaltaremos as soluções

encontradas para alguns itens culturais específicos, que serão indicados com a abreviação ICE, com base nas teorias de Javier Franco Aixelá (2013) e Lawrence Venuti (1995), abordagens agrupadas e recategorizadas por Carla Melibeu Bentes (2005).

Os itens culturais específicos, também chamados de itens culturalmente marcados ou itens de especificidade cultural são

aqueles itens textualmente efetivados, cujas conotações e função em um texto-fonte se configuram em um problema de tradução em sua transferência para um texto-alvo, sempre que esse problema for um produto da inexistência do item referido ou de seu status intertextual diferente no sistema da cultura dos leitores do texto-alvo. (AIXELÁ, 2013, p. 193)

Os ICE, ou realia, são palavras ou locuções compostas que designam objetos, conceitos ou fenômenos típicos de um ambiente geográfico, de uma cultura, sociedade ou história de um povo, de uma nação ou de um país, e que, por isso, não têm correspondência precisa noutras línguas (VLAHOV; FLORIN *apud* OSIMO, 2018, p. 112).

Segundo Javier Franco Aixelá (2013, p. 196), várias escolhas de tradução podem ser efetuadas em relação aos ICE, tais como a conservação ou a substituição dos elementos originais por outros mais próximos da cultura-alvo.

As estratégias tradutórias do grupo da conservação são as seguintes: repetição (preservação da referência original), adaptação ortográfica (transcrição ou transliteração, quando a referência no texto-fonte está expressa num alfabeto diferente), tradução linguística (não propriamente cultural, com uma referência denotativa mais próxima do original), explicação extratextual (através de notas de rodapé, notas finais, glossários, comentários ou tradução entre parênteses, grafada em itálico etc.) ou explicação intratextual (parecida com a estratégia anterior, só que incluída numa parte indistinta do texto (AIXELÁ, 2013, p. 196-198).

No grupo da substituição, encontramos as seguintes estratégias tradutórias: sinonímia (uso de sinónimo ou referência paralela), universalização limitada (substituição do ICE por outra referência que pertence também à cultura da língua-fonte, mas que é “mais comum”, mais familiar ao leitor-alvo), universalização absoluta (parecida com a estratégia anterior, só que o tradutor substitui o ICE por uma referência neutra para os seus leitores), naturalização (substituição cultural do ICE), eliminação (omissão do ICE),

criação autónoma (colocação de referências culturais que não se encontram no texto-fonte), compensação (eliminação de um lado e criação autónoma noutra parte do texto, produzindo um efeito afim), deslocação (deslocamento de uma mesma referência para outro ponto do texto) ou atenuação (substituição do ICE considerado “muito forte” por outra referência considerada mais “aceitável”, a nível ideológico, para o leitor-alvo) (AIXELÁ, 2013, p. 199-201).

A abordagem desenvolvida por Lawrence Venuti (1995) assenta nos conceitos elaborados por Friedrich Schleiermacher em *Sobre os diferentes métodos de tradução* (2001), originariamente publicado em 1813. Na sua obra, Schleiermacher (2001, p. 43) afirma que há duas opções na hora de traduzir: “ou o tradutor deixa o autor em paz e leva o leitor até ele; ou deixa o leitor em paz e leva o autor até ele”. Com base nesta conceção, Lawrence Venuti (1995) aponta que, na tradução dos ICE, podem ser utilizadas duas estratégias: a domesticação e a estrangeirização. Segundo o teórico, a adoção da domesticação, que corresponde ao conceito de “deixar o leitor em paz e levar o autor até ele” de Schleiermacher, faz com que a intervenção do tradutor no texto-alvo seja apagada e a diferença linguística e cultural seja anulada. É uma estratégia que prioriza a fluência, a transparência no texto reescrito, para que este último seja inteligível, ou seja, acessível, familiar, para o leitor. Pelo contrário, a prioridade do tradutor que adota a estrangeirização é a visibilidade da sua intervenção no texto-alvo. Trata-se de uma estratégia marcada por uma função política e cultural, de resistência, que busca a manutenção da diferença linguística e cultural, viabilizada no texto traduzido pela presença de elementos não familiares ao leitor (VENUTI, 1995). Valente e Carneiro (2016, p. 161) ressaltam que a preservação dos elementos originais, estranhos para o leitor da cultura recetora, não determina necessariamente a realização de uma tradução não fluente, mas sim um texto traduzido que valorize a diferença através da visibilidade do “outro”.

Venuti salienta que, geralmente, uma tradução é considerada aceitável se o leitor da cultura de receção puder ler o texto traduzido como se tivesse sido escrito na sua própria língua, dado que, muitas vezes, nem sequer considera o facto de que aquela obra seja originária de outra língua e outra cultura (VENUTI, 1995). Segundo o teórico, a aceitabilidade de uma tradução depende da fluência da sua leitura e da ausência de elementos linguísticos e culturais que causem estranhamento na língua alvo (VENUTI, 1995, p. 123). Venuti acredita, porém, na necessidade de uma certa visibilidade do

tradutor no texto-alvo, através da adoção de uma estratégia mais estrangeirizante, para que o leitor possa identificar o texto reescrito como uma tradução, como uma produção proveniente de outra língua e outra cultura (VENUTI, 1995, p. 123), e possa também conhecer um pouco mais sobre a cultura-fonte através do texto traduzido.

Carla Melibeu Bentes (2005) reagrupa as abordagens de Aixelá (2013) e de Venuti (1995), associando as estratégias de conservação e substituição, propostas por Aixelá, às tendências domesticadora e estrangeirizadoras teorizadas por Venuti. Bentes (2005) realiza a agregação das duas teorias excluindo ou reformulando algumas categorias e acrescentando outras, e propõe mais uma tendência, nomeadamente a “tendência híbrida”, adotada pela maioria dos tradutores, e que agrega elementos da tendência domesticadora e da tendência estrangeirizadora (BENTES, 2005, p. 62, p. 67). A pesquisadora agrupa na tendência domesticadora a tradução integral do nome próprio, a tradução linguística, a naturalização, a exclusão e a tradução explicativa (ou perífrase lexical); na tendência estrangeirizadora inclui a repetição e, na tendência híbrida, agrupa a explicação intratextual e a tradução parcial do nome próprio (BENTES, 2005, p. 67).

O nosso processo tradutório foi realizado tendo em consideração o facto de o público leitor-alvo não ser específico, o que nos levou a evitar o recurso a meios como notas de rodapé, notas finais, glossários e afins, a fim de satisfazer os critérios de fluência frequentemente exigidos pelo mercado editorial, e de não causar um estranhamento significativo no leitor-alvo. Ao mesmo tempo, a nossa intenção foi também dar ao leitor italiano/italófono a oportunidade de conhecer um pouco mais sobre a cultura do texto-fonte através da tradução, o que se concretizou na repetição de alguns elementos originais do texto-fonte. Tendo isto em conta, tentámos, portanto, adotar uma combinação de estratégias domesticadoras e estrangeirizantes. A seguir, com base nas teorias acima expostas, ilustraremos e comentaremos as escolhas tradutórias dos ICE na tradução de *Ponciá Vicêncio* aqui proposta, reagrupados nos vários campos semânticos (alimentos e bebidas; antropónimos e topónimos; referencias culturais históricas, urbanas, regionais e folclóricas).

Quanto à tradução dos termos pertencentes ao campo semântico dos alimentos e das bebidas, as estratégias utilizadas foram a repetição em itálico, a sinonímia e a tradução explicativa, como é mostrado na tabela abaixo.



Tabela 1 – Estratégias para a tradução no campo semântico dos alimentos e das bebidas

<b>Estratégia</b>	<b>Texto-fonte (EVARISTO, 2017)</b>	<b>Tradução</b>
Repetição (em itálico)	pequi (p. 9) coco-catarro (p. 9)	<i>pequi</i> <i>coco-catarro</i>
Sinonímia	pinga (p. 11)	cachaça
Tradução explicativa	biscoito frito (p. 10) goiabada (p. 16) garrafada (p. 18) broa de fubá (p. 23) pedaços de rapadura (p. 23) garapa (p. 32) angu (p. 34) melado de rapadura (p. 37)	biscotti di fecola di manioca confettura di guava bevanda medicinale biscotti di farina di mais zollette di zucchero di canna succo di canna da zucchero polenta di farina di mais melassa di zucchero di canna

As plantas de “pequi” e de “coco-catarro” são respetivamente um tipo de “fruta nativa do cerrado brasileiro, muito utilizada na cozinha nordestina, do centro-oeste e norte de Minas Gerais” e “um tipo de palmeira natural do Brasil, cujo nome científico é *Acromia aculeata*” (VALENTE, 2013, p. 91-92). Como se trata de plantas que são peculiares do Brasil e de outros países sul-americanos e das quais um leitor italiano ou italo-fono provavelmente não terá conhecimento, foi utilizada na tradução a estratégia da repetição em itálico, até porque não se encontram palavras equivalentes dicionarizadas na língua italiana. Acreditamos que, neste caso, o uso da repetição não seja problemático para o leitor, em termos de inteligibilidade, pois os nomes das plantas são precedidos, no texto traduzido, pelo substantivo “alberi” (“alberi di *pequi*, di *coco-catarro*”), tal como no texto-fonte (“pés de pequi”, “pés de coco-catarro”) (EVARISTO, 2017, p. 9). Como já explicado acima, tal permite ao leitor identificar o texto traduzido como proveniente de outra língua/cultura e entrar mais em contacto com a cultura-fonte.

No caso de “pinga”, termo coloquial para indicar a cachaça, podemos adotar a estratégia da sinonímia, escolhendo o termo português “cachaça”, sem itálico, porque se encontra dicionarizado na língua italiana, por exemplo no *Grande Dizionario Italiano Hoepli*<sup>4</sup>. A cachaça é uma bebida atualmente conhecida na Itália, provavelmente pelo facto de a caipirinha, feita com cachaça, ter-se tornado popular nos últimos anos. Como ressaltam Valente e Carneiro (2016, p. 164), “este é um exemplo interessante de um ICE

<sup>4</sup> Cfr. [https://www.grandidizionari.it/Dizionario\\_Italiano/parola/C/cachaa.aspx?query=cacha%C3%A7a](https://www.grandidizionari.it/Dizionario_Italiano/parola/C/cachaa.aspx?query=cacha%C3%A7a) (último acesso: 25 jan. 2023).

que, com o passar do tempo, passou a ser compartilhado com outras culturas, afastando a necessidade de lançar mão de outros recursos de conservação ou substituição”.

Os outros ICE, nomeadamente “biscoito frito”, “goiabada”, “garrafada”, “broa de fubá”, “rapadura”, “garapa”, “angu” e “melado de rapadura”, foram traduzidos utilizando a estratégia da tradução explicativa (ou perífrase lexical), uma estratégia “na qual se explica mais que se ‘universaliza’” (BENTES, 2005, p. 65). Como não há termos equivalentes em italiano e preferimos evitar repetir todos *realia* em questão, para não causar estranhamento no texto-alvo, optámos por reformular os ICE do texto-fonte, oferecendo uma explicação destes alimentos e bebidas típicas.

Quanto à tradução de antropónimos e topónimos, a estratégia adotada foi a repetição. Todos os nomes das personagens do romance, nomeadamente “Ponciá Vicêncio”, “Luandi”, “Maria Vicêncio”, “Biliza”, “Nêngua Kainda” e outros nomes de pessoas somente mencionadas no romance, foram mantidos no texto traduzido, tal como se encontram no texto-fonte. Também os nomes de lugares, tal como “Vila Vicêncio”, “Favela do Rato Molhado” e outros, foram repetidos no texto traduzido.

Um nome que foi mais desafiador para a tradução foi “Coronel Vicêncio”. O coronel é uma figura na qual Evaristo cristaliza a representação do poder rural e a exploração da mão de obra dos africanos escravizados nos latifúndios do interior do Brasil. Esta figura simboliza, portanto, no romance, a marca da escravidão e as repercussões sofridas pelos descendentes dos negros escravizados, apesar de o regime escravagista ter sido formalmente abolido. Desde a criação da Guarda Nacional em 1831 até à sua extinção no regime republicano, em todos os municípios brasileiros havia um regimento comandado por líderes locais chamados de coronéis (LEAL, 1975, p. 20-21), “grandes proprietários que procuravam manipular os governos nas primeiras décadas do século XX” (PEREIRA, 2015, p. 188), cujo poder assentava na monocultura escravista. Optou-se por não traduzir o título “coronel” por “colonnello” (“Colonnello Vicêncio”) porque remeteria para um imaginário equívoco na língua/cultura de chegada, não correspondente ao original, dado que o termo italiano “colonnello” em italiano indica um oficial superior que comanda um regimento ou que dirige um serviço equivalente<sup>5</sup>. O termo português “coronel”, embora tenha também uma aceção relacionada com a

---

<sup>5</sup> Cfr., [https://www.grandidizionari.it/Dizionario\\_Italiano/parola/C/colonnello.aspx?query=colonnello](https://www.grandidizionari.it/Dizionario_Italiano/parola/C/colonnello.aspx?query=colonnello) (último acesso: 26 jan. 2023).

hierarquia militar, no caso do romance refere-se à figura acima discutida, isto é, a um chefe político, geralmente dono de plantações, tipicamente do interior do Brasil<sup>6</sup>. Decidimos, portanto, repetir em itálico o termo “coronel” no texto traduzido: “*Coronel Vicêncio*”. Acreditamos que, embora o leitor provavelmente não tenha conhecimento do termo, a sua compreensão será facilitada pelo contexto em que este aparece pela primeira vez no texto, sendo que o “coronel Vicêncio” é definido como “senhor”, um dos “donos das terras e dos homens”, como podemos ver a seguir:

Ponciá Vicêncio sabia que o sobrenome dela tinha vindo desde antes do avô de seu avô [...] O pai, a mãe, todos continuavam Vicêncio. Na assinatura dela, a reminiscência do poderio do **senhor**, um tal coronel Vicêncio. O tempo passou deixando a marca daqueles que se fizeram **donos das terras e dos homens**. (EVARISTO, 2017, p. 19, grifos nossos)

Ponciá Vicêncio sapeva che l’origine del suo cognome risaliva a un tempo anteriore alla nascita del nonno di suo nonno [...] Il padre, la madre, tutti quanti avevano continuato a chiamarsi Vicêncio. La sua firma ricordava il potere del **padrone**, un certo *coronel* Vicêncio. Il tempo era passato lasciando il marchio di coloro che si erano fatti **padroni di terre e di uomini**.

Por outro lado, o termo “coronel”, quando na página 30 do texto-fonte aparece apenas como substantivo que indica, de forma geral, o proprietário das plantações, sem fazer parte, em qualidade de título, do antropónimo ligado à personagem de “Coronel Vicêncio”, foi traduzido por “padrone”.

No caso das referências culturais históricas, urbanas, regionais e folclóricas, as estratégias adotadas foram a repetição, a sinonímia, a tradução explicativa, e outras categorias híbridas, que misturam a tendência domesticadora e a estrangeirizadora, como ilustrado na tabela abaixo:

Tabela 2 - Estratégias para a tradução no campo semântico dos elementos culturais históricos, urbanos, regionais e folclóricos

---

<sup>6</sup> Cfr. <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/coronel> (último acesso: 26 jan. 2023).

<b>Estratégia</b>	<b>Texto-fonte (EVARISTO, 2017)</b>	<b>Tradução</b>
Repetição (em itálico) com explicação intratextual	ideal quilombola (p. 52)	ideale <i>quilombola</i> della resistenza alla schiavitù
Repetição (sem itálico)	fazenda (p. 12)	fazenda
Sinonímia	morro (p. 34)	favela
Tradução explicativa	angorô (p. 9, 28, 81) sinhô-moço (p. 12) sinhozinho (p. 20) coronelzinho (p. 12) senzala (p. 12) quilombos (p. 52)	serpente del cielo/serpente celeste figlio del padrone/padroncino figlio del padrone/padroncino figlio del padrone baracche degli schiavi comunità di neri liberi
Tradução parcial (tradução + repetição em itálico)	Lei Áurea (p. 30)	legge <i>Áurea</i>
Repetição em itálico com explicação intratextual	Ventre Livre (p. 30)	legge del <i>Ventre Livre</i>

Na tradução de “fazenda”, podemos preservar o ICE no texto-alvo utilizando a repetição sem itálico, porque o termo português se encontra dicionarizado na língua italiana, por exemplo no *Grande Dizionario Italiano Hoepli*<sup>7</sup>, no *Treccani*<sup>8</sup> e em outros vocabulários.

O termo “morro”, que geralmente indica um acidente geográfico, uma colina, no romance é sinónimo de “favela”, já que se trata de o lugar onde se encontram as favelas na periferia do espaço urbano brasileiro (VALENTE; CARNEIRO, 2016, p. 168). Sendo, portanto, uma metonímia, optámos por traduzir o termo pelo seu sinónimo “favela”. Evitámos também escrever o vocábulo em itálico, uma vez que se encontra dicionarizado, tal como os termos acima ilustrados (“cachaça” e “fazenda”), na língua italiana, quer no *Grande Dizionario Italiano Hoepli*<sup>9</sup> quer no *Treccani*<sup>10</sup>.

Alguns dos ICE que sofreram uma perda mais significativa, em termos de carga cultural, foram sem dúvida os traduzidos utilizando a estratégia da tradução explicativa,

<sup>7</sup> Cfr. [https://www.grandidizionari.it/Dizionario\\_Italiano/parola/f/fazenda.aspx?query=fazenda](https://www.grandidizionari.it/Dizionario_Italiano/parola/f/fazenda.aspx?query=fazenda) (último acesso: 26 jan. 2023).

<sup>8</sup> Cfr. <https://www.treccani.it/vocabolario/fazenda/> (último acesso: 26 jan. 2023).

<sup>9</sup> Cfr. [https://www.grandidizionari.it/Dizionario\\_Italiano/parola/F/favela.aspx?query=favela](https://www.grandidizionari.it/Dizionario_Italiano/parola/F/favela.aspx?query=favela) (último acesso: 26 jan. 2023).

<sup>10</sup> Cfr. <https://www.treccani.it/vocabolario/favela/> (último acesso: 26 jan. 2023).

nomeadamente “angorô”, “sinhô-moço”, “sinhozinho”, “coronelzinho”, “senzala” e “quilombo”.

Angorô é uma divindade oriunda da tradição angolana, da mitologia bantu, e que faz parte do sistema híbrido de crenças afro-brasileiro denominado Candomblé (MARTÍNEZ-CRUZ, 2007, p. ii), originado pela mistura de elementos das religiões africanas transplantadas no Brasil e da religião católica. Quando os africanos foram trazidos para o continente americano e foram escravizados, sofreram um processo forçado de catequização, sendo que o projeto colonial assentava também no apagamento das raízes africanas e na imposição do catolicismo. Os negros oprimidos transmitiram as crenças, lendas e tradições provenientes da África aos seus descendentes, como forma de resistência à subjugação e de preservação da ancestralidade africana. Angorô, um dos elementos da ancestralidade presentes em *Ponciá Vicêncio*, é “o arco-íris, é o deus serpente que controla a chuva, a fertilidade da terra e, por conseguinte, a prosperidade propiciada pelas boas colheitas” (PRANDI, 2001, p. 21). Prandi (2001, p. 540) acrescenta que “é considerado no candomblé um orixá ‘meta-meta’, isto é, homem e mulher, andrógino”. A este orixá está relacionado o mito do arco-íris, presente no romance evaristiano, segundo o qual quem passasse por debaixo do arco-íris mudaria de sexo: “Juntava, então, as saias entre as pernas tapando o sexo e, num pulo, com o coração aos saltos, passava por debaixo do angorô” (EVARISTO, 2017, p. 9). No texto, a autora indica o “angorô” também por meio de outras palavras relacionadas com esta figura mitológica, nomeadamente “arco-íris”, “cobra celeste”, “colorida cobra do ar” e “arco” (EVARISTO, 2017, p. 9), que são sinónimos; tendo tudo isso em conta, a fim de evitar a repetição no texto traduzido da palavra “angorô”, que causaria estranhamento, optámos por traduzi-la por “serpente del cielo” e “serpente celeste”, utilizando assim uma estratégia que pode ser considerada quer como tradução explicativa quer, num certo sentido, como sinonímia.

Os outros ICE ilustrados na Tabela 2 (“sinhô-moço”, “sinhozinho”, “coronelzinho”, “senzala”, “quilombola” e “quilombo”) são referências culturais históricas, ligadas ao passado escravocrata do Brasil, e constituíram um grande desafio no processo tradutório. Os termos “sinhô-moço” e “sinhozinho”, sinónimos, são formas de tratamentos pelas quais os africanos escravizados no Brasil se dirigiam aos filhos dos senhores; o termo “coronelzinho” é o diminutivo de “coronel”, vocábulo já comentado

acima. Trata-se, portanto, de ICE que indicam o filho do coronel, do dono das plantações, e que, não tendo um equivalente em italiano, justamente, por causa do diferente contexto histórico e cultural, foram traduzidos utilizando a estratégia da tradução explicativa: “figlio del padrone” e “padroncino”. Achámos que, além de “figlio del padrone”, também o termo “padroncino” seria apropriado para o contexto, considerada a definição dicionarizada por *Treccani* que o descreve como jovem senhor, ou o filho dos senhores em idade jovem ou infantil, sendo, especialmente, no passado, uma forma de tratamento reverencial utilizada pelos servos<sup>11</sup>. Apesar da perda da carga cultural específica dos termos do texto-fonte, acreditamos que a nossa escolha tradutória mantém a implicação semântica dos elementos originais, já que também os termos italianos “figlio del padrone” e “padroncino” se referem a um sistema baseado nas relações de poder e na subjugação.

O termo “senzala”, que indica o conjunto de alojamentos para os escravos de uma fazenda ou casa senhorial, foi traduzido por “baracche degli schiavi”, utilizando a estratégia da tradução explicativa. A opção tradutória “baracche” baseia-se na escolha de evitar o uso de um termo genérico e desprovido de uma conotação marcada, tal como “casa” ou “abitazione”, e de realçar o aspeto dilapidado da moradia em que os negros escravizados foram forçados a viver.

Os termos “quilombola” e “quilombos” foram traduzidos adotando duas categorias diferentes. Decidimos repetir, em itálico, o adjetivo “quilombola”, acrescentando uma explicação intratextual; quanto a “quilombos”, optámos pela tradução explicativa, como se pode ver a seguir:

De que adiantara a coragem de muitos em escolher a fuga, de viverem o **ideal quilombola**? De que valera o desespero de Vô Vicêncio? Ele, num ato de coragem-covardia, se rebelara, matara uns dos seus e quisera se matar também. O que adiantara? A vida escrava continuava até os dias de hoje. Sim, ela era escrava também. Escrava de uma condição de vida que se repetia. Escrava do desespero, da falta de esperança, da impossibilidade de travar novas batalhas, de organizar novos **quilombos**, de inventar outra e nova vida. (EVARISTO, 2017, p. 52, grifos nossos)

A cosa era servito il coraggio di molti di scegliere la fuga, di vivere secondo l'**ideale quilombola della resistenza alla schiavitù**? A cosa era valsa la disperazione di Nonno Vicêncio? In un atto di coraggio-codardia, si era ribellato, aveva ucciso alcuni dei suoi cari e aveva voluto uccidersi anche lui. A cosa era servito? La vita schiava continuava tuttora. Sì, anche lei era una schiava. Schiava di una condizione di vita che si ripeteva.

---

<sup>11</sup> Cfr. <https://www.treccani.it/vocabolario/padroncino/> (último acesso: 27 jan. 2023).

Schiava della disperazione, della mancanza di speranza, dell'impossibilità di combattere nuove battaglie, di organizzare nuove **comunità di neri liberi**, di inventarsi un'altra e nuova vita.

No caso de “ideal quilombola”, optámos pela adoção duma estratégia híbrida, ou seja, a repetição em itálico (“ideal *quilombola*”) com explicação intratextual (“della resistenza alla schiavitù”), por duas razões: evitar causar estranhamento no texto traduzido e, ao mesmo tempo, evitar apagar este referente estrangeiro tão importante não só para a história e a cultura afro-brasileira, mas também para o enredo do romance. Portanto, acreditámos que seria apropriado preservar este ICE no texto traduzido, mesmo acrescentando a explicação. O termo “quilombos” possui uma forte implicação sociopolítica no contexto histórico-cultural afro-brasileiro, já que é considerado um símbolo de resistência à escravidão, de rebelião dos negros escravizados contra o sistema escravocrata brasileiro da luta contra o poder colonial (ARAÚJO, 2012, p. 163). Também no romance, o quilombo, como símbolo de resistência à opressão e à exclusão, assume uma forte relevância, pois o enredo é permeado pela denúncia social e pela luta de Ponciá Vicêncio, dos seus familiares e das outras personagens afro-brasileiras em nome da resistência e da busca da liberdade. No caso de “quilombos”, optámos por utilizar a estratégia da tradução explicativa, traduzindo o termo por “comunità di neri liberi”.

Quanto às outras referências culturais históricas, nomeadamente a Lei Áurea e o Ventre Livre, foram traduzidas utilizando duas categorias tradutórias híbridas: respetivamente, a tradução parcial (tradução + repetição em itálico) e a repetição em itálico com explicação intratextual. Assim, optámos por traduzir “Lei Áurea” por “legge *Áurea*” e “Ventre Livre” por “legge del *Ventre Livre*”. No primeiro caso, mantivemos o nome da lei original, mas especificando do que se trata através da tradução de “Lei” para o italiano, de modo que a referência estrangeira fosse menos obscura para o leitor da cultura recetora. Pela mesma razão, no segundo caso, acrescentámos no texto traduzido o substantivo “legge”, a fim de especificar a referência original. A Lei Áurea, promulgada em 13 de maio de 1888 e precedida pela Lei do Ventre Livre, promulgada em 28 de setembro de 1871, constituem os mitos fundadores nos quais o Brasil construiu a ideologia da democracia racial (MARTÍNEZ-CRUZ, 2007, p. iv). Embora a Lei do Ventre Livre tivesse libertado os filhos de mulheres escravizadas nascidos a partir da sua promulgação, e embora, quase duas décadas depois, a Lei Áurea tivesse extinguido a

escravidão no Brasil, tratou-se, no entanto, de uma mera formalidade. Esta é uma questão que marca presença no romance e que a autora condena através da narração da história de Ponciá, dos seus familiares e antepassados. A abolição da escravatura não pôs realmente fim ao regime escravagista, que persistia na sociedade brasileira através da exploração do trabalho negro nas plantações, através das desigualdades e das discriminações raciais, tanto a nível institucional como interpessoal. A perpetuação da escravatura e da opressão é demonstrada pela trágica história de Vô Vicêncio, que após a venda de quatro dos seus filhos nascidos após a assinatura da Lei do Ventre Livre, num ato de frustração e rebelião mata a sua esposa e tenta suicídio, acabando por mutilar o seu braço e por perder a sua sanidade mental. Como já exposto no capítulo introdutivo, a loucura do avô e o trauma da escravidão representam a herança de Ponciá, que depois de muitas tribulações consegue recuperar a sanidade só graças à elaboração da memória traumática e ao reencontro com a ancestralidade africana.

Outra dificuldade surgiu da tradução de “homem de Ponciá”, por causa da ambiguidade do substantivo “homem”. O termo poderia ser traduzido por “marito di Ponciá”; no entanto, refletimos sobre o facto de que no romance não está presente referência alguma à institucionalização da relação da protagonista Ponciá com “o seu homem”. Considerada a importância, para o enredo, da manutenção do significante “homem de Ponciá”, que permanece inominado ao longo da narrativa, achámos que a tradução desta expressão por “marito di Ponciá” promoveria a “destruição das redes significantes subjacentes”, que constituem algumas das “faces da rítmica e da significância da obra” (BERMAN, 2007, p. 56). No texto-fonte, a escolha da autora de atribuir ao parceiro de Ponciá o estatuto de “homem” e não de “marido” tem uma implicação semântica ligada à precariedade das condições de vida da protagonista, à sua marginalização e ao seu desamparo. Isto se reflete na convivência e no relacionamento com o seu homem, caracterizado pela violência doméstica e pela falta de comunicação e compreensão. Trata-se, portanto, duma escolha deliberada e determinante, sendo que o uso do substantivo “homem”, em vez de “marido”, permite à voz narrativa enfatizar a distância emocional e afetiva entre Ponciá e o seu parceiro. Além disso, o termo “homem” faz parte do conjunto de termos-chave, tais como “morro” e “barraco”, que transmitem uma sensação de instabilidade na narrativa, já que “a relação de Ponciá com seu homem apresenta o mesmo aspeto de fragilidade (emocional e jurídica) tal qual podemos dizer



do aspeto (fisicamente) frágil de um barraco em uma favela” (ARAÚJO, 2012, p. 157). Evidências subtis da falta de oficialização do relacionamento dos dois podem ser encontradas ao longo do romance, após uma análise do texto mais detalhada. O termo “marido” aparece no texto só no caso de “homens de poder”, ou seja, políticos (EVARISTO, 2017, p. 57) e maridos de patroas (EVARISTO, 2017, p. 61), sujeitos não marginalizados e que gozam de uma certa estabilidade sob vários pontos de vista. Outra evidência pode ser encontrada noutra passagem do romance, em que o homem, através do discurso indireto livre, se refere a Ponciá definindo-a “companheira” (EVARISTO, 2017, p. 67). Tendo em conta as considerações anteriores, decidimos, portanto, traduzir “homem de Ponciá” por “uomo di Ponciá”.

### **III.2.2 Assimetrias sintáticas**

No que diz respeito à estrutura sintática, no texto traduzido foi mantida quase integralmente a estrutura sintática do texto-fonte, evitando uma reestruturação sintática massiva, muitas vezes efetuada pelos tradutores através da junção de frases, do acréscimo de conetivos ou de pontuação, ou do deslocamento de frases (VALENTE; CARNEIRO, 2016, p. 169). No texto-fonte, a autora preferiu o uso de frases curtas e com poucos conetivos, que remete à oralidade e ao fluxo de pensamento da protagonista, das outras personagens e do narrador em terceira pessoa. Portanto, considerada a importância destas características da escrita do romance, no processo de tradução tentámos reescrever o texto buscando a preservação do discurso oral e do fluxo de consciência.

Um elemento crítico que constituiu um desafio foi a tradução de alguns tempos verbais presentes no texto-fonte, em particular no que diz respeito à tradução para a língua italiana de tempos verbais do passado, que em italiano corresponderiam, naquele contexto, ao “trapassato remoto”, mas que no texto-fonte aparecem no pretérito perfeito. A ocorrência desta assimetria é acentuada por dois fatores, nomeadamente a informalidade e a oralidade que caracterizam a narrativa do romance e, sobretudo, os constantes fluxos de consciência e deslocamentos temporais com que a voz narradora conta a história, ou melhor, as várias histórias. Como já mencionámos, a narração dos factos não ocorre de forma cronológica linear, mas sim numa oscilação significativa entre

passado e presente, em que realidade e imaginação, pensamentos e memórias se misturam. Para que os tempos verbais, no texto-alvo, respeitassem a anterioridade e a posterioridade dos acontecimentos, alguns que no texto-fonte aparecem no pretérito perfeito foram traduzidos utilizando o “trapassato remoto” italiano. Destacamos abaixo alguns exemplos contidos num trecho, em que a voz narradora se refere ao pai de Ponciá.

Tivera vários sentimentos em relação ao homem. Quando menino, ainda pequeno, tivera, talvez, medo, respeito, amor. Depois de tudo, pavor, ódio, e vergonha, muita vergonha quando o pai **começou** a rir e a chorar ao mesmo tempo, como também a dizer coisas não inteligíveis. À medida que o velho piorava, **começou** a desejar ardentemente que ele morresse. **Chegou** um dia até a pensar em matá-lo. Sabia que a vida dele estava por um triz, bastava um empurrão, seria só recordar o fato. Várias vezes tentou fazer isso. (EVARISTO, 2017, p. 15, grifos nossos)

Aveva provato sentimenti contrastanti nei confronti dell'uomo. Quando era ancora un bambino piccolo, forse aveva provato timore, rispetto, amore. E poi terrore, odio e vergogna, tanta vergogna, quando il padre **aveva cominciato** a ridere e a piangere contemporaneamente, oltre a dire cose incomprensibili. Man mano che le condizioni del vecchio peggioravano, **aveva iniziato** a desiderare ardentemente che morisse. Un giorno **era persino arrivato** a pensare di ucciderlo. Sapeva che la sua vita era appesa a un filo, bastava uno spintone, bastava solo rievocare quell'evento. Più volte tentò di farlo.

Como mostrado no trecho acima, os tempos verbais “começou”, presente duas vezes, e “chegou” foram traduzidos por “aveva cominciato”, “aveva iniziato” e “era arrivato”. A escolha de traduzir os tempos verbais no pretérito perfeito como se estivessem no pretérito-mais-que-perfeito, permitiu-nos evitar interpretações erradas no leitor do texto-alvo em relação à ordem cronológica de ocorrência dos acontecimentos narrados.

### III.2.3 Algumas escolhas tradutórias para uma tradução militante

No processo tradutório, decidimos reformular alguns termos, nomeadamente “escravo” e “mulato”, que remetem ao trauma do passado escravocrata, através de uma das estratégias adotadas pelas tradutoras feministas para refletir as suas intenções políticas, ou seja, o “hijacking” (“sequestro” do texto), que pode ser considerado uma

espécie de “correção” ideológica. (VON FLOTOW, 1991, p. 79). O uso desta estratégia permite a intervenção do tradutor no texto, através duma reformulação de certos termos, a fim de tornar a sua presença visível, como um ato de resistência, o que remete para os conceitos elaborados por Venuti (1995), anteriormente discutidos. Decidimos modificar estes termos por duas razões; em primeiro lugar, para atender às solicitações do movimento negro relativamente ao uso de um tipo de linguagem que sempre foi utilizada, mas que carrega a marca do passado escravocrata e, portanto, precisa de ser revisitada; em segundo lugar, para desencadear no leitor uma reflexão sobre outras formas de se referir às pessoas escravizadas, no caso de “escravo/a”, e às de ascendência africana, no caso de “mulato/a”.

Sublinhamos que esta proposta de tradução já pode ser considerada um ato de militância em si, dado que se trata de uma obra escrita por uma autora afrodescendente, que faz parte de uma vertente literária ainda periférica como a da literatura afro-brasileira. Traduzir a obra de uma mulher, negra e de origem favelada como Conceição Evaristo, que apesar da receção positiva da sua produção literária ainda não é considerada uma escritora canónica no panorama literário e editorial brasileiro, significa dar visibilidade, através da tradução para outra língua, a um sujeito marginalizado durante séculos, que procura fazer ouvir a sua voz através da escrita. A nossa expectativa, em que se baseia o desenvolvimento do presente trabalho, é de que a tradução e eventual divulgação da obra no contexto italiano possa contribuir para promover o conhecimento da literatura afrodescendente (neste caso, afro-brasileira), oferecer uma narrativa do Brasil livre de qualquer exotismo, solicitar o debate sobre a questão racial e colonial até agora ignorada ou minimizada na sociedade italiana, e exortar à necessária e gradual descolonização da língua e, sobretudo, do pensamento.

Como já mencionado no início do parágrafo, para a reformulação dos termos em questão, fizemos uso de uma das estratégias desenvolvidas nas teorias de tradução feministas, o “hijacking”, empregando o seu aspeto subversivo em chave antirracista. A adoção desta estratégia permite que o ato tradutório atue não só como uma simples transposição linguística, mas como um instrumento de subversão (ADAMO, 2019, p. 152). Deste modo, como afirma Sherry Simon, o tradutor não age como mediador ingénuo, mas assume uma posição militante, através da reescrita e manipulação do texto

e, portanto, do uso da língua no sentido de uma intervenção cultural (MORENO; OLIVEIRA, 2000, p. 134).

Como observa Louise von Flotow (1991, p. 74), as tradutoras feministas intervêm no texto utilizando várias estratégias, tais como a complementação (*supplementing*), a utilização de prefácios ou notas de rodapé (*prefacing and footnoting*) e o “sequestro” do texto (*hijacking*). Através da estratégia do hijacking, que, como já mencionamos, pode ser considerada uma espécie de “correção”, o tradutor realiza um processo de desconstrução e reformulação de certos termos ou expressões do texto-fonte, tornando-se, em certo sentido, o seu coautor (BUONSANTE, 2020, p. 98).

No que diz respeito à palavra “escravo”, Harkot de La Taille e Santos afirmam que este termo “conduz ao efeito de sentido de naturalização e de acomodação psicológica e social à situação” e que “seu emprego contribui arditamente para a anistia dos agentes do processo histórico de desumanização, despersonalização e de espoliação identitária do escravo ou ex-escravo” (HARKOT DE LA TAILLE; SANTOS, 2012, p. 8). Os dois autores sugerem, portanto, a substituição do termo “escravo” pelo termo “escravizado”, que “modifica a carga semântica e denuncia o processo de violência subjacente à perda da identidade” e marca “a arbitrariedade e o abuso da força dos opressores” (HARKOT DE LA TAILLE; SANTOS, 2012, p. 8-9). Com base nestas reflexões, decidimos substituir os termos “escravos” e “ex-escravos” por outras expressões que responsabilizam os agentes do processo de escravidão. Não adotamos a tradução literal de “escravizado” (“*schiaivizzato*”), mas sinónimos, expressões com o mesmo valor semântico, tais como “*ridotto in schiavitù*” o “*reso schiavo*”, que nos pareceram mais adequadas ao registo do romance e respeitadas das escolhas certamente conscientes da sua autora. Sublinhamos que, em algumas passagens, deixámos no texto traduzido o termo tal como se encontra no texto-fonte, sem reformulações, para não produzir em italiano um efeito forçado ou pouco natural.

A outra reformulação efetuada diz respeito ao termo “amulatado”, um adjetivo que indica uma pessoa “que tem cor ou feições de mulato”<sup>12</sup>. A palavra “mulato” deriva do animal híbrido “mulo”<sup>13</sup>, o cruzamento estéril entre burro e cavalo, e nasceu durante a época colonial na América Latina para indicar as pessoas nascidas da união entre os

---

<sup>12</sup> Cfr. <https://www.dicio.com.br/amulatado/> (último acesso: 27 jan. 2023).

<sup>13</sup> Cfr. <https://www.dicio.com.br/mulata/> (último acesso: 27 jan. 2023).

conquistadores ou colonos europeus e as populações deportadas de África e escravizadas no “novo continente”. O termo tem atualmente uma conotação pejorativa e sugere-se a substituição da palavra por “mestiço”<sup>14</sup>. Considerada a sua etimologia, o termo carrega em si o trauma da escravidão, uma vez que a união entre cavalo e burra remete à união entre o homem branco colonizador e a mulher negra colonizada, vítima de estupro. Além da animalização, a palavra sugere também a inferiorização do sujeito negro, uma vez que o cavalo, que simboliza o homem branco, é considerado superior ao burro, que simboliza a mulher negra. O termo “mulato” é rejeitado pelo movimento negro não só dos países do continente americano, mas também dos da Europa, tanto pelo seu valor depreciativo como pelas dinâmicas que caracterizam um momento histórico que os europeus ainda não conseguiram realmente enfrentar e reparar. Os afrodescendentes rejeitam hoje este termo para se descreverem e a sua rejeição é um dos passos necessários para afirmar a sua identidade complexa e multiforme e para descolonizar a língua. Como bell hooks (1989, p. 16) afirma: “The oppressed struggle in language to recover ourselves, to reconcile, to reunite, to renew. Our words are not without meaning, they are an action, a resistance. Language is also a place of struggle”.

Na língua italiana, “mulatto” (“mulato”) e “meticcio” (“mestiço”) são os termos utilizados na Itália colonial para designar os filhos de uniões mistas e, atualmente, estas expressões são consideradas ofensivas (BARRERA, 2002, p. 22), já que ambos os termos remetem ao mundo animal. O termo italiano “mulatto”<sup>15</sup> tem a mesma aceção do português “mulato”; o termo “meticcio”<sup>16</sup> em italiano tem a mesma conotação pejorativa de “mulatto”, sendo que geralmente indica o cão de raça mista, e se for utilizada para se referir a uma pessoa, seria depreciativo, uma forma de animalização e desumanização. Tendo em conta estas considerações, optámos por traduzir “amulato” por “nero di pelle chiara” (“negro de pele clara”), expressão retirada da explicação da origem do termo “mulata”, apresentada por Djamila Ribeiro (2018, p. 141): “empregado desde o período colonial, o termo era usado para designar negros de pele mais clara”.

Realizámos uma tabela para mostrar as diferentes perceções que o leitor do texto-alvo pode ter ao ler uma tradução literal dos termos do texto-fonte e ao ler uma tradução subversiva, baseada nas reflexões acima expostas.

---

<sup>14</sup> Cfr. <https://www.dicio.com.br/mulato/> (último acesso: 27 jan. 2023).

<sup>15</sup> Cfr. <https://www.treccani.it/vocabolario/mulatto/> (último acesso: 27 jan. 2023).

<sup>16</sup> Cfr. <https://www.treccani.it/vocabolario/meticcio/> (último acesso: 27 jan. 2023).

Tabela 3 - Comparação entre uma tradução literal e uma tradução militante no que diz respeito aos termos problemáticos “escravo” e “mulato”.

Texto-fonte (EVARISTO, 2017)	Tradução literal	Tradução por “hijacking”
Filho de <b>ex-escravos</b> , crescera na fazenda levando a mesma vida dos pais. Era pajem do sinhô-moço. Tinha a obrigação de brincar com ele. Era o cavalo em que o mocinho galopava sonhando conhecer todas as terras do pai (p. 12)	Figlio di <b>ex-schiavi</b> , era cresciuto nella fazenda conducendo la stessa vita dei genitori. Era il paggio del figlio del padrone. Aveva l’obbligo di giocare con lui. Era il cavallo su cui il ragazzino galoppava sognando di esplorare tutte le terre del padre.	Figlio di <b>persone un tempo ridotte in schiavitù</b> , era cresciuto nella fazenda conducendo la stessa vita dei genitori. Era il paggio del figlio del padrone. Aveva l’obbligo di giocare con lui. Era il cavallo su cui il ragazzino galoppava sognando di esplorare tutte le terre del padre.
O tempo passava e ali estavam os <b>antigos escravos</b> , agora libertos pela “Lei Áurea”, os seus filhos, nascidos do “Ventre Livre” e os seus netos, <b>que nunca seriam escravos</b> (p. 30)	Il tempo passava ed eccoli ancora lì <b>gli ex-schiavi</b> , ora liberati dalla legge <i>Áurea</i> , i loro figli nati dopo la legge del <i>Ventre Livre</i> e i loro nipoti, <b>che non sarebbero mai stati degli schiavi</b> .	Il tempo passava ed eccoli ancora lì <b>i neri prima resi schiavi</b> , ora liberati dalla legge <i>Áurea</i> , i loro figli nati dopo la legge del <i>Ventre Livre</i> e i loro nipoti, <b>che non sarebbero mai stati ridotti in schiavitù</b> .
No primeiro dia de trabalho de Luandi José Vicêncio na delegacia, chegou um molecote acusado de roubo. Era um rapaz <b>meio amulatado</b> de olhos claros, que tinha sido pilhado rondando o armazém dos espanhóis, que ficava bem perto da delegacia. (p. 45)	Il primo giorno di lavoro di Luandi José Vicêncio in commissariato, arrivò un giovanotto accusato di furto. Era un ragazzo <b>un po’ mulatto</b> , dagli occhi chiari, che era stato sorpreso ad aggirarsi nella bottega degli spagnoli, che si trovava molto vicino al commissariato.	Il primo giorno di lavoro di Luandi José Vicêncio in commissariato, arrivò un giovanotto accusato di furto. Era un <b>ragazzo nero dalla pelle</b> e dagli occhi chiari, che era stato sorpreso ad aggirarsi nella bottega degli spagnoli, che si trovava molto vicino al commissariato.

Lendo as duas traduções (literal e militante) dos termos problemáticos em questão, ligados ao passado traumático da escravidão e a todas as formas de discriminação que daí advieram e persistem até hoje, é possível perceber que a tradução literal resulta na redução dos negros e dos afrodescendentes a sujeitos privados da sua dignidade humana, no caso de “escravo”, e a sujeitos racializados e animalizados, no caso de “mulato”. A adoção da estratégia do “hijacking”, emprestada das teorias de tradução feministas acima

mencionadas, permitiu-nos substituir e reformular estes termos a fim de evitar a “naturalização da condição cativa” dos que sofreram escravização (HARKOT DE LA TAILLE; SANTOS, 2012, p. 3) e a desumanização provocada por certos termos utilizados para se referir à etnia das pessoas de ascendência africana. Através da nossa intervenção militante no texto, tentámos levar a cabo as mudanças necessárias, a nível discursivo, para uma narração mais justa e respeitosa, e potenciar o ato de resistência que caracteriza a obra traduzida e todas as literaturas marginais, como a afro-brasileira.





## CONCLUSÕES

A tradução de *Ponciá Vicêncio* para a língua italiana, de que apresentámos a nossa proposta neste trabalho, não foi um processo fácil, mas sim bastante desafiador, devido aos elementos peculiares que amiúde caracterizam as obras da literatura afro-brasileira. O romance apresenta muitas referências típicas da história e da cultura (afro)brasileira, que não têm um equivalente na língua/cultura italiana e, portanto, requerem uma escolha cuidadosa por parte do tradutor.

Os desafios que decidimos focar no comentário que acompanha a proposta de tradução são, em particular, os itens culturais específicos (ICE) ou *realia*, ou seja, palavras ou expressões que designam objetos, conceitos ou fenómenos típicos de um ambiente geográfico, de uma cultura, sociedade ou história de um povo, de uma nação ou de um país, e que, por isso, não têm correspondência precisa noutras línguas (OSIMO, 2018, p. 112); alguns aspetos semânticos, como os decalques de alguns tempos verbais e a perda de algumas marcas de oralidade, como na tradução do diálogo entre Luandi e o delegado; por fim, as palavras “escravo/a” e “mulato/a”, que hoje são rejeitadas pelo movimento negro, uma vez que remetem para uma visão estereotipada e discriminatória do sujeito negro, causando a sua desumanização.

Como o romance tem uma dimensão política de denúncia da opressão e marginalização do sujeito negro, decidimos traduzir estes termos reformulando-os, com base numa atitude militante e antirracista, a fim de ir ao encontro dos pedidos do movimento negro, problematizar e descolonizar a linguagem e sensibilizar o público-alvo italiano em relação às questões étnico-raciais, cujo debate em Itália é ainda escasso. Apesar de realizar a tradução tendo em vista um leitor médio não específico e respeitando o critério de fluência geralmente pedido pelo mercado editorial, preferimos evitar a repetição, no texto-alvo, de algumas referências originais que provocariam um estranhamento significativo no leitor e o recurso a elementos paratextuais, tais como notas de rodapé, notas finais e glossários, a fim de proporcionar um texto cuja leitura não resultasse “fragmentada” ou “interrompida”.

Na tradução, tentámos seguir uma estratégia híbrida, tal como formulado por Bentes (2005), através da adoção de estratégias tanto de conservação como de

substituição, segundo a abordagem teórica de Aixelá (2013), ou tanto estrangeirizadoras como domesticadoras, segundo a abordagem teórica de Venuti (1995). O nosso propósito foi tentar alcançar um equilíbrio entre um tipo de tradução normalmente encorajado pelo mercado editorial, ou seja, mais domesticadora e fluente, e um tipo de tradução mais estrangeirizadora, tal como encoraja Venuti (1995), para que o texto traduzido fosse inteligível para o leitor italiano, mas ao mesmo tempo não excessivamente empobrecido, dando assim ao leitor-alvo a possibilidade de ter acesso à cultura do texto-fonte e de identificar o texto como uma produção oriunda de outra língua/cultura.

Como vimos ao longo desta pesquisa, a trajetória de Conceição Evaristo, mulher, negra e de origem favelada, é marcada pela sua constante e teimosa luta, na vida cotidiana, na sociedade e no meio literário, acadêmico e editorial, para adquirir visibilidade e reconhecimento e sair do lugar de subalternidade preestabelecido pela elite. Apesar das dificuldades, ela conseguiu destacar-se no cenário brasileiro e no estrangeiro, utilizando a militância, a escrita e a publicação como armas desta luta, uma vez que tanto o ato da escrita como o da publicação, se realizados por vozes emudecidas durante séculos como as das mulheres negras, se tornam verdadeiros atos políticos. No conto intitulado “A gente combinamos de não morrer”, que faz parte da sua coletânea *Olhos d’Água*, a autora afirma que “escrever é uma maneira de sangrar” (EVARISTO, 2016, p. 109), sendo que, através da narrativa, as autoras afro-brasileiras tentam lidar com o trauma do passado escravocrata, cujos vestígios persistem na sociedade atual. Além disso, escrever é também uma maneira de cicatrizar as feridas do passado e do presente, porque, apesar de o processo de reelaboração e superação do trauma por parte dos sujeitos negros ser complexo e doloroso, a escrita não só permite “apaziguar um pouco a dor” (EVARISTO, 2020b, p. 219), mas pode-se tornar agente de mudança sociocultural e instrumento de resistência contra as desigualdades e a subalternização.

Tal como Ponciá utiliza a arte do barro para curar o trauma da escravidão e preservar a ancestralidade africana contra o apagamento atuado pelos colonizadores, Conceição Evaristo e outras autoras negras utilizam a arte da escrita como resgate social e cultural, para romper com as barreiras erguidas pela classe dominante branca e masculina e rebelar-se contra o silêncio imposto ao longo dos séculos, tornando-se portavozes dos sujeitos marginalizados. Da mesma forma, ao desenvolver este trabalho, o nosso objetivo e desejo foi a possibilidade, através da tradução da obra evaristiana para o

italiano e da sua eventual divulgação, de agir como amplificador da voz das autoras afrodescendentes como a de Evaristo, para que possa ecoar noutros contextos e assim sensibilizar o maior número de pessoas possível. Acreditamos que, com o avanço da militância antirracista a nível internacional, inclusive no contexto italiano, as literaturas marginais como as afrodescendentes podem pouco a pouco ganhar mais visibilidade e reconhecimento.

A Itália é por enquanto um país pouco habituado a enfrentar o seu passado colonial, desconhecido ou minimizado pela maioria, e o seu conseqüente racismo estrutural, visível em muitos aspetos da sociedade: na legislação relativa à cidadania dos afro-italianos e aos fluxos migratórios, nos preconceitos e na discriminação diária contra os migrantes negros ou contra os italianos de ascendência africana, no “caporalato”, ou seja, a exploração da mão de obra negra nos campos, uma verdadeira forma de neoescravidão. Em casos como este, onde uma mudança sociocultural se torna cada vez mais urgente, a literatura pode atuar como um instrumento político e terapêutico, encorajando o conhecimento do “outro” e a abertura de espírito. Além disso, esperamos que a tradução e a difusão da literatura afro-brasileira, para as quais contribuímos com o presente trabalho, possam trazer à tona novas narrativas que normalmente não encontram espaço na narração oficial nacional, e possam apresentar ao leitor italiano a realidade (afro)brasileira, sem que esta seja sujeita, como frequentemente acontece, à exotização ou à estereotipação.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADAMO, Sergia. Tutti femministi: della traduzione come attivismo linguistico. In: ADAMO, Sergia; ZANFABRO, Giulia; TIGANI SAVA, Elisabetta. *Non esiste solo il maschile. Teorie e pratiche per un linguaggio non discriminatorio da un punto di vista di genere*. EUT Edizioni Università di Trieste, 2019. 147-165. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10077/27158>. Último acesso: 17 fev. 2023.
- AIXELÁ, Javier Franco. Itens culturais-específicos em tradução. Traduzido por Mayara Matsu Marinho e Roseni Silva. In-*Traduções*, Florianópolis, 2013, 5.8: 185-218. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/mod/resource/view.php?id=2581762>. Último acesso: 18 jan. 2023.
- ARAÚJO, Rosângela de Oliveira Silva. *A Escrivivência de Conceição Evaristo em Ponciá Vicêncio: encontros e desencontros culturais entre as versões do romance em português e em inglês*. Tese de Doutorado em Letras, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/6199>. Último acesso: 27 jan. 2023.
- BALDO, Heloisa Gaiardo. Memórias da escravidão e ancestralidade em Ponciá Vicêncio de Conceição Evaristo. *Litterata: Revista do Centro de Estudos Hélio Simões*, 2017, 7.1: 83-103. Disponível em: <http://periodicos.uesc.br/index.php/litterata/article/view/1517>. Último acesso: 10 jan. 2023.
- BARRERA, Giulia. Patrilinearità, razza e identità: l'educazione degli italo-eritrei durante il colonialismo italiano (1885-1934). *Quaderni storici*, 2002, 37.1: 21-53. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/43779325>. Último acesso: 27 jan. 2023.
- BASSNETT, Susan; TRIVEDI, Harish. Introduction: of colonies, cannibals and vernaculars. IN: BASSNETT, Susan; TRIVEDI, Harish (Eds.). *Post-colonial*

- Translation: Theory and Practice*. London & New York: Routledge, 1999. 1-18.  
Disponível em:  
<http://online.kottakkalfarookcollege.edu.in:8001/jspui/bitstream/123456789/1726/1/Post%20colonial%20translation.pdf>. Último acesso: 16 fev. 2023.
- BENTES, Carla Melibeu. *Clifford Landers: tradutor do Brasil*. Dissertação de Mestrado em Letras – Estudos da Linguagem, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2005.
- BERMAN, Antoine. *A tradução e a letra ou o albergue do longínquo*. Traduzido por HC Torres, M. Furlan, A. Guerini. Rio de Janeiro: 7Letras, 2007. Disponível em:  
[http://www.letras.ufmg.br/padrao\\_cms/documentos/profs/romulo/bermanantoine atraducaoaletraouoalberguedolonginquo.pdf](http://www.letras.ufmg.br/padrao_cms/documentos/profs/romulo/bermanantoine atraducaoaletraouoalberguedolonginquo.pdf). Último acesso: 27 jan. 2023.
- BERND, Zilá. *Introdução à literatura negra*. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- BUONSANTE, Giorgio. *Da che luogo parli? Djamilia Ribeiro, lugares de fala em tradução*. Dissertação de Mestrado em Lingue e Letterature europee, americane e postcoloniali, Università Ca' Foscari, Venezia, 2020. Disponível em:  
<http://hdl.handle.net/10579/17469>. Último acesso: 27 jan. 2023.
- CADERNOS NEGROS, 1. São Paulo: Edição dos Autores, 1978.
- CONCEIÇÃO, Jônatas; SIQUEIRA, Maria de Lourdes. *África ventre fértil do mundo*. Salvador: Associação Cultural Bloco Carnavalesco Ilê Aiyê, 2001. (Caderno de Educação do Ilê Aiyê, v. IX).
- CRUZ, Flávio Prates; JESUS NETO, João Santos de. A memória e ancestralidade presente no romance Ponciá Vicêncio de Conceição Evaristo. *Humanidades & Inovação*, 2020, 7.3: 180-184. Disponível em:  
<https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/1473/1404>. Último acesso: 11 jan. 2023.
- DAVIES, Carole Boyce (Ed.). *Encyclopedia of the African Diaspora: Origins, Experiences, and Culture*. Santa Barbara: ABC-CLIO, 2008. 3 volumes.
- DU BOIS, William Edward Burghardt. *Dusk of dawn: An autobiography of a race concept*. *WEB Du Bois: Writings*. New York: Library of America, 1940.

- DUARTE, Eduardo de Assis. O Bildungsroman afro afro-brasileiro de-brasileiro de Conceição Evaristo. *Estudos Feministas*, 2006, 14.1: 305-323. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2006000100017>. Último acesso: 8 fev. 2023.
- DUARTE, Eduardo de Assis. Passado, Presente e Futuro: Cadernos Negros 40. *Literafro: UFMG*, 2018. Disponível em: <http://www.lettras.ufmg.br/literafro/arquivos/resenhas/poesia/CadernosNegros40resenha.pdf>. Último acesso: 12 jan. 2023.
- DUARTE, Eduardo de Assis. Por um conceito de literatura afro-brasileira. *Rassegna iberistica*, 2014, 102: 259-279. Disponível em: <http://doi.org/10.14277/2037-6588/29p>. Último acesso: 13 fev. 2023.
- EVARISTO, Conceição. *Conceição Evaristo por Conceição Evaristo*. Depoimento cedido durante o I Colóquio de Escritoras Mineiras, realizado em maio de 2009, na Faculdade de Letras da UFMG. Disponível em: <http://www.lettras.ufmg.br/literafro/autoras/188-conceicao-evaristo>. Último acesso: 15 fev. 2023.
- EVARISTO, Conceição. Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado. *Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020a. 48-54. Disponível em: <https://www.itausocial.org.br/wp-content/uploads/2021/04/Escrevivencia-A-Escrita-de-Nos-Conceicao-Evaristo.pdf#page=49>. Último acesso: 16 fev. 2023.
- EVARISTO, Conceição. Da representação à auto-apresentação da mulher negra na literatura brasileira. *Revista Palmares*, 2005, 1.1: 52-57. Disponível em: <https://www.palmares.gov.br/sites/000/2/download/52%20a%2057.pdf>. Último acesso: 13 fev. 2023.
- EVARISTO, Conceição. Gênero e Etnia: uma escre(vivência) de dupla face. In: SCHNEIDER, Liane; MOREIRA, Nadilza Martins de Barros (Orgs.). *Mulheres no mundo: etnia, marginalidade e diáspora*. 2ª ed. João Pessoa: Editora do CCTA, 2020b. 219-229. (Coleção Pós Letras, v. 5). Disponível em: <https://www.ufpb.br/editoraccta/contents/titulos/letras-1/mulheres-no->

[mundo-etnia-marginalidade-e-diaspora-2a-edicao/vol-05-mulheres-no-mundo-final.pdf](#). Último acesso: 16 fev. 2023.

EVARISTO, Conceição. *Ponciá Vicêncio*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Pallas Editora, 2017.

EVARISTO, Conceição. *Olhos d'água*. Rio de Janeiro: Pallas Editora, 2016.

FENSKE, Elfi Kürten. *Conceição Evaristo: vivências e memórias poéticas*. Templo Cultural Delfos, janeiro/2023. Disponível em: <http://www.elfikurten.com.br/2015/05/conceicao-evaristo.html>. Último acesso: 15 fev. 2023.

GORDON, Avery. *Ghostly Matters: Haunting and the Sociological Imagination*. Minneapolis and London: University of Minnesota Press, 1997.

HARKOT-DE-LA-TAILLE, Elizabeth; SANTOS, Adriano Rodrigues dos. Sobre escravos e escravizados: percursos discursivos da conquista da liberdade. *Simpósio Nacional Discurso, Identidade e Sociedade*, 2012, 3. Disponível em: [https://www.iel.unicamp.br/sidis/anais/pdf/HARKOT\\_DE\\_LA\\_TAILLE\\_ELIZABETH.pdf](https://www.iel.unicamp.br/sidis/anais/pdf/HARKOT_DE_LA_TAILLE_ELIZABETH.pdf). Último acesso: 14 fev. 2023.

HART, Stephen. *A Companion to Latin American Literature*. New York: Boydell & Brewer, 2007.

HOOKS, Bell. Choosing the margin as a space of radical openness. *Framework: The Journal of Cinema and Media*, 1989, 36: 15-23. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/44111660>. Último acesso: 27 jan. 2023.

IANNI, Octavio. Literatura e consciência. *Estudos afro-asiáticos*, 1988, 15: 208-217.

LEAL, Victor Nunes. *Coronelismo, enxada e voto*. São Paulo: Alfa-Ômega, 1975.

LIMA, Omar da Silva. *O comprometimento etnográfico afro-descendente das escritoras negras Conceição Evaristo & Geni Guimarães*. Tese de Doutorado em Literatura, Universidade de Brasília, 2009. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/4137>. Último acesso: 13 fev. 2023.

LOBO, Luiza. *Crítica sem juízo*. 2ª ed. revista. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.



- MACHADO, Bárbara Araújo. “Escre(vivência)”: a trajetória de Conceição Evaristo. *História oral*, 2014, 17.1: 243-265. Disponível em: [https://daffy.ufs.br/uploads/page\\_attach/path/9129/Sociologia\\_1e.pdf](https://daffy.ufs.br/uploads/page_attach/path/9129/Sociologia_1e.pdf). Último acesso: 8 fev. 2023.
- MARTÍNEZ-CRUZ, Paloma. “Introduction.” In: EVARISTO, Conceição. *Ponciá Vicêncio*. Traduzido por Paloma Martínez-Cruz. Austin: Host Publications, 2007. i-vi.
- MELO, Tatiana Soledade Delfanti. *A Vila Santa Isabel na Avenida Afonso Pena: a experiência positiva da moradia popular em região central de Belo Horizonte*. Dissertação de Mestrado em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Minas Gerais, 2012. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1843/BUOS-8TRHEG>. Último acesso: 9 fev. 2023.
- MORENO, Silene; OLIVEIRA, Paulo. Da servilidade da tradução subversiva: servir a quem, por quê?. *ALFA: Revista de Linguística*, número especial, 2000. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/4285>. Último acesso: 27 jan. 2023.
- OHMER, Sarah Soanirina. *Re-membering trauma in the flesh: literary and performative representations of race and gender in the Americas*. 2012. Doctoral dissertation. University of Pittsburgh. Disponível em: <http://d-scholarship.pitt.edu/id/eprint/11443>. Último acesso: 16 fev. 2023.
- OSIMO, Bruno. *Manuale del traduttore: guida pratica con glossario*. Terza Edizione. Milano: Hoepli, 2018.
- PEREIRA, Victor Hugo Adler. “É a terra que querias ver dividida”: a questão fundiária na literatura brasileira. *Soletras*, 2015, 29: 186-205.
- PINA, Maria da Graça Gomes de. Conceição Evaristo, Ponciá Vicêncio, Rio de Janeiro, Pallas, 2017. *Confluenze. Rivista Di Studi Iberoamericani*, 2021, 13.2: 497-502. Disponível em: <https://doi.org/10.6092/issn.2036-0967/12709>. Último acesso: 13 fev. 2023.
- PRANDI, Reginaldo. *Mitologia dos orixás*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

- PROENÇA FILHO, Domício. A trajetória do negro na literatura brasileira. In: SANTOS, Joel Rufino dos (org.). Negro Brasileiro Negro. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional do Ministério da Cultura*, (25):159-77, 1997. Disponível em: [http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/RevPat25\\_m.pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/RevPat25_m.pdf). Último acesso: 16 fev. 2023.
- RIBEIRO, Djamila. *Quem tem medo do feminismo negro?*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- RODRIGUES, Paula; CABRERA, Rômulo. 61ª edição do Prêmio Jabuti dá mais espaço a autores negros e periféricos. *Ecoa*, 29/11/2019. Disponível em: <https://www.uol.com.br/ecoa/ultimas-noticias/2019/11/29/em-noite-de-homenagem-a-conceicao-evaristo-premio-jabuti.ht/>. Último acesso: 15 fev. 2023.
- SANTOS, Elisângela da Silva. Pelos fios da memória: infância e ancestralidade em “Ponciá Vicêncio”. *Anuário de Literatura*, 2019, 24.2: 42-58. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/literatura/article/view/2175-7917.2019v24n2p2/41877>. Último acesso: 12 jan. 2023.
- SCHLEIERMACHER, Friedrich. Sobre os diferentes métodos de tradução. In: HEIDERMAN, Werner (Org.). *Clássicos da teoria da tradução*. Florianópolis: UFSC-Núcleo de Tradução, 2001. v. 1, p. 27-87.
- SILVA, Luciana de Mesquita; VALENTE, Marcela Iochem. Narrativas no espelho: algumas considerações sobre a recepção de O olho mais azul, de Toni Morrison, e Ponciá Vicêncio, de Conceição Evaristo. *Caderno de Letras (UFPEL)*, 2014, 23: 109-138. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/cadernodeletras/article/view/5290/3957>. Último acesso: 26 jan. 2023.
- VALENTE, Marcela Iochem. *A tradução e a construção de imagens culturais: Ponciá Vicêncio, de Conceição Evaristo, e sua tradução para o inglês*. Tese de Doutorado em Estudos da Linguagem, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. 2013. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/23224/23224.PDF>
- VALENTE, Marcela Iochem; CARNEIRO, Teresa Dias. L’histoire de Poncia: um caso de literatura afro-brasileira traduzida na França. *O eixo e a roda: Revista de*

*Literatura Brasileira*, 2016, 25.1: 157-175. Disponível em: [http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/o\\_eixo\\_ea\\_roda/article/viewFile/10120/9671](http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/o_eixo_ea_roda/article/viewFile/10120/9671). Último acesso: 14 fev. 2023.

VALENTE, Marcela Iochem; CARNEIRO, Teresa Dias. Literatura afro-brasileira rompendo barreiras através da tradução: algumas considerações sobre a recepção de Ponciá Vicêncio na França. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, 2017, 56: 711-728. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/010318138648176244411>. Último acesso: 27 jan. 2023.

VENUTI, Lawrence. A invisibilidade do tradutor. Traduzido por Carolina Alfaro. *Revista paLavra*, Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 1995, 3.1: 111-134.

VON FLOTOW, Luise. Feminist translation: contexts, practices and theories. *TTR: traduction, terminologie, rédaction*, 1991, 4.2: 69-84. Disponível em: <https://www.erudit.org/en/journals/ttr/1991-v4-n2-ttr1475/037094ar/>. Último acesso: 16 fev. 2023.

## SITOGRAFIA

Priberam Dicionário:

<https://dicionario.priberam.org/>

DICIO – Dicionário online de português:

<https://www.dicio.com.br/>

Grandi dizionari online:

<https://www.grandidizionari.it/>

Infopédia – Dicionários Porto Editora:

<https://www.infopedia.pt/>

Treccani:

<https://www.treccani.it/>

WorldCat:

<https://www.worldcat.org/it>



## AGRADECIMENTOS

À minha Orientadora Vanessa Castagna e à minha Coorientadora Mônica Simas, pela competência, pela disponibilidade, pela dedicação e pelo apoio que me deram na realização deste trabalho.

À minha família, o pilar dos meus dias, por me apoiar sempre, por me ajudar a levantar-me quando caio, por compreender as minhas fragilidades e as transformar em força.

Ao meu namorado, pelo seu amor, pelo seu apoio quotidiano, pela motivação que demos uma ao outro para terminarmos os nossos percursos e pela alegria de alcançarmos e celebrarmos juntos os nossos objetivos.

À Universidade de Ca' Foscari, pelas oportunidades que me deu ao longo destes anos, por todas as coisas que aprendi durante este maravilhoso caminho.

A Lisboa, por me ter oferecido a melhor experiência de estudo e aventura que poderia ter pedido, embora na altura estivesse no meio de uma pandemia. Nos meus olhos ainda brilha a sua luz.

A Veneza, por ter sido a minha casa durante estes fantásticos anos, pelo seu silêncio noturno e pelo suave balanço das gôndolas sobre a água, nos quais eu encontrava a minha paz quando algo me perturbava. Pelos spritz diante do pôr do sol à beira do canal e pelas pessoas especiais que me fez encontrar. Cada uma delas me deixou algo que sempre levarei dentro de mim e que fez de mim o que sou hoje. Será sempre o meu lar.

Aos meus amigos e amigas de longa data, por estarem sempre ao meu lado, apesar de vivermos em lugares espalhados por toda a Itália. A vossa presença na minha vida e a nossa amizade são para mim um porto seguro.

Aos amigos e amigas que viveram comigo estes anos venezianos, pelos dias de estudo desesperado na biblioteca, pelas conversas infinitas bebendo café, pelas noites loucas, pelas alegrias e tristezas partilhadas. Vocês são e serão para sempre um dos

capítulos mais belos da minha vida, a memória agridoce que me faz sorrir e me comove ao mesmo tempo, o mais precioso legado deste caminho agora concluído.